



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

EDILSON TARGINO DE MELO FILHO

OS EGRESSOS DO PPGCI/UFPB:
representações, perfil e trajetórias profissionais

JOÃO PESSOA
2014

EDILSON TARGINO DE MELO FILHO

OS EGRESSOS DO PPGCI/UFPB:

representações, perfil e trajetórias profissionais

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito final a obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Área de Concentração: Informação, Conhecimento e Sociedade.

Linha de Pesquisa: Memória, Organização, Acesso e Uso da Informação.

Orientador: Prof. Dr. Edvaldo Carvalho Alves

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Melo Filho, Edilson Targino de.
M528e Os egressos do PPGCI/UFPB: representações, perfil e trajetórias profissionais / Edilson Targino de Melo Filho. — João Pessoa, 2014.
175f.: il. color.

Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, João Pessoa, 2014.

Área de concentração: Informação, Conhecimento e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Edvaldo Carvalho Alves.

Referências: p. 152-160.

1. Ciência da Informação. 2. Estudos de Egressos. 3. Atuação profissional. I. Título. II. Alves, Edvaldo Carvalho.

CDU: 02 (043)

Bibliotecário Edilson Targino de Melo Filho – CRB 15/686

EDILSON TARGINO DE MELO FILHO

OS EGRESSOS DO PPGCI/UEPB:

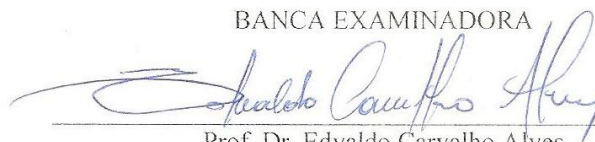
representações, perfil e trajetórias profissionais

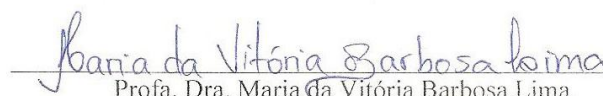
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito final a obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

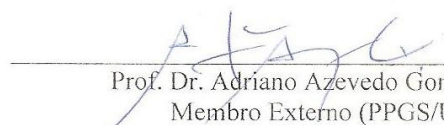
Linha de Pesquisa: Memória, Organização, Acesso e Uso da Informação.

Aprovada em: 27 / 02 / 2014.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Edvaldo Carvalho Alves
Orientador (PPGCI/UEPB)


Profa. Dra. Maria da Vitória Barbosa Lima
Membro Interno (PPGCI/UEPB)


Prof. Dr. Adriano Azevedo Gomes de León
Membro Externo (PPGCI/UEPB)

Profa. Dra. Maria Elizabeth Baltar Carneiro de Albuquerque
Membro Substituto Interno (PPGCI/UEPB)

Prof. Dr. José Washington de Moraes Medeiros
Membro Substituto Externo (UEPB)

Ao meu Pai Edilson Targino de Melo (*in memoriam*).
À minha mãe Maria Silva de Melo.
Às minhas irmãs Raquel Melo (bibliotecária) e Rute Melo.
À minha sobrinha e afilhada Sophia Melo.

AGRADECIMENTOS

Dizer obrigado parece uma tarefa tão simples quanto à leitura de livro. Por falar em leitura, sempre que tenho a oportunidade de ler trabalhos acadêmicos ou mesmo livros antes mesmo de iniciar a introdução vou aos agradecimentos, sei que o autor dispensou certo tempo para pensar naqueles que o ajudaram na construção daquele trabalho e em meio aquelas palavras estão seus sentimentos de gratidão, amor, seus dramas e alegrias, seus humores que através das palavras se externalizam para também emocionar o leitor.

Sempre que me deparo com este momento lembro-me que corro sérios riscos de esquecer alguém, que por ventura esteve ao meu lado nesta jornada, mesmo que indiretamente, distante fisicamente, mas que me acompanhou em orações, palavras de incentivo e a compreensão nas minhas ausências tão necessárias para a dedicação a esta pesquisa.

Por isso, mesmo correndo este risco, vou me aventurar a citar alguns nomes, àqueles que por ventura esqueci, peço que me perdoem.

Agradeço:

A **Deus**, que me concedeu o dom da vida e por este motivo pude galgar perspectivas melhores, buscando outros horizontes, avançando para águas sempre mais profundas, procurando superar as adversidades que a própria vida nos impõe.

Ao meu pai, **Edilson Targino de Melo** (*in memoriam*), que mesmo na ausência física pude perceber ao longo dos anos sua presença carinhosa, passados 15 anos da sua passagem concluo mais um grau acadêmico, sonhado primeiramente pelo meu pai.

À minha mãe, **Maria Silva de Melo**, que soube educar os filhos com maestria, ensinando-os o caminho da retidão e permitindo que alçassem voos mais altos.

À minha irmã, **Raquel Maria Silva de Melo** – bibliotecária, soube ensinar-me compreender melhor minhas fraquezas, transformando-as em inspiração para ir além do horizonte. À minha sobrinha e afilhada **Sophia Melo**, que mesmo sem compreender as inquietudes do seu tio, soube aliviar as tensões que a pesquisa trazia, seu jeito carinho e meigo foi meu conforto ao longo deste caminho.

À minha irmã, **Rute Silva de Melo**, seu jeito estressante de ser, mas não menos preocupada com a apreensão do irmão no decorrer da pesquisa.

À minha família (avós, tias, primos e primas) que apesar da distância sei que torceram e torcem pelo sucesso de toda a família, obrigado pelo carinho que sempre foi dispensado a mim.

À minha namorada, **Karla Reino**, quando chegou, a jornada já tinha sido iniciada, soube compreender todas as ausências, as aflições sempre incentivando e dando força, mesmo quando estas pareciam ter se esvaído.

Às minhas amigas da graduação, **Daiana, Ediene, Helloyse, Estela** que desde então me acompanham e a cada dia, a cada ano só fortalecem ainda mais a amizade.

Aos professores **Luciana Ferreira da Costa e Alan Curcino** (UFAL), pude contar com o apoio de vocês desde quando decidir enfrentar esta empreitada, obrigado pela troca de informações, pela formação e pelo carinho.

Ao meu orientador, **prof. Dr. Edvaldo Carvalho Alves**, sua parceria no desenvolvimento deste trabalho intelectual foi extremamente importante, obrigado por caminhar junto com seus orientandos, sem seu apoio a jornada seria mais difícil.

Aos membros da banca, **Dra. Maria da Vitória Barbosa Lima e Dr. Adriano De Leon**, pela participação, interesse, disponibilidades e pelas valiosas contribuições e sugestões para o enriquecimento desta pesquisa, aproveito para agradecer também aos membros suplentes, **Dra. Maria Elizabeth Baltar Carneiro de Albuquerque e Dr. José Washington de Moraes Medeiros**, pela leitura e comprometimento.

Aos **professores e professoras** do PPGCI, pela inestimável convivência, pelas conversas nos corredores nos quais os canais informais puderam se efetivar, possibilitando a troca de experiências e o compartilhamento de conhecimento.

Aos funcionários, **Elton** e **Franklin**, pela presteza no atendimento sempre quando necessário.

À minha querida amiga parceira de estudo, no mestrado e nos concursos, **Robéria Andrade**, pela sua exatidão, pela busca constante do conhecimento, pelo compartilhamento das experiências e das dúvidas, das alegrias e das tristezas, tenho certeza que com nossa força de vontade conquistaremos nosso lugar ao sol.

À **Dayana Pessoa**, por ter me acompanhado, por saber partilhar da sua vida e escutar a minha, por compreender as minhas fraquezas, e acima de tudo ter aceitado, inconscientemente, ser minha a irmã. Suas conquistas são motivadoras!

Aos amigos da turma que fazem parte do “círculo de Viena”, grupo criado carinhosamente durante esta jornada para discutir os textos, aprofundar questões enfim para compartilhar as experiências e angústias vividas: **Claudio Augusto, Dayana Pessoa, Jobson Francisco, Jussara Ventura, Lúcia Maranhão, Mayra Mesquita, Názia Holanda, Nonato Ribeiro, Robéria Andrade** e por fim, mas não menos importante, **Leyde Klébia** uma prima que encontrei no mundo acadêmico e que está sempre disposta a ajudar sem olhar a quem.

Aos demais amigos do mestrado que souberam também compreender as ansiedades uns dos outros, na certeza de que a célebre frase “juntos somos mais” faz sentido, quando de fato nos unimos e nos tornamos mais forte: **Angélica Simões, Antônio Ricardo, Fabiana Lazzarin, Livia Pacheco, Luiz Eduardo, Mariana Cantisani, Naiany Carneiro, Sale Mário, Sandra Lima, Sandrine Braz, Sara Perez, Susiquine Silva, Wendia Oliveira**.

Se torna praticamente impossível agradecer a todas as pessoas que contribuíram e torceram para que esta vitória fosse alcançada, portanto sou obrigado a agradecer a todos que direta ou indiretamente estiveram comigo durante estes dois anos, agradecer inclusive às pessoas que não torceram por mim, ou que não acreditaram porque delas veio também o estímulo de continuar, de perseverar e finalmente realizar o sonho que sonhei antes mesmo de saber se seria possível.

Quem pensa que quem credencia uma boa universidade são seus “campi”, seus edifícios, laboratórios, e até mesmo sua biblioteca, está equivocada. Nem sequer são seus professores e os alunos. **O que credencia uma boa universidade é o produto, a ciência, os egressos.** Se existem excelentes egressos, existe uma excelente Universidade. Se eles são ruins e medíocres, a Universidade é ruim e medíocre, não vale à pena fazer um tremendo esforço para sustentá-la. Se não somos capazes de melhorá-la, fechamo-la com honradez e fazemos coisas mais sérias.

(HOYOS, 1998, p. 37, grifo nosso).

RESUMO

O processo de globalização da sociedade forçou fortes mudanças nos perfis de atuação profissionais. As mudanças ocorridas no processo de atuação do profissional ao longo dos anos modificaram seu *status quo*, e somente com a identificação dessas modificações pode-se entender as formas de atuação do profissional da informação. A pesquisa busca descrever a trajetória profissional e as representações sociais, em relação ao curso, dos egressos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba (PPGCI/UFPB), que defenderam suas dissertações no período de 2008-2013. De natureza quali-quantitativa e tipo descritiva, utilizou-se questionários como forma de coleta de dados e a técnica de categorização, presente na análise de conteúdo, para tratamento e apreciação dos dados. Os resultados apontam para uma boa projeção do PPGCI/UFPB, mostram ainda que 65% dos egressos são do sexo feminino, estes têm sua trajetória profissional marcada pelo relacionamento dos conhecimentos teóricos e práticos adquiridos durante a formação e a atuação profissional. A grande maioria dos egressos (76%) estava inserida na Ciência da Informação antes do ingresso no Programa. As principais motivações para o ingresso no PPGCI/UFPB estão relacionadas ao aperfeiçoamento profissional, a familiaridade com as temáticas abordadas no âmbito do Programa, além da perspectiva de progressão funcional ao término da formação. O PPGCI/UFPB tem uma boa conceituação por parte dos seus egressos, 55,8% considera a formação “boa” e acreditam que a projeção nacional do Programa favorece a busca pela formação e, portanto, permite a consolidação de bases teóricas por parte do seu corpo docente. Pode-se afirmar que os egressos do Programa estão inseridos em áreas relacionadas com a Ciência da Informação, seja no campo técnico e/ou acadêmico, esta inserção ocorreu devido, também, à formação acadêmica. Desta forma, os sujeitos estão exercendo suas atividades nas seguintes áreas: biblioteconomia, arquivologia, tecnologia da informação, comunicação e gestão da informação. Conclui-se que, a partir da ótica dos egressos, pode-se visualizar a prática da formação acadêmica aplicada pelos programas de pós-graduação e, certamente, possibilita que os egressos respondam aos anseios da pós-formação, contribuindo para o processo de melhoria e aperfeiçoamento dos programas.

Palavras-chave: Ciência da Informação. Estudos de egressos. Atuação profissional. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação.

ABSTRACT

Globalization has forced strong changes in the professional actuation profiles. Changes occurred in the professional actuation process along the years have modified their *status quo*, and only with the identification of these modifications it can be understood the ways of actuation of the information professional. The research aims to describe the professional trajectory and the social representations in relation to the course of the egresses of the Postgraduate Program in Information Science of the Federal University of Paraíba (PPGCI/UFPB), who presented their dissertations from 2008 to 2013. It is a qualitative and quantitative research of descriptive type, which used questionnaires in the data collection. It is also used the categorization technique, from content analysis, for the treatment and assessment of the data. The results appoints to a good projection of the PPGCI/UFPB. They also show that 65% of the egresses are women who have their professional trajectory marked by the relationship of theoretical and practical knowledge acquired during their formation and professional actuation. The vast majority of the egresses (76%) were inserted in Information Science before entering in the Postgraduate Program. The main motivations for entering in the PPGCI/UFPB are related to professional development, the familiarity with the thematic approached in this Postgraduate Program, and the perspective of career progression after conclude the course. The PPGCI/UFPB has a good conceptualization among their egresses. 55.8% of them consider the formation “good” and believe that the national projection of the Postgraduate Program favors the search for formation. Therefore, it permits the consolidation of theoretical basis by part of its teaching staff. It can be affirmed that the egresses of the Postgraduate Program are inserted in areas related to Information Science, either in technical or academic field, and this insertion also occurred due to the academic formation. This way, the subjects are exercising their activities in the following areas: Librarianship, Archivology, Information Technology, Communication and Information Management. It is concluded that, according to the view of egresses, it can be visualized the practice of academic formation applied to the Postgraduate Programs and, certainly, enables the egresses answer the longings of post-formation, contributing to the process of improvement and betterment of the programs.

Keywords: Information Science. Egresses studies. Professional actuation. Postgraduate Program in Information Science.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Cor da pele dos egressos PPGCI/UFPB	86
Gráfico 2 – Estado civil dos egressos PPGCI/UFPB	87
Gráfico 3 – Naturalidade dos egressos por região geográfica	88
Gráfico 4 – Local de moradia atual dos egressos por estado	89
Gráfico 5 – Cidade onde morava os egressos durante o curso no PPGCI/ UFPB	90
Gráfico 6 – Natureza das bolsas de pesquisa	95
Gráfico 7 – Disposição à realização do doutorado no PPGCI/UFPB	120
Gráfico 8 – Conceito em relação à formação no PPGCI/UFPB	130
Gráfico 9 – Conceito quanto à relação entre PPGCI/UFPB e os egressos	131

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Curso de graduação dos egressos do PPGCI/ UFPB	91
Tabela 2 – Tempo despendido para obtenção da titulação de mestre	94
Tabela 3 – Período de vigência das bolsas de pesquisa	96
Tabela 4 – Ocupação profissional dos egressos quando da entrada no PPGCI/ UFPB	97
Tabela 5 – Cursos de pós-graduação <i>lato sensu</i> dos egressos do PPGCI/UFPB	100
Tabela 6 – Forma de inserção na CI antes do ingresso no PPGCI/UFPB	102
Tabela 7 – Disposição à realização do doutorado no PPGCI/UFPB por sexo	121
Tabela 8 – Motivação para a continuidade na linha de pesquisa, caso venha a realizar o doutorado no PPGCI/ UFPB	126
Tabela 9 – Motivação para mudar de linha de pesquisa, caso venha a realizar o doutorado no PPGCI/ UFPB	127
Tabela 10 – Relação entre linha de pesquisa e conceito quanto à formação recebida no PPGCI/UFPB	131
Tabela 11 – Sugestões de melhorias da relação PPGCI/UFPB e os egressos	139

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Diferenças entre representações coletivas e individuais	42
Quadro 2 – Cursos e Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação e correlatos no Brasil, por cronologia de implantação	68
Quadro 3 – Atuação profissional dos egressos antes da entrada no PPGCI/UFPB	103

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANCIB	Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação
C,T&I	Ciência, Tecnologia e Inovação
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEP	Comitê de Ética de Pesquisa
CI	Ciência da Informação
CMCI	Curso de Mestrado em Ciência da Informação
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
EAD	Educação a distância
EG	Egresso
ENANCIB	Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
FAPEMA	Fundação de Amparo à pesquisa e ao desenvolvimento científico e tecnológico do Maranhão
FDC	Fundação Dom Cabral
IBBD	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação Científica e Tecnológica
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
MEC	Ministério da Educação
NDIHR	Núcleo de Documentação e Informação História Regional
PDE	Plano de Desenvolvimento da Educação
PNPG	Plano Nacional de Pós-Graduação
PPGCI	Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação
PPGs	Programas de Pós-Graduação
PROCAD	Programa Nacional de Cooperação Acadêmica
PUCCAMP	Pontifícia Universidade Católica de Campinas
PUC-Minas	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
REUNI	Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais
SNPG	Sistema Nacional de Pós-Graduação

TIC	Tecnologia da informação
TRS	Teoria das Representações Sociais
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UnB	Universidade de Brasília
UNESP	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
UNIRIO	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
2	TRILHA METODOLÓGICA	23
2.1	NATUREZA DA PESQUISA	25
2.2	RECORTE EMPÍRICO E SUJEITOS DA PESQUISA	28
2.3	INSTRUMENTOS E TÉCNICA DE COLETA DE DADOS	30
2.4	PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DOS DADOS	32
3	REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	36
3.1	MÉTODO DA TRS: ancoragem e objetivação	45
4	A PÓS-GRADUAÇÃO NO BRASIL	50
4.1	A PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NO BRASIL	62
4.2	A PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NA UFPB: histórico do PPGCI	73
5	OS ESTUDOS SOBRE EGRESSOS DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO	77
5.1	EGRESSOS DA PÓS-GRADUAÇÃO	79
5.2	EGRESSOS DA PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO ..	80
6	DECODIFICANDO OS DADOS DA PESQUISA	84
6.1	PERFIL SOCIO ECONOMICO E CULTURAL DOS EGRESSOS PPGCI/UFPB	85
6.2	TRAJETÓRIA E FORMAÇÃO PROFISSIONAL DOS EGRESSOS PPGCI/UFPB	93
6.3	AS ELEMENTARIEDADES DAS MOTIVAÇÕES DOS EGRESSOS DO PPGCI/UFPB	114
7	REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS EGRESSOS PPGCI/UFPB EM RELAÇÃO AO CURSO/PROGRAMA	129
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	144
	REFERÊNCIAS	152
	APÊNDICES	161
	ANEXOS	168

1 INTRODUÇÃO

Conhecer o indivíduo não é naturalizá-lo, mas chegar ao princípio que, para além da diversidade das manifestações fenomenais acessíveis à observação, lhe confere sua unidade sistemática, [...] [ou seja,] idéia de que existe, para cada indivíduo, uma estrutura geral do comportamento. (PINTO, 2000, p. 45).

O cenário atual em que os profissionais estão inseridos se encontra em constante mudança. As formas tradicionais de construção e preservação das memórias e das identidades se tornaram plurais e multifacetadas, este processo tem acarretado profundas transformações no exercício e na prática de várias profissões.

O advento das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) na década de 1990 proporcionou uma nova perspectiva de atuação profissional que acompanhou o processo de globalização.

Diversos autores como: Tarapanoff (1989), Targino (1997), Souza (2001), Walter e Batista (2007), entre outros, abordam em suas pesquisas a questão profissional, forma de atuação, perfil e competências que incluem a formação da identidade profissional a partir do contexto histórico em que este profissional está inserido.

As profundas transformações vivenciadas pela sociedade ainda continuam ocorrendo. Tal fato configura uma realidade denominada de sociedade da informação. “A sociedade da informação é o espaço em que se torna universal o acesso aos conteúdos de informação dos estoques de documentos para todos os habitantes de uma realidade” (BARRETO, 2002). Esses estoques de informação serão universalizados à medida que o profissional esteja habilitado para tal atividade. Para isso é necessário adotar um caráter de psicoadaptação na atuação profissional, de forma que os desenvolvimentos das capacidades técnicas e cognitivas estejam a favor do profissional.

Esse profissional, multifacetado, levanta questões inerentes às competências requeridas e as áreas de atuação. O profissional da Informação pode atuar em diversos campos profissionais, de onde brota também a ideia da existência de processo de interação desse profissional com outros provenientes de campos diferentes, mas que tem como insumo de trabalho a informação. Isto reforça a necessidade das academias atentarem para uma formação cada vez mais multidisciplinar.

Numa perspectiva histórica, as profissões e, por conseguinte seus profissionais sofreram alterações na forma de atuação segundo Abbott (1988), o conjunto das profissões forma um sistema. E nesse sistema, as profissões dividem espaços, mais ou menos legitimados e reconhecidos socialmente, de acordo com o poder que cada uma possui, oriundo de seu processo histórico de controle e sistematização de um saber específico. De acordo com este autor, o sistema seria uma espécie de estrutura que relaciona, de forma hierarquizada e assimétrica, as profissões entre si, de tal maneira que a alteração em uma parte afetaria as demais, principalmente aquelas que se relacionam mais diretamente com a que sofreu inicialmente as alterações¹. Desta forma, fica claro que os limites – ou jurisdições na terminologia de Abbott (1988) –, dos campos profissionais estão sempre em mutação, dependentes que são da dinâmica das relações entre as diversas profissões.

Por outro lado, dada às limitações da memória humana, o homem procurou outras formas de armazenar “conhecimento”. O resultado dessa incessante busca foi denominado de memórias artificiais. Essa procura levou a criação de instituições de memórias: arquivos, bibliotecas e museus, cujo desenvolvimento e sistematização das técnicas aplicadas por estas instituições, originaram novas áreas do saber: Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia.

A memória por muito tempo foi considerada algo divino, que elevava os mortais ao mundo das divindades e com o passar dos tempos ela passa por um processo de laicização desempenhando um importante papel no desenvolvimento das ideias. Neste sentido, a memória é entendida como “a capacidade humana de reter fatos e experiências do passado e retransmiti-los às novas gerações [...] graças a um conjunto de funções psíquicas.” (OLIVEIRA; RODRIGUES, 2008, p. 3). Ou seja, a memória perpassa os processos cognitivos, porque, em alguns casos, é instituída de maneira inconsciente.

A Ciência da Informação (CI) deve estar preocupada em esclarecer um “problema social concreto, o da informação, e voltada para o ser social que procura informação, situa-se no campo das ciências sociais que são o meio principal de acesso a uma compreensão do social e do cultural” (LE COADIC, 2004, p. 19). Ao

¹ Importante frisar que as alterações tanto podem ter causas endógenas como exógenas, uma vez que dentro do campo interno a uma profissão sempre existe uma luta entre concepções, ideias, práticas e técnicas concorrentes, que aspiram à hegemonia. Para maiores esclarecimentos sobre a dinâmica interna dos campos de saber, ver Bourdieu (1989) “O poder simbólico”.

esclarecer o problema enunciado por Le Coadic a CI discute a prática profissional, tendo em vista que os problemas pressupõem soluções práticas, e para tanto é necessário adentrar ao contexto social em que o profissional está inserido.

Nesta perspectiva Robredo (2003, p. 81) afirma “A Ciência da Informação deveria incluir um forte componente da ciência social – a sociologia do uso da informação.” O autor aponta para o norte em que a informação deverá ser tratada levando em consideração seus arcabouços sociais, incluindo os diálogos entre os sujeitos que interagem com os sistemas de informação, bem como entre os sujeitos que produzem e mediam o processo de formação do conhecimento cognitivo.

Ademais a CI procura viabilizar práticas e técnicas de formação profissional, em que o sujeito pode incutir formas de atuação. Neste sentido, a de pesquisa procurou identificar o percurso profissional que os profissionais da informação fizeram ao término da sua formação. Percebendo suas particularidades enquanto formação acadêmica e, sobretudo, a aplicação dos conteúdos informacionais.

As mudanças ocorridas no processo de atuação do profissional ao longo dos anos modificaram seu *status quo*, e somente com a identificação dessas modificações poder-se-á entender as formas de atuação do profissional da informação.

Neste contexto o mercado de trabalho se configura em um campo teórico e prático de atuação profissional, sendo necessária a mudança de habilidades e competências “o mercado atual exige profissionais cada vez mais comunicativos, criativos, capazes de analisar, sintetizar e recuperar informações em idiomas diversos” (COSTA; RAMALHO; SILVA, 2003, p. 153).

Com o surgimento da CI, pós Segunda Guerra Mundial, esta se propôs a estudar e indicar soluções para os problemas relacionados à transferência da informação. Neste sentido, o contexto em que se encontra a sociedade parece reforçar a ideia de tornar mais explícitas as concepções de memória que permeiam o conhecimento produzido pela CI.

Com referência ao cenário de atuação do profissional da informação, incutimos maneiras de, a partir da apreensão das representações sociais dos profissionais da informação tenhamos panorama do curso que este profissional tomou ao longo dos anos, influenciada pela crescente evolução tecnológica o que configurou os aspectos da sociedade da informação e permitiu mudanças na conjuntura social.

Diante do exposto, questiona-se: **Como se configura a trajetória profissional dos egressos do PPGCI/UFPB frente às mutações ocorridas na sociedade contemporânea e quais as representações sociais em relação ao curso?**

A análise tem seu ponto culminante na pesquisa intitulada “Representações sociais e identidade: um estudo do processo de construção da identidade do profissional bibliotecário paraibano²” *a priori* a pesquisa objetivou compreender, de forma interpretativa, a partir do paradigma hermenêutico, as representações sociais produzidas pelos bibliotecários paraibanos sobre sua profissão. As motivações da pesquisa sobre representações sociais possibilitaram um desejo ir mais além e descrever a trajetória de vida profissional dos cientistas da informação e, identificar quem são os sujeitos que se fizeram Mestres em Ciência da Informação na Paraíba, quais foram às mudanças ocorridas na forma de atuação.

Neste ensejo surge a necessidade de reconstruir a trajetória de vida profissional dos egressos do PPGCI/UFPB, a fim de entender e perceber quais as mudanças ocorridas na forma de atuação deste cientista da informação, tendo em vista o acelerado processo de globalização ocorrido no final do século XX e início do século XXI.

Desta forma, a proposta de pesquisa contribuirá para a construção de bases teóricas para desenvolvimento das habilidades e competências, requeridas ao longo da carreira profissional. Contudo, este estudo é pertinente para o campo da CI, pois possibilitará um aprofundamento acerca da relação dos egressos com a formação acadêmica em nível de pós-graduação, vislumbrada em Robredo (2003) quando este discorre sobre o relacionamento dos sujeitos com a informação e a percepção de uma gama de conhecimentos que advém dessa relação, “há um enorme corpo de conhecimentos sobre como as pessoas se relacionam com a informação” (ROBREDO, 2003, p. 81). Concomitantemente, Freire, G. e Freire, I. (2010) corroboram com a visão de Robredo, ao afirmarem a importância da CI abordar questões inerentes à construção do ser social, acrescentando ao seu escopo a observação dos novos conceitos teóricos e sociais que emergem das pesquisas relacionadas com a CI.

² Pesquisa fruto do Grupo de Pesquisas em Sociologia e Informação (GEPSI), coordenado pelo prof. Dr. Edvaldo Carvalho Alves.

A pesquisa também se justifica quando os órgãos de fomento à Pós-Graduação, a exemplo da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), se predispõe a identificar por onde andam os egressos dos Programas de Pós-Graduação (PPGs), tendo em vista os novos processos de avaliação qualitativa do doutorado e mestrado (CAPES, 2010).

Neste aspecto, é de grande relevância para o desenvolvimento sólido de um programa de pós-graduação realizar avaliações periódicas de seus egressos como forma de averiguar a eficiência e viabilidade da oferta do próprio programa em si.

Destarte concluída a pesquisa, os resultados permitiram conhecer melhor os egressos do PPGCI/UFPB, além de perceber a aplicação dos conteúdos aprendidos durante o curso na vida profissional. É também interesse da CAPES identificar onde estão inseridos os profissionais que se formaram em nível de pós-graduação. Além disso, investigações futuras poderão ser realizadas a partir do encadeamento dos resultados da pesquisa como proposta para o Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFPB, bem como os demais Programas de Pós-Graduação do país, de tal forma que a avaliação da trajetória profissional dos egressos possa ser adaptada e aplicada aos diversos programas de pós-graduação de maneira que garanta a uniformidade no trato de questões inerentes à pesquisa realizada por cada programa de pós-graduação. Esta perspectiva denota a construção de atributos necessários para o enfrentamento e resolução dos desafios profissionais que surgem após formação acadêmica, sobretudo porque os profissionais egressos dos programas de pós-graduação participam do desenvolvimento da sociedade influenciando o perfil e o desempenho de outros profissionais.

Analisando tal contexto, em concordância com o percurso teórico que orienta esta pesquisa, referencia-se como objetivo geral da pesquisa: descrever a trajetória profissional e as representações sociais dos egressos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba em relação ao curso. E como desmembramento e encadeamento os objetivos específicos: a) traçar o perfil sócioeconômico e cultural dos egressos do PPGCI/UFPB; b) (re) construir a trajetória profissional dos egressos do PPGCI/UFPB; c) identificar os principais motivos elencados pelos egressos para cursarem a pós-graduação no PPGCI/UFPB; e d) apreender as representações dos egressos do PPGCI/UFPB em relação ao curso/programa.

Ademais ao longo da pesquisa são apresentados os resultados, que respondem as inquietações iniciais, e motivaram a produção deste estudo que está organizado em oito capítulos, a saber:

O primeiro capítulo trata-se da **INTRODUÇÃO** nele apresenta-se a conjuntura na qual a pesquisa está inserida, como o tema alia-se aos métodos escolhidos, bem como as justificativas que incitaram o desenvolvimento desta, destacando-se o problema e desembocando nos objetivos geral e específicos.

No segundo capítulo **TRILHA METODOLÓGICA** define-se a natureza da pesquisa, o recorte empírico e os sujeitos da pesquisa, além dos métodos e técnicas que foram utilizados para a concepção do estudo.

No terceiro capítulo **REPRESENTAÇÕES SOCIAIS** pondera-se sobre a origem desta teoria, seu campo de aplicação, os métodos para apreensão dos conceitos e como são constituídas a partir da interação dos indivíduos dentro dos grupos sociais que estão inseridos.

No quarto capítulo **A PÓS-GRADUAÇÃO NO BRASIL** mostra-se o histórico da pós-graduação, seu desenvolvimento, desafios e perspectivas, além disto, o capítulo apresenta a formação da pós-graduação em CI no Brasil, bem como o histórico do PPGCI/UFPB.

No quinto capítulo **EGRESSOS DA PÓS-GRADUAÇÃO** discute-se a relevância dos estudos sobre o egressos para os programas de pós-graduação, apresenta-se um breve histórico desses estudos e um levantamento de alguns estudos realizados na área, o que vem ressaltar a importância desse tipo de estudo na área.

No sexto capítulo **DECODIFICANDO OS DADOS DA PESQUISA** são apresentados os dados da pesquisa que se referem ao perfil, trajetória e atuação profissional, e as motivações para realização do curso de mestrado no PPGCI/UFPB, os gráficos, quadros, tabelas e as informações textuais ajudam a conhecer os sujeitos da pesquisa e suas particularidades.

No sétimo capítulo **REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS EGRESSOS PPGCI/UFPB EM RELAÇÃO AO CURSO/PROGRAMA** descrevem os dados da pesquisa com relação às representações sociais, os conceitos que os indivíduos têm com relação à formação e a relação com o PPGCI/UFPB, além de apresentar as sugestões de melhorias em cada categoria de análise.

O oitavo capítulo são as **CONSIDERAÇÕES** trata-se da síntese dos resultados obtidos, as percepções acerca da construção da pesquisa, as recomendações e sugestões de pesquisas futuras. Evidentemente, que a realização de outras pesquisas relacionadas à temática em questão poderá vir a contribuir ainda mais com o desenvolvimento dos programas de pós-graduação, e não só, mas de toda aquela instituição que se proponha a debruçar o seu olhar sobre seus ex-alunos.

2 TRILHA METODOLÓGICA

[...] a informação e o *insight* nascem no coração e na mente dos indivíduos, e [...] a busca e o uso da informação são um processo dinâmico e socialmente desordenado que se desdobra em camadas de contingências cognitivas, emocionais e situacionais. (CHOO, 2003).

Figura entre as principais características de uma pesquisa científica a incessante busca do real, a apreensão da realidade, tendo como base os parâmetros do método científico. Torna-se imprescindível a observação do rigor científico para que o estudo se desenvolva de forma que seus resultados sejam validados e submetidos à comprovação, através da reprodução do fenômeno.

Neste sentido, todo estudo científico procura entender o mundo ao seu redor, nos diversos aspectos que se configura o conhecimento científico. Segundo Gil (2010, p. 16) pesquisa pode ser definida como “processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. O objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos.”

As pesquisas sociais partem do interesse em compreender e obter novos conhecimentos no campo da realidade social³, evidentemente, pode-se, portanto, entendê-la como um caminho processual percorrido em busca da formulação de respostas para os problemas presentes na sociedade. Vale salientar a difícil tarefa de desenvolver uma pesquisa científica⁴, seja uma dissertação, uma tese ou ainda uma pesquisa em empresas que possuem departamentos com esses fins. Os motivos das dificuldades são muitos e advêm de vários aspectos. Entre as principais dificuldades, uma se refere à formação de atitudes científicas e hábitos acadêmicos que normalmente são marginalizados nas disciplinas oferecidas nos cursos de graduação e com menor ênfase nos cursos de pós-graduação. Os alunos

³ Segundo Gil (2010, p. 16) Realidade social “é entendida aqui em sentido bastante amplo, envolvendo todos os aspectos relativos ao homem em seus múltiplos relacionamentos com outros homens e instituições sociais.”

⁴ Outra grande dificuldade na elaboração de teses e dissertações refere-se aos prazos, quarenta e oito e vinte e quatro meses respectivamente. Nesse prazo está incluída a obtenção de créditos em disciplinas, o que, na prática, faz com que a realização da pesquisa e a redação da tese e dissertação necessitem ser feitas em menos tempo. A redução dos prazos tem sido determinada pelos órgãos de fomento, como a CAPES e o CNPq, com vistas a reduzir os custos de manutenção dos programas de pós-graduação.

não são formados para pesquisa, com exceção dos que participam de projetos de iniciação científica. A ausência de estímulo nos demais às atitudes necessárias para o desenvolvimento das pesquisas configura-se como uma realidade cada vez mais perceptível.

Alguns autores como Gondin e Lima (2006, p. 12) são objetivos na crítica ao afirmar que:

Infelizmente, predomina a tendência de considerar esses aspectos apenas do ponto de vista formal, reduzindo-os a procedimentos pertinentes à normatização de trabalhos, sem considerar a relação deles com a aprendizagem de pesquisa, em seus aspectos teóricos e epistemológicos.

Reconhecer a importância dos elementos práticos do trabalho acadêmico é de fundamental importância para o desenvolvimento da pesquisa científica. Por isso é preciso entender a pesquisa como uma atividade artesanal, onde a marca, a identidade do autor estão presentes, ou seja, antes de debruçar-se sobre os métodos e técnicas, torna-se necessário uma reflexão acerca das motivações para a aplicação de determinada pesquisa e o que foi feito em sua parte inicial. É nessa fase introdutória da pesquisa que existe a familiarização com os procedimentos próprios da investigação científica.

Isto posto torna-se imprescindível compreender a trajetória profissional dos egressos do PPGCI/UFPB diante da conjuntura por que passa a sociedade contemporânea. Evidentemente, os problemas decorridos do processo de globalização, principalmente a explosão informacional, motivaram as mudanças na forma de atuação desses profissionais, surgindo a necessidade de descrever a trajetória profissional dos egressos, bem como apreender suas representações sociais em relação ao curso para compreender a influência que a sua formação acadêmica teve na vida profissional.

Assim sendo, a pesquisa em questão procurou, a partir de métodos e técnicas bem definidos, percorrer um caminho para alcançar seus objetivos iniciais. É bem verdade que a metodologia permitiu o desenvolvimento da pesquisa de maneira equânime, traçando desde o perfil dos egressos até as suas motivações para cursarem a pós-graduação na UFPB.

A seguir é descrito passo a passo o percurso metodológico da pesquisa, que orientou e sustentou a mesma.

2.1 NATUREZA DA PESQUISA

A metodologia de cunho quali-quantitativo referenciada neste trabalho se atrela aos objetivos pretendidos na pesquisa, por um lado o método quantitativo permite quantificar as informações coletadas através de técnicas de estatísticas desde as mais simples às mais complexas, além de, em princípio, “representar a intenção de garantir a precisão dos resultados, evitando distorções de análise e interpretação, possibilitando, uma margem de segurança quanto às inferências” (RICHARDSON, 1985, p. 29). Por outro lado o método qualitativo consente a apreensão da realidade objetiva do cotidiano (GOLDENBERG, 2005), principalmente pela natureza do problema a ser estudado, o que admite o resgate dos significados do grupo social, ora analisado.

Nesta perspectiva, a pesquisa de natureza descritiva procurou reconstruir a trajetória de vida profissional dos cientistas da informação a partir da análise de suas representações sociais presentes na fala dos sujeitos. Assim segundo Sampieri, Collado e Lucio (2006, p. 102) os estudos descritivos almejam “medir ou coletar informações de maneira independente ou conjunta sobre os conceitos ou as variáveis a que se referem”, neste caso sobre a trajetória profissional dos egressos do PPGCI/UFPB.

A abordagem quanti-qualitativa adequou-se melhor por se tratar de uma pesquisa social de caráter descritivo que “permite a obtenção de conhecimentos no campo da realidade social” (GIL, 2010, p. 26), além de permitir apreensão da realidade social em que estão inseridos os sujeitos sob duas perspectivas a qualitativa através da fala dos indivíduos e a quantitativa por meio da caracterização do perfil.

Para Deslandes (1994, p. 35):

A pesquisa científica ultrapassa o senso comum (que por si só é uma reconstrução da realidade) através do método científico. O método científico permite que a realidade social seja reconstruída enquanto objeto do conhecimento, através de um processo de categorização que une dialeticamente o teórico e o empírico.

Assim sendo Alves e Aquino (2012) tratam a pesquisa qualitativa como ação consciente do pesquisador sobre a realidade social que tem como objetivo intervir na realidade, ou para transformá-la ou para conservá-la.

No campo da pesquisa social, a pesquisa qualitativa pode ser entendida como uma práxis que visa à compreensão, a interpretação e a explicação de um conjunto delimitado de acontecimentos que é a resultante de múltiplas interações, dialeticamente consensuais e conflitivas, dos indivíduos, ou seja, os fenômenos sociais. (ALVES; AQUINO, 2012, p. 81).

Por conseguinte, a pesquisa social tem “seu foco na apreensão, tanto dos aspectos mais profundos da realidade, que a especificam e a tornam particular, como os mais aparentes e superficiais, que a generalizam e que são passíveis de quantificação.” (ALVES; AQUINO, 2012, p. 81).

O cruzamento das perspectivas de pesquisa qualitativa e quantitativa permite ao pesquisador uma integração de suas conclusões de modo a ter maior confiança que seus dados não são frutos de um procedimento específico (GOLDENBERG, 2005). Portanto, é necessário ao pesquisador “ser criativo e flexível para explorar todos os possíveis caminhos e não reificar a ideia positivista de que os dados qualitativos comprometem a objetividade, a neutralidade e o rigor científico [da pesquisa].” (GOLDENBERG, 2005, p. 62-63).

Então, para melhor compreender o objeto em estudo procurou-se atrelar as duas naturezas de pesquisa: a qualitativa, e a quantitativa, comungando das mesmas aspirações que Minayo (1996, p. 28) “[...] qualquer pesquisa social que pretenda um aprofundamento maior da realidade não poder ficar restrita ao referencial apenas quantitativo.” Da mesma forma que Alves e Aquino (2012) afirmam que a abertura para a inserção de pesquisas qualitativas na CI contribui para um avanço na área, a superação do paradigma positivista.

[...] a produção científica no campo da Ciência da Informação, no PPGCI/UFPB, vem caminhando no sentido da superação do paradigma positivista, centrado na falsa ideia de que a objetividade científica estaria ligada, de forma umbilical, a isenção e distanciamento do pesquisar em relação ao objeto de estudo, representado pela pseudo neutralidade da representação numérica do real, inerente as abordagens quantitativas. (ALVES; AQUINO, 2012, p. 91).

A utilização de pesquisas de cunho quanti-qualitativo indica segundo Alves e Aquino (2012, p. 90), “uma compreensão aberta para as possibilidades de triangulação de métodos de abordagem, de coleta e análise de dados, fato que

permite uma apreensão, concomitantemente, ampla e profunda do recorte da realidade que se configurou como objeto de pesquisa”. Portanto, é válido ressaltar que o resultado das pesquisas qualitativas imprime nas Ciências Sociais uma fecundidade que é inerente a análise dos fenômenos sociais. Na CI não poderia ser diferente, tendo em vista sua gênese nas Ciências Sociais, assim encara Alves e Aquino (2012, p. 92) que colocam as metodologias qualitativas na CI como fonte para a ruptura das barreiras metodológicas positivistas impregnadas na CI “A partir desses avanços em relação à utilização das pesquisas qualitativas, a Ciência da Informação rompe com a barreira que prioriza apenas as temáticas, metodologias e técnicas consideradas universais para também privilegiar classe, raça/etnia, gênero; deficiência, geracional.”

Neste sentido, Minayo (1996, p. 86) enfatiza “não há normas mágicas institucional e univocamente consagradas para a apreensão do real”, basta dizer que os métodos e técnicas serão delimitados a partir do objeto de pesquisa, o qual determinará a melhor forma de apreendê-lo. A pesquisa se propôs a abordar métodos quantitativos e qualitativos, tendo em vista a natureza do objeto em estudo e sua complexidade de análise. Além de poder visualizar como ocorre o fenômeno de atuação profissional posteriormente a formação acadêmica no nível de pós-graduação.

Quanto ao tipo de pesquisa ela se configura como descritiva por delinear o objeto de estudo onde foi descrito, registrado, analisado e interpretado o fenômeno investigado observando o seu funcionamento real (MARCONI; LAKATOS, 1990).

Os estudos descritivos permitem identificar as características dos fenômenos, podem abarcar aspectos amplos de uma sociedade bem como o comportamento de grupos sociais. Segundo Richardson (1985, p. 30) “os estudos de natureza descritiva propõem-se a investigar ‘o que é’, ou seja, a descobrir as características de um fenômeno como tal.” Para Sampieri, Collado e Lucio (2006, p. 101) os estudos descritivos “medem, avaliam ou coletam dados sobre diversos aspectos, dimensões ou componentes do fenômeno a ser pesquisado.” Ora, se descrever é coletar dados, então em uma pesquisa do tipo descritiva seleciona-se uma série de questões e mensura-se ou obtém as informações sobre cada uma delas para apresentar o que se pesquisa (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2006). Sabe-se ainda que de acordo com Gil (2010, p. 28) “as pesquisas descritivas, juntamente com as exploratórias,

são as que habitualmente realizam os pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática.”

Os egressos do PPGCI/UFPB se colocam como categoria de análise nesse estudo, haja vista suas características específicas de grupo social, que visualizadas a partir da coleta de dados oferecem uma compreensão do contexto em que estes sujeitos estão inseridos. Portanto, as pesquisas descritivas estão centradas em “coletar dados que mostrem um evento, uma comunidade, um fenômeno, feito, contexto ou situação que ocorre.” (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2006, p. 102).

Destarte, pode-se afirmar que a fonte de análise que permeia o estudo constitui-se da centralidade dos dados que fornece as condições necessárias para compreensão das informações, sobretudo na descrição dos fenômenos que agregam valor a pesquisa. Como destaca Richardson (1985, p. 30) “o estudo descritivo representa um nível de análise que permite identificar as características dos fenômenos, possibilitando, também, a ordenação e a classificação destes.”

2.2 RECORTE EMPÍRICO E SUJEITOS DA PESQUISA

As pesquisas sociais abarcam um conjunto de elementos que muitas vezes se torna impossível considerá-los no todo. Por isso, segundo Gil (2010) é frequente trabalhar com uma amostra que corresponde a uma pequena parcela do todo, do universo da pesquisa.

Neste sentido Gil (2010, p. 89) conceitua universo como “um conjunto de elementos que possuem determinadas características”, no caso da pesquisa em questão o universo é composto pelos egressos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFPB, no período de 2007-2013, (que defenderam duas dissertações até abril), perfazendo um total de 95 (noventa e cinco) sujeitos.

A opção pelo período compreendido entre 2007-2013 se dá, primeiramente, porque o curso de pós-graduação em Biblioteconomia, com área de concentração voltada para sistemas de bibliotecas públicas, vinha titulando mestres em Biblioteconomia desde a década de 1980, só em 1997 o mesmo tem sua estrutura e denominação modificadas, passando assim a titular mestres com o título em Ciência da Informação, e com área de concentração em “informação e sociedade”. Contudo, no ano de 2001, devido avaliação da CAPES, o curso recebe nota 2 (dois) e é descredenciado (a história do PPGCI/UFPB será retomada mais oportunamente no

capítulo que trata sobre a Pós-Graduação em CI na UFPB), voltando as suas atividades no ano de 2007, com área de concentração em “informação, conhecimento e sociedade”, e após o credenciamento a primeira dissertação a ser defendida com o título de mestre em Ciência da Informação data de outubro de 2008.

No outro ponto o ano de 2007 (considerando o ano de ingresso) foi escolhido face a preocupação de englobar todo o período do Programa em questão, haja vista sua nova configuração com área de concentração “informação, conhecimento e sociedade”. É importante ressaltar que foram considerados, no universo de pesquisa, os egressos que defenderam suas dissertações até o mês de abril de 2013.

Para identificar os sujeitos da pesquisa foi enviado um requerimento (APÊNDICE A) para a Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFPB solicitando informações (nomes, telefones e e-mails) dos egressos PPGCI/UFPB, referente ao período de 2008-2013. Em posse das informações dos egressos pode-se contatá-los, vale salientar que alguns sujeitos estavam com os dados desatualizados, nestes casos procurou-se obter informações para contato através das redes sociais, o que permitiu um alcance maior do número de sujeitos, principalmente os das primeiras turmas.

Como amostra Gil (2010, p. 90) entende “subconjunto do universo, por meio do qual se estabelecem ou se estimam características desse universo”, ou seja, neste caso específico os egressos que concluíram a pós-graduação no período de 2007-2013. Entretanto, a amostragem da pesquisa não teve um critério probabilístico e foi realizada por acessibilidade aos sujeitos, conforme Gil (2010, p. 94) a amostragem por acessibilidade ou por conveniência “é destituída de qualquer rigor estatístico, [...] o pesquisador seleciona os elementos a que tem acesso, admitindo que estes possam de alguma forma, representar o universo [da pesquisa]”, o que corresponde ao caráter mais flexível da pesquisa qualitativa.

Apesar da amostra da pesquisa ter sido feita por acessibilidade foi possível enviar o questionário a grande maioria dos sujeitos da pesquisa, salientando que do total de sujeitos (95) foram escolhidos 4 (quatro) para participar do pré-teste, realizado no mês de junho de 2013. Então, o universo total da pesquisa compreendeu 91 sujeitos, dos quais 51(56%) responderam ao questionário.

Por se tratar de uma pesquisa envolvendo seres humanos, houve a necessidade de submeter à pesquisa ao Comitê de Ética da Universidade Federal da Paraíba, por algum erro do sistema o projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética de Pesquisa (CEP) do Hospital Universitário Lauro Wanderley/UFPB e não ao Comitê do Centro de Ciências da Saúde, como as demais pesquisas realizadas no âmbito do PPGCI/UFPB.

Após a aprovação do projeto de qualificação e de posse da declaração de aprovação (ANEXO A) o projeto pôde ser encaminhado ao Comitê para apreciação e liberação para o desenvolvimento do estudo, em seguida o PPGCI/UFPB forneceu a certidão de homologação do resultado (ANEXO B) que foi anexada ao processo de solicitação de pesquisas com seres humanos do Comitê. A pesquisa teve sua aprovação no dia 18 de junho de 2013, com a liberação do parecer consubstanciado nº 346.359 (ANEXO C) no dia 01 de agosto de 2013. Desta forma, a pesquisa teve seu prosseguimento normal.

2.3 INSTRUMENTOS E TÉCNICA DE COLETA DE DADOS

Como instrumento de pesquisa optou-se pelo questionário (APÊNDICE B) com perguntas fechadas para obtenção dos dados quantitativos e abertas para os dados qualitativos, este instrumento foi escolhido por ser o que melhor atende aos objetivos da pesquisa, uma vez que se faz necessário traçar o perfil dos egressos, conhecer as suas motivações e apreender suas representações sociais.

Destarte, como questionário entende-se “a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses [...]” (GIL 2010, p. 121). Para Minayo (2005) os questionários são objetos que detêm as características do grupo social no qual foram aplicados.

Os questionários se configuram como dispositivos normatizados e padronizados, que captam a presença ou ausência de determinada característica ou atributo no indivíduo, permitindo medir a magnitude com que essa característica ou atributo se distribui naquele grupo. (MINAYO, 2005, p. 133).

Desta forma, o uso do questionário possibilita a racionalização do tempo na coleta dos dados, pois permite que os sujeitos respondam no momento em que

julgar conveniente, além de consentir ao pesquisador a apropriação de mais informações em curto espaço de tempo⁵.

O questionário, baseado em Santos (2006), foi construído utilizando o software *Google Docs* ferramenta *on line* que permite a utilização em qualquer parte, desde que se tenha acesso à internet. Com isso, pretendeu-se facilitar o acesso ao questionário por parte dos sujeitos já que eles puderam acessar e responder o questionário em qualquer ambiente e no horário que mais lhe convier. Este instrumento foi concebido com o propósito de conter questões que respondessem aos objetivos da pesquisa, sendo estruturado em dois grandes tópicos: perfil do egresso e a segunda parte contendo questões sobre a formação acadêmica no PPGCI/UFPB e a situação ocupacional atual. As questões abertas foram elaboradas tendo em vista o aspecto qualitativo da pesquisa, bem como a oportunidade para explicitação de pontos de vista de caráter pessoal.

De acordo com Gil (2010, p. 124) “as questões podem se referir ao que as pessoas sabem (fatos), ao que pensam, esperam, sentem ou preferem (crenças e atitudes) ou ao que fazem (comportamentos)”, neste sentido o questionário contempla os aspectos necessários para apreender os objetivos da pesquisa, sobretudo no que se refere aos fatos (atuação profissional), aos comportamentos (trajetória de atuação durante e após a formação acadêmica) e aos sentimentos (relacionamento com o curso).

Foi aplicado um pré-teste do questionário, no mês de junho de 2013, com 4 (quatro) sujeitos que compreenderam períodos diferentes do universo da pesquisa. A realização do pré-teste teve por finalidade evidenciar possíveis falhas na redação tais como: complexidades das questões, imprecisão na redação, desnecessidade das questões entre outras, assegurando validade e precisão. Trouxe contribuições tanto no que concerne a elaboração do questionário quanto no entendimento para análise do mesmo.

Em relação ao pré-teste, Minayo (2005) recomenda saber qual o comportamento do instrumento de coleta dados em uma situação real. A autora afirma que sem o pré-teste, pode-se perder tempo, credibilidade e ainda dinheiro,

⁵ O fator tempo é primordial para o desenvolvimento de uma pesquisa científica. É sabido que outros instrumentos também possibilitariam uma apreensão dos resultados. No entanto, a turma de mestrando 2012, da qual o pesquisador faz parte, teve uma redução no tempo para defesa da dissertação, consequentemente afetando o andamento de algumas pesquisas.

se, por algum motivo for constatado qualquer problema grave na aplicação do questionário, porque nesse caso o instrumento deverá ser ajustado e as informações coletadas se perderão. Para Minayo (2005) o pré-teste é um ensaio geral.

Na ótica de Lakatos e Marconi (1992), o pré-teste é uma forma de evidenciar ambiguidades nas questões, a existência de perguntas desnecessárias, supérfluas, a adequação ou não da ordem de apresentação das questões, portanto a necessidade da aplicação do pré-teste.

O questionário foi aplicado durante os meses de agosto e setembro, foi enviado aos egressos, à medida que os sujeitos respondiam e davam o *feedback* eram excluídos da lista do re-envio. Este foi feito com um espaço de tempo referente de 15 a 20 dias. A taxa de resposta do questionário corresponde a 56% (51).

2.4 PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DOS DADOS

Os dados da pesquisa foram tratados de forma quantitativa e qualitativa. Após realizar a organização dos dados e informações contidas nos questionários preenchidos pelos egressos, os mesmos foram criteriosamente analisados e os resultados descritos a partir das inferências percentuais fiéis às respostas dos sujeitos. Foi utilizado como técnica de tabulação e análise de dados, as inferências percentuais e estatísticas básicas, além da técnica de categorização presente na análise de conteúdo, que segundo Gomes (1994, p. 74), nos permite “encontrar respostas para as questões formuladas”, bem como “descobrir o que está por trás dos conteúdos manifestos”.

Pela característica própria do instrumento de coleta dos dados, que fora construído no *Google Docs*, ao enviar o questionário por *e-mail*, quando da sua resposta, não há como identificar sujeito respondente. Desta forma, ao analisar as informações dos egressos, a fim de preservar o anonimato dos participantes da pesquisa, e mantendo a ética com humanos da área de saúde, atribuí-se códigos para cada questionário. Sendo assim, os códigos seguem uma ordem alfanumérica crescente, “**EG 2**” que significa **Egresso 2**, a sequência inicia-se em 2 (dois) e vai até o 52 (cinquenta e dois), o motivo de não iniciar é 1 (um) é simples, porque a organização dos dados é feita pela ferramenta do Google em uma planilha, semelhante a do Microsoft Excel, que na primeira linha reserva o espaço para as perguntas, portando todas as respostas são agrupadas a partir da segunda linha da

planilha. Para melhor visualizar as falas dos sujeitos optou-se por destacá-las em itálico.

A técnica de categorização permite estabelecer relações dialógicas entre os sujeitos pesquisados, isto porque além de agrupar elementos e ideias acerca de um determinado conceito, produz novos conceitos a partir da percepção apreendida pelos indivíduos, bem como define Minayo (1994a, p. 70) “significa agrupar elementos, ideias ou expressões em torno de um conceito” capaz de abarcar classificações mais amplas.

Ao propor como método de apreciação dos dados a análise de conteúdo foi possível obter informações, por meio da fala dos sujeitos, que caracterizam o grupo. Assim especifica Bardin (1977, p. 11) a análise de conteúdo é “um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais subtis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a discursos extremamente diversificados”. Essa diversidade de conteúdo permite compreender a relação que se estabelece entre o comportamento humano e as representações sociais, como assevera Moscovici (1978) a importância de partir da análise do conteúdo das representações para abarcar os conhecimentos sociais compartilhados através das crenças, valores, perspectivas e experiências afetivas e sociais.

Ao reconhecer o papel ativo dos egressos na produção do conhecimento pretende-se contribuir para a sua formação como alicerce para o desenvolvimento intelectual do país. As mensagens produzidas por esses sujeitos através de suas representações sociais são elaborações de suas motivações, do seu arcabouço teórico adquirido quando da sua formação.

As mensagens expressão as representações sociais na qualidade de elaborações mentais construídas socialmente, a partir da dinâmica que se estabelece entre a atividade psíquica do sujeito e o objeto do conhecimento. Relação que se dá na prática social e histórica da humanidade e que generaliza via linguagem. Sendo constituídas por processos sociocognitivos, têm implicações na vida cotidiana, influenciando não apenas a comunicação e a expressão das mensagens, mas também dos comportamentos. (FRANCO, 2007, p. 12).

Portanto, para Franco (2007, p. 12) é “indispensável considerar que a emissão das mensagens, sejam elas verbais, silenciosas ou simbólicas, está necessariamente vinculada às condições contextuais de seus produtores.” Desta

forma, o contexto social em que estão inseridos os egressos também deve ser considerado no momento da apreensão da mensagem, tendo em vista “as significações, eventualmente a sua forma e distribuição destes conteúdos e formas.” (BARDIN, 1977, p. 45). Neste aspecto, podemos conceituar análise de conteúdo como uma perspectiva metodológica que possibilita o conhecimento de variáveis e por meio de deduções/ inferências para a obtenção de procedimentos sistemáticos de análise do conteúdo das mensagens emitidas pelos sujeitos da pesquisa. Segundo Bardin (1997, p. 164) “qualquer análise de conteúdo passa pela análise da própria mensagem. Esta constitui o material, o ponto de partida e o indicador sem o qual a análise não seria possível.”

As mensagens dos sujeitos serão agrupadas por categorias, como explícito acima. A técnica de categorização presente na análise de conteúdo consiste numa “operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero, com critérios [bem] definidos.” (BARDIN, 1977, p. 145). Ou ainda como define Franco (2007, p. 59) “é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação seguida de um reagrupamento baseado em analogias, a partir de critérios definidos.” Bardin (1977) e Franco (2007) comungam da mesma conceituação teórica acerca da categorização entendendo que a criação de categorias é o ponto decisivo da análise de conteúdo.

Desta forma, a categorização é uma técnica que pressupõe duas etapas básicas: o inventário, ou seja, o isolamento dos elementos e a classificação em si que consiste em repartir os elementos procurando reagrupá-los conforme suas características em comum. Para Bardin (1977, p. 146) “classificar elementos em categorias impõe a investigação do que cada um deles tem em comum com outros. O que vai permitir o seu agrupamento é a parte comum existente entre eles.”

No caso da pesquisa em questão as categorias foram criadas *a posteriori* entendendo que a descrição do significado de cada categoria emerge da “fala” do sujeito, ou seja, do discurso que ora proferido contém o conteúdo para análise e, por conseguinte para a definição das categorias. Em concordância com Franco (2007, p. 61) esse processo de categorização “inicia-se pela descrição do significado e do sentido atribuído por parte dos respondentes, salientado-se todas as nuances observadas.” Contudo, ao iniciar o tratamento técnico do conteúdo foi necessário interligar o discurso dos sujeitos com a teoria abordada na pesquisa, para em

conformidade com Franco (2007, p. 16) compreender a necessidade de “reconhecer que a análise de conteúdo requer que as descobertas tenham relevância teórica” e a partir desse processo produzir as concepções inerente ao desenvolvimento da pesquisa.

Ademais, as formas como os dados coletados foram analisados permitiram compreender o significado das mensagens presentes nas falas dos sujeitos. O que contribuiu para alcançar os objetivos pretendidos na pesquisa, além do mais a análise de conteúdo, por meio da técnica de categorização possibilitou dar voz aos sujeitos, que alguns casos se mostraram invisível em relação à formação recebido no PPGCI/UFPB.

3 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

O indivíduo não é ainda realidade humana, mas apenas abstração que só se perfaz no meio social. Antes de sua constituição *na* e *pela* força coletiva, não se pode falar propriamente de homem, mas de um ser que se reduz ao organismo animal. A humanidade do homem é coisa social, que se cristaliza por mecanismos de coerção. (PINHEIRO FILHO, 2004, p. 142).

O conceito de representação social, hoje bastante utilizado nos estudos no campo da pesquisa social qualitativa, tem sua origem em um dos clássicos das Ciências Sociais, Émile Durkheim. Portanto, para entendê-lo é preciso voltar a esse autor.

Todo o conjunto da obra de Durkheim é perpassado por uma questão central: entender e explicar aquilo que fornece unidade e promove a conservação da vida social, ou seja, como é possível um conjunto de pessoas se manterem juntas, interagindo e se reproduzindo, biológica e socialmente, por um espaço de tempo?

Durkheim, inicialmente, responde a esta indagação utilizando-se do conceito de Consciência Coletiva /Representação Social. A Consciência Coletiva seria a síntese de ideias, valores, regras e sentimentos, fruto do processo de associação dos indivíduos, possuidora de vida/realidade própria e ascendência sobre as partes que a constituem. A consciência coletiva seria a responsável pela eliminação ou minimização das diferenças individuais, uma vez que, por meio de suas manifestações, condicionaria os indivíduos a agirem harmônica e homogeneamente, seguindo um padrão social inscrito nas instituições sociais – que antecedem e sucedem os indivíduos.

A afinidade entre as representações sociais e a comunicação é indissociável, pois se configura em apresentar uma ideia em relação ao um sujeito ou objeto qualquer a partir do processo de comunicação que estes fazem entre si e com a sociedade em que estão inseridos.

O conceito de representações sociais surgiu a partir da visão de Durkheim sobre representações coletivas. Durkheim, em 1912, publica *“The Elementary of Religious Life”* nesse estudo ele elabora o conceito de representações coletivas, propondo um conjunto de elementos sistemáticos.

A visão durkheimiana de representações coletivas tem um leque de elementos que reúne formas de pensamento e saberes partilhados que segundo

Nóbrega (2001, p. 52) “consiste em revelar o que há de irreduzível à experiência individual e que se estende no tempo e no espaço social”. Em contrapartida a esta visão, Moscovici (1978) considera o pensamento social uma questão que tem suas características próprias e somente pode ser entendido por outros fatores sociais, o que diferencia da posição de Durkheim, do pensamento individual.

Para Durkheim o homem é composto de uma dualidade que é própria da sua natureza e expressa na imagem como ser dividido entre corpo e alma. Essa dualidade é explicada segundo seus próprios princípios e guarda uma homologia estrutural com a dualidade de fontes que conformam o homem.

É preciso, portanto, ter cuidado com a ambiguidade do termo representação que ora significa um processo de pensamento (ou de percepção) ora o conteúdo desse processo. Então para Durkheim a noção de representação está em harmonia com a tradição filosófica e de maneira geral “é representação tudo aquilo que, afetando a mente ou emanado dela, é capaz de fixar-se com menor ou maior grau de estabilidade” (PINHEIRO FILHO, 2004, p. 142). Sendo assim, o autor encerra afirmando que “toda representação é produto de uma síntese” (PINHEIRO FILHO, 2004, p. 144), visto que a manifestação conceitual dos termos perpassa pela totalidade das categorias, o que Durkheim vai entender como estrutura básica da constituição do social.

Ainda dentro da concepção durkheimiana de representação coletiva, que, forjadas no meio social, identificam-se ao conceito. Durkheim (1989, p. 513) revela que a linguagem e o sistema de conceitos são produtos da coletividade:

[...] não há dúvida de que a linguagem e, por conseguinte o sistema de conceitos que traduz é produto da elaboração coletiva. O que exprime é a maneira pela qual a sociedade, no seu conjunto, concebe os objetos da experiência. As noções que correspondem aos diversos elementos da língua são portanto representações coletivas.

Da mesma forma que Pinheiro Filho trata as representações coletivas como urdidas pelo meio social e, também relacionadas ao conceito, consequentemente reforça a ideia de que a linguagem e o sistema de conceitos é uma tradução de elaboração coletiva e, certamente, o autor pode afirmar “conceitos são, portanto representações coletivas” (PINHEIRO FILHO, 2004, p. 145).

A Teoria das Representações Sociais (TRS) elaborada por Serge Moscovici passa a entender os fenômenos sociais como um conceito e, não apenas como um fenômeno.

Moscovici (1978), ao formular seu conceito de representação social, apropria-se do conceito durkheimiano; no entanto, estabelece algumas modificações: a) primeiro, retira do conceito de Durkheim o peso da ontologia social, mudando o seu campo de aplicação, situando-o a meio caminho entre o social e o psicológico; b) inscreve no conceito uma consistência cognitiva bastante acentuada; c) delimita especificamente o seu campo de ação, ou seja, o cotidiano; e d) especifica a representação como uma forma de conhecimento particular, relacionado com o senso comum, com a interação social, com a socialização e responsável pela construção das identidades (PERRUSI, 1995).

Para Moscovici (1978), diferentemente de Durkheim (2003), o social designa o aspecto dinâmico e a bilateralidade no processo de constituição das representações sociais, assinalando duas facetas: por um lado, a representação como forma de conhecimento socialmente elaborado e partilhado e, por outro, sua realidade psicológica, afetiva e analógica, inserida no comportamento do indivíduo. Desta forma, as representações passam a ser encaradas como medidas sociais da realidade, produto e processo, ao mesmo tempo, de uma atividade de elaboração psicológica e social dessa realidade, que se dá nos processos de interação entre os atores sociais (JODELET, 1986, p. 37). Falar em representação social, portanto, é mais que falar em opinião (individual ou pública), atitude e conduta. Esses elementos estariam em um nível de menor sedimentação social sendo, portanto, mais fluidos e contingentes e podendo ser, eles próprios, reflexos ou efeitos de representações sociais.

Moscovici defende que as representações coletivas diferem das representações sociais, porque “as representações coletivas abrangiam uma cadeia completa de formas intelectuais que incluíam ciência, religião, mito, modalidades de tempo e espaço, etc.” (MOSCOVICI, 2010, p. 46) já as representações sociais “devem ser vistas com uma maneira específica de compreender e comunicar o que nós já sabemos” (MOSCOVICI, 2010, p. 46). Da mesma forma Nóbrega corrobora com o pensamento de Moscovici quando enfatiza:

As formas e os conteúdos das representações sociais revelam-se como uma das provas mais significativas de que as representações coletivas não ocupam um domínio situado à parte e dissociado do psíquico e emocional, como defendia Durkheim. O advento da Teoria das Representações Sociais registra um aspecto inovador na história da psicologia social, por estabelecer uma ruptura com a visão dicotômica do positivismo, particularmente desenvolvida por Durkheim em 1912. (NÓBREGA, 2001, p. 54).

No entanto Minayo (1994b) registra em seus estudos que Durkheim foi o primeiro autor a trabalhar o conceito de representações sociais, usando o sentido de representações coletivas:

Durkheim é o autor que primeiro trabalha explicitamente o conceito de representações sociais. Usado no mesmo sentido que representações coletivas, o termo se refere a categorias de pensamento através das quais determinada sociedade elabora e expressa sua realidade. (MINAYO, 1994b, p. 90).

Ainda segundo Minayo (1994b, p. 90) as representações sociais de Durkheim “são um grupo de fenômenos reais, dotados de propriedades específicas e que se comportam também de forma específica” esses fenômenos estão arraigados em fatos sociais passíveis de observação e interpretação.

A teoria das representações sociais elaborada por Moscovici busca apropriar-se da psicanálise difundindo o saber científico, até então inédito, desta forma disseminando e partilhando conhecimento científico socialmente elaborado, segundo Nóbrega (2001, p. 55) Moscovici “se interessa pela inovação de um social móvel do mundo moderno transformado com a divisão social do trabalho e a emergência de um novo saber: a ciência.” As representações sociais passam a ser vistas como forma de medidas sociais da realidade, concomitantemente elas são produto e processo da atividade psicossocial que tem sua origem nos processos de interação dos indivíduos sociais.

Este fato leva Moscovici a substituir o termo representações **coletivas** pelo conceito de representações **sociais**, esta mudança terminológica se justifica, de acordo com Nóbrega (2001, p. 55):

[...] pela diversidade da origem tanto dos indivíduos quanto dos grupos e, ainda pelo reconhecimento da importância da comunicação enquanto fenômeno que possibilita convergir os indivíduos numa

rede de interações em que qualquer coisa de individual pode tornar-se social, ou vice-versa.

O próprio Moscovici também justifica a mudança terminológica:

As representações coletivas constituem em um instrumento explanatório e se referem a uma classe geral de idéias e crenças (ciência, mito, religião, etc.), são fenômenos que necessitam ser descritos e explicados. São fenômenos específicos que estão relacionados com modo particular de compreender e de se comunicar – um modo que cria tanto a realidade como o senso comum. É para enfatizar essa distinção que eu uso o termo ‘social’ em vez de ‘coletivo’. (MOSCOVICI, 2010, p. 49).

Outra justificativa apresentada por Nóbrega para a mudança terminológica é que as representações sociais são caracterizadas como um processo criativo que serve de fundamento para o comportamento das pessoas. Ela continua enfatizando “a substituição terminológica emerge da necessidade de fazer da representação uma passarela entre o mundo individual e o mundo social, de associar em seguida à perspectiva de uma sociedade que muda”. (NÓBREGA, 2001, p. 56).

As representações coletivas são um conjunto sistemático de elementos, ou seja, uma multiplicidade de fenômenos sociais que tem suas próprias leis, diferenciando do pensamento individual. Neste tipo de representação o saber é compartilhado e reproduzido coletivamente, transcendendo o pensamento individual, partindo do pressuposto da objetividade.

Na perspectiva da reprodução das interações sociais, as representações se preocupam com a apreciação dos processos pelos quais os sujeitos sociais constroem conjecturas a respeito de objetos sociais, que tornam viável a comunicação e organização dos comportamentos.

Na compreensão da sociedade como fonte de humanidade, pode-se entender que a vida coletiva faz do sujeito uma personalidade, atribuindo forma à consciência moral, como destaca Pinheiro Filho (2004) ao afirmar que o indivíduo só é realidade humana quando se produz e reproduz no meio social.

O indivíduo não é ainda realidade humana, mas apenas abstração que só se perfaz no meio social. Antes de sua constituição na e pela força coletiva, não se pode falar propriamente de homem, mas de um ser que se reduz ao organismo animal. A humanidade do homem é

coisa social, que se cristaliza por mecanismos de coerção. (PINHEIRO FILHO, 2004, p. 142).

Nesta complexa relação das representações coletivas e sociais e buscando caracterizar a sua teoria, Moscovici (1978) estabelece duas características principais que distinguem e especificam as representações sociais, a saber: a funcionalidade e o caráter performativo.

Quanto à funcionalidade, as representações se constituíam em “uma modalidade de conhecimento particular”, que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre os indivíduos. O estudo das representações sociais, nessa perspectiva, consiste na análise dos processos pelos quais os indivíduos, em interação social, constroem teorias sobre os objetos sociais, que tornam viável a comunicação e organização dos comportamentos. Assim entendidas, as representações “alimentam-se não só das teorias científicas, mas também dos grandes eixos culturais, das ideologias formalizadas, das experiências e das comunicações cotidianas.” (VALA, 1993, p. 354).

Quanto ao seu caráter performativo, as representações sociais são consideradas como um sistema (ou sistemas) de interpretação da realidade, que organiza as relações do indivíduo com o mundo e orienta as suas condutas e comportamentos no meio social, permitindo-lhe interiorizar as experiências, as práticas sociais e os modelos de conduta, ao mesmo tempo em que constrói e se apropria de objetos socializados.

As representações sociais são coercitivas ao indivíduo e a sociedade, isto porque elas são apreendidas a partir de fenômenos sociais históricos, vivenciados por predecessores, e transmitidas, tradicionalmente, por processos de comunicações inerentes e inconscientemente por meio da interação entre os sujeitos.

A partir das análises dos conceitos estabelecidos podemos aglutinar as principais características que diferenciam as representações sociais das representações coletivas, essas diferenças ajudam a eliminar qualquer ruído que possa ainda confundir o estudo das representações. No Quadro 1 elencamos estas diferenças.

Quadro 1 - Diferenças entre Representações coletivas e individuais

Representações Coletivas	Representações Individuais
Homogêneas	Heterogêneas
Objetivas	Subjetivas
Estáveis	Efêmeras (Instáveis)
Coletivas	Individual
Autônoma	
Coerção	

Fonte: autoria própria, 2013.

A realidade é apresentada para a sociedade, como estruturas que são determinadas e socialmente aceitas como realidade. “As representações que são partilhadas por tantos, penetram e influencia a mente de cada um, elas não são pensadas por eles; melhor, para sermos mais precisos, elas são re-pensadas, re-citadas e re-apresentadas.” (MOSCOVICI, 2010, p. 37).

Nóbrega (2001, p. 53) exprime o cerne das representações coletivas:

As representações são coletivas à medida que exercem uma coerção sobre cada indivíduo, e conduzem os homens a pensar e a agir de uma maneira homogênea. Pensando nessa perspectiva, Durkheim considera que esse saber partilhado e reproduzido coletivamente transcende o individual, fato que permite às representações coletivas a atribuição do status de objetividade. Elas são também estáveis na sua transmissão e reprodução, em oposição ao caráter efêmero das representações individuais. As idéias, uma vez difundidas, transformam-se, portanto, em representações coletivas autônomas, regidas por leis próprias.

Desta forma, as representações possuem duas funções básicas, elas convergem os objetos, pessoas ou acontecimentos que encontram, dando-lhes uma forma definitiva aglutinando em uma categoria determinada que será, *a posteriori*, partilhada por grupo de pessoas; outra função das representações é que elas impõem uma combinação de estrutura que está presente nos sujeitos antes mesmo que estes comecem a pensar, ou seja, elas são prescritivas exercem um coerção sobre o indivíduo determinando, através de processos tradicionais, o que ora deve ser pensado.

Partindo do pressuposto de que as representações são transmitidas a partir da interação humana entre os sujeitos ou grupos, corrobora-se com Moscovici quando afirma que o mais importante neste processo é a natureza da mudança “as

representações sociais se tornam capazes de influenciar o comportamento do indivíduo participante de uma coletividade” (MOSCOVICI, 2010. p. 40). Sendo assim, o indivíduo influencia a criação de novas representações como consequência da relação entre os sujeitos.

A teoria das representações sociais trouxe inovação e causou uma ruptura com a visão dicotômica do positivismo, os modelos funcionalistas foram desbancados por essa teoria. Essa interpretação dicotômica causou obstáculos à elaboração de conceitos de epistemologia de representação.

As representações sociais encontram resistência nos paradigmas dos saberes, behaviorismo e o marxismo do tipo mecanicista. No entanto, as representações sociais não pretendem refutar ou criticar esses paradigmas, tendo em vista que:

Ela vê o ser humano enquanto ele tenta conhecer e compreender as coisas que o circundam e tenta resolver os enigmas centrais de seu próprio nascimento, de sua existência corporal, suas humilhações, do céu que está acima dele, dos estados da mente de seus vizinhos e dos poderes que o dominam: enigmas que o ocupam e preocupam desde o berço e dos quais ele nunca para de falar. (MOSCOVICI, 2010, p. 42).

As representações são produzidas socialmente, desta forma o senso comum não pode ser desprezado, já que as representações sociais são construídas a partir do ser humano, ela tem seu núcleo central na representação coletiva.

Então podemos estabelecer como função da representação social, a seguinte fórmula:

$$\text{Representações Sociais} = \frac{\text{Imagem}}{\text{Significação}}$$

De acordo com Moscovici (2010, p. 46) “a representação iguala toda imagem a uma ideia e toda ideia a uma imagem.” Desta forma as representações sociais se tornam, evidentemente, o resultado das interações sociais entre os seres humanos, esta interação se dá nos processos comunicacionais que o indivíduo realiza com o grupo em que está inserido.

O caráter interdisciplinar do conceito permite que sejam tomadas suas contribuições para o entendimento dos processos pelos quais se dá a formação de

conceitos, ideias e valores organizadores das relações sociais e das práticas de indivíduos e grupos (representações sociais), relacionando-os constantemente com os processos de interação social, responsáveis pela construção social da realidade, como ressalta Berger e Luckmann (2006).

A realidade intersubjetiva está presente na vida cotidiana dos indivíduos no momento em que há participação no mundo junto com outros indivíduos. Esse aspecto diferencia a realidade cotidiana das demais que ele tem consciência. Dessa maneira, outros elementos também fazem parte da realidade cotidiana como: a temporalidade, as interações sociais, o convívio social. Sendo assim, a realidade da vida cotidiana é expressa e representada por sinais e pela linguagem. A realidade se objetiva a partir do significado das coisas, do universo simbólico. Quando o sujeito assimila sua realidade segundo suas interpretações e conclusões, ele torna subjetiva essa realidade.

A socialização consiste em fazer com que o indivíduo seja capaz de interagir na sociedade, de interiorizar, subjetivar, objetivar e, dessa forma ser um ser social capaz de modificar o meio em que vive no intuito de suprimir as suas necessidades.

Assim, a utilização do conceito, tal qual formulado por Moscovici (1978), nos possibilita, de forma dinâmica, dar conta dos novos elementos que entram em cena e se fixam no repertório simbólico dos atores sociais, fundamentando novas, ou reproduzindo velhas práticas e relações.

Para melhor compreensão das representações sociais é necessário entender o processo de elaboração e funcionamento de uma representação, esse processo é constituído de dois métodos objetivação e ancoragem que segundo Nóbrega (2001, p. 65) “compreendem a imbricação e articulação entre atividade cognitiva e as condições sociais em que são forjadas as representações”, ou seja, a categorização dos objetos sociais na construção do pensamento.

Desta forma, a experiência coletiva perpassa por um segmento do mundo empírico, a categoria tem por fundamento a própria sociedade e toda categoria como representação coletiva, é resultado de uma síntese a partir da associação dos homens. Ademais, cabe ao sujeito, portanto, compreender o processo pelo qual ele passa, fazendo uso de instrumentos sociológicos para atribuição dos conceitos inerentes a interpretação das representações.

3.1 MÉTODOS DA TRS: ancoragem e objetivação

É fato que as representações são formas de abranger o mundo e os fenômenos, esse processo de compreensão se dá através de analogias entre a ciência e as representações. Assim, parece conveniente conhecer o pensamento de Pierre Bourdieu (2004) que ao analisar a questão do poder simbólico se debruça acerca do significado do simbólico e de sua evolução. Segundo Bourdieu (2004, p. 8) “[...] a objetividade do sentido do mundo define-se pela concordância das subjetividades estruturantes (senso = consenso)”, assim como em Durkheim (1995) o homem é composto por uma dualidade que é inerente à sua natureza e expressa na imagem, na representação. Nesse sentido, a representação é um conjunto de conceitos que emana da natureza humana e transmite aos sujeitos a essência do ser humano, pelo menos em partes.

Desta forma, para Moscovici (2010) “A ciência era baseada no senso comum e fazia o senso comum menos comum; mas agora senso comum é a ciência tornada comum” (MOSCOVICI, 2010, p. 60), a ideia de interconexão com as questões relacionadas com o comum abriu um viés para compreensão do processo de construção das representações a partir das relações entre as subjetividades estruturantes, ou seja, “traçar um paralelo e entender que senso comum pode se tratar, na verdade, do consenso” (WALTER, 2008, p. 117). Mesmo que o consenso não represente uma totalidade do pensamento do grupo, ele pode “ser compreendido como um consenso funcional” Walter (2008, p. 118), esta forma de compreensão seria uma maneira de manter o grupo em perfeita unidade reflexiva. Tal unidade representa a coesão que existe no grupo social para manter o consenso. Wagner (2000, p. 17-18) ressalta que mesmo aceitando que o consenso de uma representação não seja referente à totalidade do grupo, ele pode ser compreendido como consenso funcional que, nesse caso, expressaria a “[...] necessidade de manter o grupo como uma unidade social reflexiva e de uma maneira organizada [...]”.

Essa conjuntura desemboca em artifícios delineados pela base da formação das representações sociais, que Moscovici entende por: **ancoragem e objetivação**. Para Nóbrega (2001, p. 64) estas considerações, a respeito das representações, ajudam a explicar “a emergência da concretude e da atribuição de significação dos objetos sociais construídos pelos sujeitos”.

Moscovici (1978, p. 197) pondera “a objetivação explica como os elementos representados de uma teoria se integram enquanto termos da realidade social, a ancoragem permite compreender a maneira na qual eles contribuem para exprimir as relações sociais.” Assim, Nóbrega (2001, p. 68) afirma que “a ancoragem está dialeticamente articulada à objetivação”.

Moscovici (2010, p. 61) define ancoragem como um “processo que transforma algo estranho e perturbador, [...] em nosso sistema particular de categorias e o compara com um paradigma de uma categoria que nós pensamos ser apropriada.” Desta forma, a ancoragem pode ser entendida como classificar e dar nome a alguma coisa, então ancoragem é categorizar, separar em partes para viabilizar o processo de conhecimento de determinada coisa.

Ancoragem se torna um mecanismo que transforma ideias alheias ao sujeito a “[...] categorias e imagens comuns, colocá-los em um contexto familiar.” (MOSCOVICI, 2003, p. 60). Isto é, segundo Walter (2008, p. 117) “o que fazemos é tentar aproximar o desconhecido (seja uma ideia, um comportamento, uma pessoa) a uma categoria ou uma classificação próxima de conceitos que reconhecemos”.

O principal objetivo da ancoragem é permitir a interpretação de características, a apreensão das motivações e desejos subjacentes às pessoas, sobretudo, permite a formulação de opiniões (MOSCOVICI, 2003). E, se na verdade a ancoragem compreende a ideia de poder formular opiniões é porque em sua estrutura estão arraigados os conceitos inerentes às práticas sociais dos sujeitos, onde suas experiências, suas histórias de vida, principalmente formam o conjunto de representações que o define.

A ancoragem também é definida por Marková (1996), a autora considera tanto a ancoragem quanto a objetivação processos que se constituem a partir da globalização. Então segundo Marková (1996, p. 187, tradução nossa) “ancoragem é uma ação de globalização que faz com que o mundo se torne mais familiar.” Ou seja, o indivíduo enfrenta as diversidades do mundo agrupando acontecimentos e elementos e tratando-os como familiares. Billig (1988, p. 6, tradução nossa) afirma que a ancoragem não está associada às sociedades específicas, mas age através de divisões históricas e antropológicas.

Entender a ancoragem como processo integrante e fundamental das representações sociais, diminui a complexidade com que essa teoria apreendida.

Neste contexto, concebe-se a ancoragem como um método que torna os eventos familiares aos sujeitos, permitindo a compreensão do mundo e do grupo social.

Outro processo-chave das representações sociais é a objetivação, que é entendida por Moscovici (2010) como a materialização do pensamento.

Primeiramente, objetivar é tornar objetivo; considerar real ou existente; pretender, ter por fim, segundo o próprio Moscovici (2010, p. 71) “é descobrir a qualidade icônica de uma ideia, ou ser impreciso; é reproduzir um conceito em uma imagem.” Tornar visível, mas não necessariamente palpável, àquilo que estava invisível. Marková (1996, p. 187) entende a objetivação de outra forma como sendo a reconstrução de um acontecimento em algo eu é menos diferenciado, isto é, genericamente a algo já familiar, alguma coisa convencional. Para Wagner et al. (1999, p. 99, tradução nossa) a objetivação pode ser compreendida da seguinte forma:

Grupos sociais que são relativamente fechados em termos de comunicação estão provavelmente desenvolvendo suas próprias interpretações de fenômenos não familiares ou assustadores. [...] Objetivação é o mecanismo pelo qual o conhecimento socialmente representado alcança sua forma específica. Isto significa construir um ícone, uma metáfora que representa o novo fenômeno ou ideia.

Transformando as interpretações do grupo social em coletividade, algo comum a todos os integrantes do grupo, como parte da engrenagem que dar sentido ao conjunto. A metáfora que Wagner et al. (1999) se refere é o conceito, símbolo, que surge a partir das representações dos sujeitos. Billig (1988) percebe a objetivação semelhantemente à ancoragem, ou seja, a de tornar comum objetos antes considerados desconhecidos, entretanto o autor considera que apenas alguns tipos de crenças podem ser objetivados, que são as crenças, essencialmente, religiosas, o que é plausível, haja vista que muitas religiões transcendem a racionalidade e situam-se no plano relacionado aos dogmas e à fé professada por cada grupo religioso.

A objetivação assim, conforme Billig (1988, p. 7) “pode ser vista como um processo que produz uma natureza particular de uma experiência comunitária na qual o abstrato é traduzido para o mundo dos objetos.”

Por conseguinte, é válido ressaltar que as representações dependem da memória, como parte integrante da constituição da essência do grupo, como bem descreve Moscovici (2010, p. 78):

Nossas representações, pois, tornam o não familiar em algo familiar. O que é uma maneira diferente de dizer que elas dependem da memória. A solidez da memória impede de sofrer modificações súbitas, de um lado e de outro, fornece-lhes certa dose de independência dos acontecimentos atuais – exatamente como uma riqueza acumulada nos protege de uma situação de penúria.

É do conjunto das experiências e memórias que se podem extrair as imagens linguagens e gestos necessários para sobrepujar o não familiar. Bergson (1999) retrata em seu estudo “Matéria e memória” a percepção consciente que o corpo faz a partir das imagens que são revocadas. Essas imagens, para Moscovici (2010, p. 78), formam as representações sociais “As experiências e memórias não são nem inertes, nem mortas. Elas são dinâmicas e imortais.” Assim sendo, parece conveniente afirmar que a relação entre memória e representação trata a necessidade de retomar atitudes do passado com vistas à realidade, sobretudo para tornar familiar realidade que, teoricamente, era desconhecida. Neste sentido Bergson (1999, p. 263) afirma:

[...] o corpo conserva hábitos motores capazes de desempenhar de novo o passado; pode retomar atitudes em que o passado irá se inserir; ou ainda, pela repetição de certos fenômenos cerebrais que prolongaram antigas percepções, irá fornecer à lembrança um ponto de ligação com o atual, um meio de reconquistar na realidade presente uma influência perdida [...].

Sendo assim, os dois métodos das representações sociais: ancoragem e objetivação são instrumentos de percepção da realidade em que os sujeitos estão inseridos, que através de suas colocações pode-se reconstituir a trajetória do grupo social, tendo em vista que a memória perpassa esse processo e contribui para a apreensão das representações sociais, ela não pode ser desmembrada desse processo como destaca Moscovici (2010):

Ancoragem e objetivação são, pois maneiras de lidar com a memória. A primeira mantém a memória em movimento e a memória é dirigida para dentro, está sempre colocando e tirando objetos, pessoas e acontecimentos, que ela classifica de acordo com um tipo e os rotula com um nome. A segunda, sendo mais ou menos direcionada para fora (para outros), tira daí conceitos e imagens para juntá-los e reproduzi-los no mundo exterior, para fazer as coisas conhecidas a partir do que já é conhecido. (MOSCOVICI, 2010, p. 78).

Então, tanto a ancoragem quanto a objetivação são instrumentos para o desenvolvimento do conhecimento humano, de maneira geral, e das representações sociais em particular. São processos opostos, mas complementares, para a diferenciação cognitiva. Assim enfatiza Marková (1996, p. 189) que as representações são fruto da diferenciação cognitiva, promovida pela ancoragem e objetivação “Na aquisição, manutenção e mudança do conhecimento, globalização e diferenciação ocorrem. No entanto, enquanto no desenvolvimento do intelecto e do conhecimento científico o foco é na auto-diferenciação cognitiva, na formação das representações sociais o foco é a globalização.”

4 A PÓS-GRADUAÇÃO NO BRASIL

O saber do homem moderno não está mais fundamentado no todo consolidado de sua cultura, mas nos fragmentos de diversas culturas que a informação diária lhe oferece. (PACHECO, 1995, p. 22).

No Brasil a pós-graduação data de meados da década de 1960, sua institucionalização ocorre por meio do Parecer 977/65, que teve como relator o então senador da república Newton Sucupira. A partir de então vários foram os investimentos nesse nível de ensino, sua evolução caminhou a passos largos e hoje o Brasil pode ser considerado com um país que tem um ensino de pós-graduação de boa qualidade. É bem verdade que há inúmeras barreiras e dificuldades que impedem não só o acesso a esse ensino, mas também o seu desenvolvimento.

A Lei de Diretrizes e bases da Educação (LDB) em seu artigo 43 especifica que a educação superior tem por finalidade:

- a) estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo;
- b) incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive;
- c) estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais, prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade;
- d) entre outros. (BRASIL, 2011).

Evidentemente que observando as finalidades da educação superior pode-se perceber a necessidade da pós-graduação em fomentar pesquisas que em parceria com a sociedade associe o ensino com a prática. Desta forma, o estímulo às discussões acerca dos problemas que assolam a sociedade pode partir da prática para a teoria e retornando a prática, contribuindo de sobremaneira para propagação de soluções técnicas e práticas para questões do dia a dia da sociedade.

No parecer 977/65 foi apontado três motivações fundamentais para instauração de cursos de pós-graduação no Brasil, são eles:

- 1) formar professorado competente que possa atender à expansão quantitativa do nosso ensino superior garantindo, ao mesmo tempo, a elevação dos atuais níveis de qualidade;

- 2) estimular o desenvolvimento da pesquisa científica por meio da preparação adequada de pesquisadores;
- 3) assegurar o treinamento eficaz de técnicos e trabalhadores intelectuais do mais alto padrão para fazer face às necessidades do desenvolvimento nacional em todos os setores.

Os cursos de pós-graduação no Brasil surgem a partir da necessidade de formação do corpo docente das universidades, o desejo de estimular a pesquisa científica, visando o desenvolvimento científico e tecnológico do país, bem como garantir o treinamento dos profissionais que atuavam nos setores que requeriam competências “intelectuais” para o seu aprimoramento e, por conseguinte do Brasil.

Desde 1930 os cursos de pós-graduação já emanavam no Brasil, contudo, somente em 1965 é que surgem no campo da legislação as regulamentações sobre pós-graduação. Uma das primeiras leis é datada de 06 de dezembro de 1965, nº 4.881 que dispõe sobre o Estatuto do Magistério Superior, onde o Conselho Federal de Educação conceituaria os cursos de pós-graduação. Ela surge no Brasil quando a “[...] universidade deixa de ser uma instituição apenas ensinante e formadora de profissionais para dedicar-se às atividades de pesquisa científica e tecnológica” (BRASIL, 1965, p. 163).

Vale destacar os esforços para regulamentação da pós-graduação no país que estavam voltados para modernizar o ensino da universidade, esta modernização foi exigida tendo em vista as mudanças ocorridas na sociedade pós-Segunda Guerra Mundial (REIS, 1990).

A CAPES, e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) foram criados em 1951, órgãos ligados ao desenvolvimento científico e tecnológico, se tornaram os grandes responsáveis pelo aperfeiçoamento do ensino da pós-graduação no Brasil.

É importante frisar que o surgimento da pós-graduação no Brasil se dá com certo dualismo, com os cursos voltados para a formação de pesquisadores críticos, entretanto e por outro lado surge com uma dependência a outros países, principalmente os Estados Unidos “tem sua origem próxima na própria estrutura da universidade norte-americana, compreendendo o *college* como base comum de estudos e as diferentes escolas graduadas que geralmente requerem o título de bacharel como requisito de admissão” (BRASIL, 1965, p. 163).

Em Santos (2006) pode-se perceber a influência marcante das escolas estrangeiras na formação dos cursos de pós-graduação no Brasil, o autor afirma que

a criação dos cursos teve forte influência de duas correntes acadêmicas: a corrente norte-americana e a corrente européia. A primeira influenciou os cursos do ITA, Universidade Federal de Viçosa (antiga Escola Superior de Agricultura de Viçosa) e da Universidade Federal do Rio de Janeiro (antiga Universidade do Brasil), e a segunda os cursos da Universidade de São Paulo (USP).

Assim ressalta Santos (2002, p. 483):

A instalação da pós-graduação no Brasil tem que ser entendida no contexto maior de dependência em relação às nações centrais. [...] o processo de estruturação da pós-graduação no Brasil foi contraditório e uma das razões principais desta contradição se deu por ter este desenvolvimento ocorrido no contexto de uma sociedade dependente.

A formação de pesquisadores passou a ser desestimulada, sobretudo porque estavam enraizados os aspectos científicos dos países dominantes, uma maneira de podar o aspecto crítico dos cientistas e pesquisadores brasileiros. Santos (2002) continua a análise indagando que:

A dependência, contudo, é nociva, sobretudo na área da pesquisa, uma vez que a compra de *know-how* estrangeiro é, via de regra, um mau negócio, pois normalmente aborta as iniciativas do desenvolvimento tecnológico do país importador, desestimulando, assim, a formação de cientistas e pesquisadores. Tal importação é, pois, esterilizante e prejudicial à produção de conhecimento nos países dependentes. (SANTOS, 2002, p. 483).

Na atual conjuntura da sociedade, dita da informação, a pós-graduação vem ganhando cada vez mais espaço. Na década de 1990 houve uma grande expansão do ensino e uma diversidade de cursos nas variadas áreas do conhecimento foram criados. Segundo Velloso (2002, p. 35) “No ano 2000, os estudantes vinculados aos programas de mestrado e doutorado no país estavam chegando à casa dos 80 mil, com mais de 15 mil titulados no ano.”

Evidentemente que a propagação alcançou tanto os cursos *lato sensu* quanto os *stricto sensu*, contudo esta propagação foi de alguma forma contida e controlada, já que “Concebem-se os cursos de mestrado e doutorado para uma elite pensante, para a formação dos pesquisadores por excelência e, por isso, sua expansão é tratada como devendo ser contida, e sua avaliação centralizada para melhor

controle” (GATTI, 2001, p. 110). Como é ressaltado no Parecer 977/65 “a pós-graduação de modo algum pode ser considerada educação de massa” (BRASIL, 1965, p. 168). Desde a regulamentação da pós-graduação que esse nível de ensino vem sendo proposto para uma elite pensante, que contribui para o desenvolvimento científico do país, mas que operacionaliza a exclusão acadêmica, portanto só os mais capazes chegarão à pós-graduação “Se os cursos de graduação devem ser abertos ao maior número, por sua natureza, a pós-graduação há de ser restrita aos mais aptos”. (BRASIL, 1965, p.173).

Por conseguinte, vale lembrar que o Parecer fora elaborado visando às interpretações equivocadas da Lei 4024/61 que trata dos cursos de pós-graduação, ele é fruto de indicações à regulamentação acerca da pós-graduação em todo o mundo, assim destaca o relator “[...] o sistema de pós-graduados hoje se impõe em todos os países, como a consequência natural do extraordinário progresso do saber em todos os setores, tornando impossível proporcionar treinamento completo e adequado para muitas carreiras nos limites dos cursos de graduação.” (BRASIL, 1965, p. 2).

É importante destacar a iniciativa da Lei 4024/61, que mesmo com algumas imprecisões e interpretações equivocadas pode alicerçar a formação dos cursos de pós-graduação no Brasil. Em Reis,

Assim, até mais ou menos 1961, há a persistência de uma certa fluidez tanto no que se refere à compreensão do sentido do que seja a Pós-Graduação, quanto em termos de seu disciplinamento. Essas definições só ocorrem após a regulamentação da Lei de Diretrizes e Bases – LDB, que institui a Pós-Graduação como nível específico de ensino. (REIS, 1990, p. 26).

Neste momento é importante fazer a distinção entre os níveis de pós-graduação. Esta se estrutura basicamente entre os cursos *lato sensu* e *stricto sensu*. Os cursos *lato sensu* normalmente estão voltados para o mercado de trabalho, entende-se como os cursos de especialização ou aperfeiçoamento e ao término oferecem apenas um certificado. Nos termos do Parecer 977/65, que foi o primeiro esforço legal para regulamentar a pós-graduação no Brasil, “Normalmente os cursos de especialização e aperfeiçoamento tem objetivo técnico profissional específico sem abranger o campo total do saber que se insere a especialidade. São cursos

destinados ao treinamento nas partes de que se compõe um ramo profissional ou científico.” (BRASIL, 1965, p. 4).

No que se refere ao segundo nível, *stricto sensu*, tem-se os cursos de mestrado e doutorado. A diferença básica dos de primeiro nível é que estão voltados para a formação de pesquisadores. Ao término do curso o pós-graduando deve apresentar uma dissertação ou tese.

No tocante a diferenciação entre os estudos *lato sensu* e *stricto sensu* nos alerta o Parecer 977/65:

Em resumo, a pós-graduação *sensu stricto* apresenta as seguintes características fundamentais: é de natureza acadêmica e de pesquisa e mesmo atuando em setores profissionais tem objetivo essencialmente científico, enquanto a especialização, via de regra, tem sentido eminentemente prático-profissional; confere grau acadêmico e a especialização concede certificado; finalmente a pós-graduação possui uma sistemática formando estrato essencial e superior na hierarquia dos cursos que constituem o complexo universitário. (BRASIL, 1965, p. 4).

No que concerne à formação profissional, as academias assumem uma dimensão crucial, pois serão elas que fornecerão o capital simbólico e/ou intelectual, representado pelo diploma, que se constitui no principal fundamento do direito de autoridade de produzir discursos e exercer práticas sobre um determinado conjunto de fenômenos componentes da realidade social. “O título profissional ou escolar é uma espécie de regra jurídica de percepção social, um ser-percebido que é garantido como um direito. É um capital simbólico institucionalizado, legal e não apenas legítimo” (BOURDIEU, 1989, p. 148).

Em 1983 Renato Ortiz organizou uma coletânea de textos de Pierre Bourdieu, que reconhece o real valor da obra desse autor, e o define como um pensador profundamente original, portanto situá-lo em uma “escola” é uma difícil tarefa. O trabalho de Ortiz rendeu uma obra importante para compreender os aspectos conceituais de Bourdieu, sobretudo porque apresenta síntese do pensamento sociológico expresso nas formulações teóricas de Bourdieu.

Ortiz (1983) aborda as questões sociológicas de Bourdieu a partir de três aspectos centrais: a) o conhecimento praxiológico; b) a noção de *habitus*; c) o conceito de campo. Apesar da relação intrínseca entre os aspectos a pesquisa em

questão debruçar-se-á sobre o último aspecto, mas não abandonando, pelo menos não completamente, os dois primeiros.

Não obstante, é o título que insere o jovem pesquisador no campo científico, para Bourdieu “campo” é o espaço onde as posições dos agentes se encontram, anteriormente, fixadas. Segundo Ortiz (1983, p. 19) “O campo se define como o *locus* onde se trava uma luta concorrencial entre os atores em torno de interesses específicos que caracterizam a área em questão”. Nesta perspectiva, pode-se afirmar que as áreas passam por conflitos que dentro de cada especificidade contribui para o desenvolvimento das áreas, isto ocorre devido ao progresso da ciência, contudo vale ressaltar que “todo ator age no interior de um campo socialmente predeterminado” (ORTIZ, 1983, p. 19), contribuindo para a formação e consolidação do campo científico.

Por conseguinte, como Ortiz (1983) o campo é o espaço onde, também, se manifestam relações de poder “ele se estrutura, a partir da distribuição desigual de um *quantum* social que determina a posição que um agente específico ocupa em seu seio.” Pode-se então entender a estrutura do campo composta por dois pólos completamente divergentes: o dos dominantes e o dos dominados. Assim temos:

Os agentes que ocupam o primeiro pólo [dominante] são justamente aqueles que possuem um máximo de capital social; em contrapartida, aqueles que situam no pólo dominado se definem pela ausência ou pela raridade do capital social específico que determina o espaço em questão. (ORTIZ, 1983, p. 21).

Portanto, os pesquisados possuem posições hierarquicamente reconhecidas como dominantes, porque têm maior capital científico, desfrutam de maior celebridade e prestígio, por conseguinte detêm o poder de impor, para os outros componentes do campo (ORTIZ, 1983).

Então, pode-se entender que os que possuem maior capital simbólico [os pesquisadores] detêm o poder sobre os demais sujeitos que fazem parte daquele campo científico. Assim fica evidente na fala de Ortiz (1983, p. 22):

Os pesquisadores oriundos das ‘Grandes Escolas’ têm, certamente, maior potencialidade de realizar suas ambições do que outros que se originam de institutos ou escolas de menos prestígio. Não existe, pois, uma neutralidade das ações, pois toda realização pressupõe necessariamente uma série de interesses (os mais diversos) em

jogo. Mesmo no campo do conhecimento científico, onde muitas vezes se pretende fazer uma ciência pura, tais interesses se manifestam, muito embora seja frequentemente encobertos por um discurso desinteressado acerca do progresso do saber.

Sendo assim, a pós-graduação ostenta um papel necessário na formação da massa crítica da sociedade, onde os sujeitos detentores deste diploma se legitimam no exercício técnico, teórico e prático das pesquisas no Brasil, fornecendo capital intelectual não só para o país, mas contribuindo também para produção de saberes por todo o mundo.

Santos (2006, p. 73) ressalta que a pós-graduação sempre esteve voltada para uma elite dominante “Outra questão de fundo em relação à pós-graduação é pensar o quanto ela está ligada a uma elite sócio-econômica – fato presumível; considerando-se que a sua finalidade era, e continua sendo, a formação de estratos superiores visando à pesquisa e a formação de ‘massa crítica’, bem como a formação de professores para o magistério superior”. Entretanto, a universidade não pode marginalizar a sua função social, trazer para o meio aqueles que estão distantes, aqueles que buscam, mesmo que inconscientemente, a inserção social. Nessa perspectiva de análise nos diz Gatti (2001).

Superar essas condições é desafio. Reconhecer suas raízes pode ajudar nesse processo de transformação. Estas raízes estão vinculadas às origens de vocação elitista de nosso ensino superior, transferida à pós-graduação, que é tomada como último reduto da qualidade, por certos grupos que confundem boa qualidade com grau de exclusão. A manutenção desta postura vem desfavorecendo variados contingentes sociais quanto às possibilidades de aprofundamento de sua formação. Os setores envolvidos com mestrados e doutorados precisam ampliar suas perspectivas sociais, sem perder a ciência como referencial. Devem reconhecer, no entanto, que, como processos educativos, com objetivos também diferenciados, mestrados e doutorados são meios de fazer ascender a padrões culturais diferentes segmentos sociais, à altura das conquistas humanas em conhecimentos. Passa também por este nível formativo a socialização dos conhecimentos acumulados pelo esforço e contribuição de todos os cidadãos que, em última instância, fornecem o dinheiro necessário ao financiamento de cursos e pesquisas, por meio de impostos. Portanto, o papel social desse segmento educativo é também do interesse público. (GATTI, 2001, p. 114)

Na atual conjuntura da sociedade da informação, a busca pela pós-graduação tem crescido cada vez mais. É bem verdade que alguns fatores concorrem para este

fato. Pode-se citar a consolidação de programas de renomada qualidade no país, a necessidade legal exigida pela LDB de que pelos menos 1/3 do corpo docente das universidades tenham mestrado ou doutorado para reconhecer os cursos das instituições de ensino superior, além da expansão dos cursos e destas instituições, principalmente no final dos anos 1990 e início dos anos 2000⁶, expandindo o mercado de trabalho para docentes do ensino superior, portadores do título de mestrado e/ou doutorado.

Em relação ao crescente número de ingressos nos programas de pós-graduação Santos (2006, p. 69) ressalta que,

[...] dado o número de mestres e doutores formados, quase que em massa, aliado aos cortes em pesquisa por parte do Estado e, em termos de investimento privado, cada vez mais localizado, o número de mestres e doutores tenderá a ser maior do que a demanda, o que provavelmente restringirá as oportunidades dos profissionais, que terão um mercado que não os comporta.

Quanto ao desenvolvimento da política de pós-graduação no Brasil, é necessário recuperar um pouco a história dos Planos Nacionais de Pós-Graduação (PNPG), que foram e ainda são elemento essencial na construção e no desenvolvimento da pós-graduação no Brasil.

Vale destacar que os Planos Nacionais de Pós-Graduação procuravam estimular o desenvolvimento da pesquisa no país, buscando apoio, sobretudo estatal, visto que tomando por base o parágrafo 3º do artigo 218 da Constituição Federal que estabelece “O Estado apoiará a formação de recursos humanos nas áreas de ciência, pesquisa e tecnologia, e concederá aos que delas se ocupem meios e condições especiais de trabalho”, neste sentido a promulgação dos PNPG procuram criar condições para o desenvolvimento do país a partir dos aspectos C,T&I.

⁶ Um grande impulso do sistema de expansão das universidades foi o Programa de Apoio aos Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), que teve como principal objetivo ampliar o acesso e a permanência na educação superior. Foi instituído pelo Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007, e é uma das ações que integram o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE). O governo federal adotou uma série de medidas para retomar o crescimento do ensino superior público, criando condições para que as universidades federais promovessem a expansão física, acadêmica e pedagógica da rede federal de educação superior. Os efeitos da iniciativa podem ser percebidos pelos expressivos números da expansão, iniciada em 2003 e prevista para terminar em 2012. O programa contemplava, sobretudo, os cursos de graduação, mas as universidades expandiram também os seus cursos de pós-graduação, possibilitando um acesso maior a essa modalidade de ensino.

[...] subjacente nos Planos Nacionais de Pós-Graduação, o entendimento de que a pós-graduação deveria tornar-se objeto de planejamento e financiamento estatais, sendo considerada como subsistema do conjunto do sistema educacional. Ao contrário do ensino de graduação que vinha passando por um acentuado processo de expansão desordenada, os PNPG imprimiram uma direção macro-política para a condução da pós-graduação, através da realização de diagnósticos e de estabelecimento de metas e de ações. Não se pode esquecer também que os PNPG se encontravam articulados com um amplo sistema de financiamento governamental de ciência e tecnologia. (BRASIL, 2010, p. 38).

Desde 1975 foram promulgados 6 PNPG, cada plano estava organizado, basicamente, em cinco eixos: 1 – a expansão do Sistema Nacional de Pós-Graduação (SNPG), a primazia da qualidade, a quebra da endogenia e a atenção das assimetrias; 2 - a criação de uma nova agenda nacional de pesquisa e sua associação com a pós-graduação; 3 - o aperfeiçoamento da avaliação e sua expansão para outros segmentos do sistema de Ciência, Tecnologia e Inovação (C,T&I); 4 – a multi- e a interdisciplinaridade entre as principais características da pós-graduação e importantes temas da pesquisa; 5 – o apoio à educação básica e a outros níveis e modalidades de ensino, especialmente o ensino médio.

O I PNPG (1975-1979) teve como objetivo introduzir o Estado como responsável pela expansão das atividades da pós-graduação, integrando-as na graduação e promovendo a pesquisa, haja vista a formação de especialistas para o sistema universitário, o setor público e o segmento industrial. As principais diretrizes desse plano eram: a) Institucionalizar o sistema, consolidando-o como atividade regular no âmbito das universidades e garantindo-lhe financiamento estável; b) elevar os atuais padrões de desempenho e racionalizar a utilização de recursos; c) planejar a sua expansão, tendo em vista uma estrutura mais equilibrada entre áreas e regiões. O II PNPG (1982-1985) teve como foco a qualidade do ensino, mantendo as ênfases do Plano anterior, a partir do II PNPG a avaliação dos programas passa por aperfeiçoamento e é institucionalizada. O III PNPG (1986-1989) as atividades da pós-graduação passam a ser subordinadas ao desenvolvimento econômico do país, integrando as atividades ao sistema nacional de ciência e tecnologia. Este Plano também focou na estruturação das universidades como a atualização das bibliotecas e de informações científicas e laboratórios. Apesar do IV PNPG não ter sido promulgado, em decorrência de restrições financeiras e falta de articulação entre os diferentes atores, suas diretrizes foram incorporadas pela CAPES que se

configurava na expansão do sistema, na diversificação do modelo de pós-graduação, na introdução de mudança no processo de avaliação e na inserção internacional do SNPG. O V PNPG (2005-2010) foi caracterizado pela iniciação do princípio de inferência estratégica nas atividades de pós-graduação em associação com as fundações estaduais e os fundos setoriais, o aperfeiçoamento do processo de avaliação da pós-graduação, sobretudo a parte qualitativa, a preocupação com a parceria entre os cursos e seu impulso social, a expansão internacional, o combate às assimetrias, a formação de recursos humanos para inovação tecnológica e o foco na formação de docentes para todos os níveis de ensino, como também de quadros técnicos via mestrado profissional para os setores público e privado. O VI PNPG (2011-2020), não diferente dos demais PNPG, se apóia nos eixos: 1- expansão do SNPG; 2- criação de uma agenda nacional de pesquisa; 3 – aperfeiçoamento da avaliação; 4- a multi/ interdisciplinaridade; 5- o apoio a outros níveis de ensino. (BRASIL, 2010, p. 15-16)

Da mesma forma que os planos anteriores o PNPG VI é um instrumento de políticas públicas voltadas para a pós-graduação, cuja finalidade é a dinamização e o condensamento do SNPG. Neste sentido, o SNPG deverá fomentar a interação entre universidade e sociedade, de forma que estas parcerias promovam o desenvolvimento em C,T&I.

Ademais, é importante entender a conjuntura na qual estes Planos foram desenhados, principalmente na modalidade de ensino em que a pós-graduação se vincula. Analisando sobre a pós-graduação, Rei nos diz que,

É possível dizer, com base na literatura, que a instituição desse nível de ensino, de forma explicitamente regulamentada e como processo acionador do desenvolvimento, se vinculou às necessidades econômicas que resultaram do modelo nacional-desenvolvimentista e de internacionalização do mercado, em face da relevância conferida à educação nas diferentes conjunturas. (REIS, 1990, p. 25).

O Brasil se prepara para se tornar a quinta economia mundial nos próximos dez anos, para tanto é necessário pessoal altamente qualificado, que possuam habilidades e competências para atuar na sociedade que exige reflexões e atitudes críticas dos profissionais. A pós-graduação demonstra um território fértil onde estes profissionais podem desenvolver-se para atuar no mundo globalizado.

Contudo para que o SNPG possa cumprir seu papel nesse cenário será preciso aumentar a “interação entre as agências, bem como flexibilizar a avaliação da pós-graduação, de maneira que outros modelos e metodologias, entre essas, a interdisciplinaridade, abram novas possibilidades de abordagens objetivando o atendimento aos assuntos estratégicos nacionais” (BRASIL, 2010, p. 293). A interdisciplinaridade aqui tratada é, sobretudo, a parceria das diversas áreas no desenvolvimento do país, pois áreas isoladas não conseguirão contemplar todos os aspectos abarcados para a pós-graduação, tampouco para alcançar os objetivos pretendidos.

[...] as novas configurações econômicas mundiais e, particularmente no Brasil, o projeto de transformação do país em ‘nação-potência’ como pretendia a elite governante, estavam a exigir, de alguns setores educacionais uma atuação mais qualificada e compatível com essas realidades emergentes e em rápida mudança. O país necessitava de cientistas e técnicos de alto nível, mas em quantidade compatível com a demanda real; urgia a instauração de um sistema consistente e duradouro de pesquisa. Cabia à universidade, ou melhor, a algumas das mais vigorosas instituições universitárias, formar essa ‘massa crítica’ e criar as bases e a cultura da pesquisa sistemática. Nesse terreno é que começou a vicejar e desenvolver-se a pós-graduação no Brasil, enquanto nível formal e organizado. (DIAS SOBRINHO, 1994, p. 93)

No momento em que se considera uma formação *stricto sensu*, mediante tal contexto, existem possibilidades de exclusão, logo são necessárias reflexões sobre que tipo de formação está sendo dada nas universidades. O acesso ao nível superior de ensino há muito faz parte da realidade de poucos no Brasil. A pós-graduação, por sua vez, mais ainda. Como então pensar em um país que se projeta para alcançar escalas mundiais em termos econômicos, sociais, científicos etc. e não promove a inserção dos seus cientistas no bojo na sociedade? É bem verdade que responder a questões como essa não é tarefa fácil, assim como não seria impossível tal consideração.

Alguns esforços, no sentido de contemplar a pós-graduação no que tange ao seu desenvolvimento são válidos, como é o caso dos PNPG. Os objetivos pretendidos deixam evidentes as necessidades de aprofundamento de reflexões críticas acerca da formação, da estrutura, e avaliação dos programas de pós-

graduação, que apesar do crescimento em termos quantitativos e qualitativos nos últimos anos, ainda precisa melhorar o acesso.

Assim, Santos (2006, p. 75) reforça: “é importante analisar que a universidade vem há séculos ocupando-se com a formação de estratos superiores, principalmente no que tange a pesquisa e a pós-graduação, tendo papel fundamental na manutenção e/ou subversão da ideologia dominante”. Neste sentido, espera-se que as universidades por meios dos seus programas de pós-graduação estabeleçam parcerias que contribuam com o desenvolvimento do país, mas principalmente que abram as portas de suas salas de aulas para a formação de profissionais capazes de “sustentar” o país através do seu capital simbólico.

No contexto de uma sociedade capitalista, é válido ressaltar que as universidades são meras reprodutoras da manutenção social, a educação está ligada diretamente a determinadas classes, ou seja, reportam a ordem vigente dos dominadores em detrimento da tomada de consciência dos dominados. Neste sentido, pode-se dizer que um dos grandes papéis da educação em uma sociedade de classes é fazer com que os sujeitos tomem consciência do processo em que estão envolvidos, e reflitam sobre o tipo de formação que melhor se coadunam com seus anseios e da sua classe social. Não é preciso muito esforço para perceber o quanto a educação contribui para a manutenção do *status quo*, através de diversos mecanismos a partir de sua forma de organização, além de um sistema meritocrático que afirma a igualdade de acesso, mas não leva em consideração a igualdade de oportunidades.

É perceptível nos PNPG a necessidade de avaliação contínua dos programas de pós-graduação, porque são esses os instrumentos de fomento à pesquisa no Brasil. É sabido que no âmbito das universidades a pesquisa não se dá, necessariamente, na pós-graduação, mas ela é responsável por grande parte do desenvolvimento da pesquisa nas universidades brasileiras, sendo por isso a constante preocupação dos órgãos fiscalizadores no que concerne à avaliação.

Um ponto que chama atenção no quesito avaliação e que coaduna com os objetivos da pesquisa em questão é a necessidade de verificar onde estão os egressos dos programas. Assim, Hoyos (1998, p. 37, grifo nosso) afirma:

Quem pensa que quem credencia uma boa universidade são seus “campi”, seus edifícios, laboratórios, e até mesmo sua biblioteca, está

equivocada. Nem sequer são seus professores e os alunos. **O que credencia uma boa universidade é o produto, a ciência, os egressos.** Se existem excelentes egressos, existe uma excelente Universidade. Se eles são ruins e medíocres, a Universidade é ruim e medíocre, não vale à pena fazer um tremendo esforço para sustentá-la. Se não somos capazes de melhorá-la, fechamo-la com honradez e fazamos coisas mais sérias.

Diante dessa perspectiva histórica e conflitante é importante destacar ainda a participação da Ciência da Informação no processo de formação dos cursos de pós-graduação, sobretudo porque ela não esteve à margem, mas contribuiu para o desenvolvimento científico e tecnológico nos últimos anos.

A emergência da CI no Brasil se deu dado à exigência de uma mão de obra qualificada e especializada na área de bibliotecas e informação. Segundo Santos (2006, p. 76) esta conjuntura requisitava um profissional que “respondesse, à altura, às necessidades de todo um grupo de pesquisadores que se desenvolvia; e ainda, visando à construção de uma liderança nacional das áreas de informação que acompanhasse a evolução da área como um todo”. Assim, sendo estava preparado o campo para o desenvolvimento da CI no Brasil, através dos programas de pós-graduação que foram abertos.

4.1 A PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NO BRASIL

Com o desenvolvimento da pós-graduação no Brasil, sobretudo nas décadas de 1950 e 1960, e o surgimento e desenvolvimento da CI, houve então uma necessidade de profissionais da informação qualificados com habilidades e competências para atuar com técnicas e estudos mais eficientes que estavam por surgir. A CI enfrenta um novo desafio a superação dos modelos substancialmente fortes, o modelo de desenvolvimento industrial e o de analiticidade, ou seja, consiste no processo de reenergização que conforme Zeman (1970, p. 160) “representa a transformação de uma informação potencial em uma informação viva” ou ainda a busca das múltiplas facetas que compõem o objeto de estudo da ciência. Houve uma necessidade de desenvolver serviços de informação e biblioteca que escoltasse, oferecendo suporte ao desenvolvimento das pesquisas que emergiam (VIEIRA, 1990).

Segundo Pinheiro e Loureiro (1995, p. 48) “a Ciência da Informação foi introduzida no Brasil no início da década de 1970 com a implantação do Mestrado em Ciência da Informação, no Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD).” Neste sentido, o desenvolvimento de pesquisas em CI esteve e ainda está completamente vinculado aos programas de pós-graduação da área, mesmo que *a priori* a implantação dos cursos tinham outras finalidades, conforme elencadas por Oddone (2006, p. 45) o principal objetivo do referido curso de Mestrado em Ciência da Informação era:

[...] permitir que os funcionários do órgão tivessem acesso aos conhecimentos e às competências profissionais que [...] a partir da segunda metade dos anos 1960, com a entrada em cena dos primeiros equipamentos eletrônicos, eram exigidos no desempenho de suas funções especializadas.

A CI surge no Brasil a partir da criação do IBBD, hoje denominado de Instituto Brasileiro de Informação Científica e Tecnológica (IBICT). A criação do IBICT abriu espaço para a consolidação da CI no país, nesse momento a partir da década de 60 a CI recebeu fortes influências americanas e européias. Surgem também os cursos de pós-graduação *lato sensu* voltados principalmente para o campo da Biblioteconomia, porém como o país está em constante efervescência da nova ciência os cursos passaram a ser vinculados a Ciência da Informação.

O IBICT então assume o papel de criador e gestor de atividades em informação científica e tecnológica e, sobretudo de ações políticas para institucionalização da Ciência da Informação. O Instituto foi segundo Pinheiro (2007, p. 3) “o laboratório para experiências pioneiras em informação científica e tecnológica e para formação de recursos humanos na nova área, com os cursos de especialização e de mestrado, bem como abriu a discussão nacional para questões de Ciência da Informação”. Neste sentido, é necessário considerar os aspectos relativos a temas, disciplinas ou subáreas, dos Cursos e Programas para a análise das tendências acadêmicas tendo em vista a multipluralidade de conceitos atribuídos ao objeto de estudo da CI.

Destarte a CI está inserida em questões técnicas, científicas e práticas que pressupõe o encadeamento de reflexões acerca dos problemas decorrentes dessas

questões. Sendo necessária a análise dos pressupostos constituintes, sobretudo no que concerne ao processo de evolução científica e tecnológica.

Então, o surgimento da CI está imbricado nos seus antecessores científicos e sociais e nos acontecimentos institucionais, técnicos e científicos que, certamente, proporcionaram o desenvolvimento desta enquanto ciência (SILVA; FREIRE, 2012, p. 2), como a concebemos hoje.

Neste sentido, Oddone (2006) reafirma que a gênese da CI no Brasil se dá com a criação do primeiro mestrado em CI. De fato, parece saltar aos olhos essa evidência de forma que a aproximação da CI com as pesquisas desenvolvidas em âmbito da pós-graduação revele, de fato, a sua consolidação enquanto ciência.

Quando se trata de ciência da informação no Brasil, todo e qualquer recuo histórico esbarra sempre no marco erguido pelo IBBD em 1970, quando se lê 'Primeiro Mestrado em Ciência da Informação da América do Sul'. Para lá desse limite, todos os caminhos que levam ao passado parecem não só encobertos, mas de fato supérfluos ao cientista da informação brasileiro, seja porque se acredita que esse passado se distancia muito de sua atividade atual, seja porque se julga que tal passado não oferece novos sentidos à sua identidade. (ODDONE, 2006, p. 45).

Da mesma forma declara Keshavarz (2008), os sistemas de informação advindos do surgimento da CI se colocam como necessário para processo de consolidação, concepção e avaliação da área como um todo.

A Ciência da Informação surgiu como um campo de pesquisa que está fortemente associada com outras áreas, nos quais sistemas de informação e processos de desenvolvimento, concepção e avaliação são considerados como conceitos fundamentais. (KESHAVARZ, 2008, p. 392, tradução nossa).

Para o autor, considerar o processo de consolidação da área, a partir dos aspectos de desenvolvimento dos sistemas informações, é utilizar o pressuposto teórico abordado Wersig (1993) que requer a utilização recursos tecnológicos para a resolução dos problemas informacionais detectados pela CI.

Por conseguinte, a busca e recuperação de informações estão entre as principais questões de pesquisa e prática em Ciência da Informação no Brasil e no Mundo. Estes fundamentos também pressupõem a abordagem teórico-metodológica

sugerida por Freire G. e Freire I. (2010, p.18) “Um dos objetivos da CI seria contribuir para a informação se tornar, cada vez mais, um elemento de inclusão social, trazendo desenvolvimento para pessoas e nações”. É neste escopo de integração entre o meio e a sociedade que a CI se insere como ciência preocupada em responder as questões inerentes ao desenvolvimento da sociedade.

A história da CI perpassa o contexto multicultural no qual ela foi concebida. Essa pluralidade de conceitos produziu nesta ciência traços marcante dos campos que ajudaram na sua concepção. Por isso Araújo (2009) vai afirmar que a sua materialização está atrelada à consolidação de um paradigma positivista:

A história da CI pode ser entendida, assim, com a história da gradual consolidação de um paradigma positivista para o campo, que se dá com a incorporação de teorias, conceitos e métodos de várias correntes (de diferentes áreas do conhecimento) e se manifesta de maneiras particulares nas várias subáreas que o compõem. (ARAÚJO, 2009, p. 203).

O processo de formação e consolidação da CI se deu em meio a várias discussões entre os teóricos que se debruçaram sobre os problemas informacionais decorrentes do avanço tecnológico, e de forma bastante eloquente Capurro (2003) afirma que a CI se situa entre a utopia de uma linguagem universal e a loucura de uma linguagem privada. O autor chama atenção para o direcionamento da informação e, conseqüentemente para a sua práxis.

Portanto, para Pinheiro (2007, p. 2) “O panorama a ser desenhado, da Ciência da Informação, é resultante das conjunturas internacionais e nacionais e trazem a marca da história do mundo e de nosso país”. O que confere a essa ciência um caráter interdisciplinar, tendo em vista inclusive as disciplinas que contribuíram para a sua gênese.

Da mesma forma que Souza e Dias (2011) afirmam que esse processo de firmação da área se dá na integração dos elementos de relações com áreas e/ou campos do conhecimento basilares e/ou circunvizinhos.

É válido ressaltar que para a consolidação de um campo científico é necessário o desenvolvimento de diversas pesquisas embrionárias, que vão desde a parte epistemológica a parte prática, neste sentido destaca Pinheiro (2007):

Um campo do conhecimento, até chegar à sua formulação conceitual, desenvolvimento de princípios e construtos, elaboração de teorias, metodologias e formulação de leis, é anunciado, gradativamente, por diferentes eventos científicos. Seu aparecimento é demarcado por novos cursos e pesquisas, nos quais são gerados conhecimentos, até reuniões onde serão comunicados, sociedades que congregam pesquisadores e especialistas, periódicos científicos. (PINHEIRO, 2007, p. 3).

Referenciando tal contexto, foram criados na década de 1970 cinco cursos de pós-graduação em Ciência da Informação ou Biblioteconomia. O primeiro foi o do IBBD, supramencionado, atual IBICT. Este curso foi responsável pela formação de inúmeros pesquisadores no Brasil, atualmente funciona em nível de mestrado e doutorado. Em seguida, outros cursos foram sendo criados como é o caso da Universidade de São Paulo (USP), cujo início ocorreu em 1970 no nível de mestrado e em 1980, no nível de doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) iniciou em 1976 com o mestrado e em 1997 o doutorado, Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCCamp), conta apenas com o nível de mestrado iniciado em 1977, Universidade Federal da Paraíba – (UFPB)⁷, início em 1977 com o mestrado e após o credenciamento 2007 instaura o nível de doutorado em 2012 e Universidade Federal de Brasília (UnB), iniciou em 1978 o nível de mestrado e em 1992 o doutorado.

A criação dos cursos de pós-graduação nessas instituições acabou por motivar outras instituições a também lançarem cursos de pós-graduação em Ciência da Informação como é o caso da Universidade Federal da Bahia (UFBA), da Universidade Estadual de São Paulo – (UNESP), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Atualmente, existem no Brasil quinze (15) programas de pós-graduação que têm relação com a Ciência da Informação, assim são considerados aqueles que têm em seu corpus teórico as disciplinas voltadas para a CI, como biblioteconomia, museologia. No quadro a seguir podem ser observadas as instituições a que esses programas estão vinculados, bem como as áreas de concentração e as linhas de pesquisas.

⁷ O curso de mestrado em Biblioteconomia da UFPB foi descredenciado em 2000 voltando a ser credenciado em 2007, como Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação.

É válido ressaltar que a descrição e análise das linhas de pesquisa dos cursos de pós-graduação em CI no Brasil devem-se ao fato da necessidade de mapear a forma como a área tem se configurado, ponto convergente para a pesquisa em questão, já que como poderão ser observadas as linhas de pesquisa congregam várias possibilidades de reflexão e atuação que são refletidas nos trabalhos de tese/dissertação. Da mesma forma que a análise sobre os egressos PPGCI/UFPB reflete a realidade da inserção dos sujeitos, haja vista a sua formação acadêmica em nível de pós-graduação, assim torna-se evidente que a constituição dos indivíduos apresenta-se bastante diversificada.

Quadro 02 – Cursos e Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação e correlatas no Brasil, por cronologia de implantação

#	Instituição	Curso	Ano de Criação	Área de Concentração	Linhas de pesquisas
1	IBICT ⁸	Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação	M – 1970 D - 1992	Informação e mediações sociais e tecnológicas para o conhecimento	1. Comunicação, organização e gestão da informação e do conhecimento 2. Configurações socioculturais, políticas e econômicas da informação
2	USP	Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação	M – 1972 D – 1992	Cultura e informação	1. Apropriação social da informação 2. Gestão de dispositivos de informação 3. Organização da informação e do conhecimento
3	UFMG	Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação	M – 1976 D - 1997	Produção, organização e utilização da informação.	1. Gestão da informação e do conhecimento 2. Informação, cultura e sociedade 3. Organização e uso da informação
4	UFPB	Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação	M – 1977 D - 2012	Informação, conhecimento e sociedade	1. Memória, organização, acesso e uso da informação 2. Ética, gestão e políticas de informação
5	PUCCAMP	Pós-Graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação	M - 1977	Administração da Informação	1. Gestão de Serviços da Informação 2. Produção de Disseminação da Informação
6	UnB	Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação	M – 1978 D - 1992	Gestão da Informação	1. Organização da informação 2. Comunicação e mediação da informação
7	UNIRIO	Programa de Pós-Graduação em Memória Social	M – 1988 D - 2005	Estudos interdisciplinares em memória social	1. Memória e patrimônio 2. Memória e linguagem 3. Memória e espaço 4. Memória, subjetividade e criação

⁸ O PPGCI foi desenvolvido pelo IBICT com mandato acadêmico da UFRJ até 1981 e, de 1982 a 2002, como parte da estrutura acadêmica da Escola de Comunicação da UFRJ. De 2003 a 2008, o PPGCI funcionou em convênio com a Universidade Federal Fluminense (UFF), tendo retornado à UFRJ ao final de 2008.

8	UFRGS	Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação	M – 1995 D - 2000	Comunicação e informação	1. Informação, redes sociais e tecnologias 2. Jornalismo e processos editoriais 3. Linguagem e culturas da imagem 4. Mediações e representações culturais e políticas
9	UNESP/ Marília	Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação	M – 1998 D - 2005	Informação, tecnologia e conhecimento	1. Informação e tecnologia 2. Produção e organização da informação 3. Gestão, mediação e uso da informação
10	UFBA	Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação	M – 1998 D - 2010	Informação e conhecimento na sociedade contemporânea	1. Políticas e tecnologias da informação 2. Produção, circulação e mediação da informação
11	UFSC	Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação	M- 2003	Gestão da informação	1. Fluxos de Informação 2. Profissionais da Informação
12	UNIRIO	Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio	M – 2006 D - 2010	Museologia e patrimônio	1. Museu e museologia 2. Museologia, patrimônio integral e desenvolvimento
13	UEL	Programa de Pós Graduação em Gestão da Informação	MP* – 2008	Gestão e organização do conhecimento	1. Organização e representação da informação e do conhecimento 2. Compartilhamento da informação e do conhecimento
14	UFPR	Programa de Pós-Graduação em Ciência, Gestão e Tecnologia da Informação	M - 2008	Gestão da Informação e do Conhecimento	1. Informação, conhecimento e estratégia 2. Informação, tecnologia e gestão
15	UFPE	Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação	M - 2009	Informação, memória e tecnologia	1. Memória da Informação científica e tecnológica 2. Comunicação e visualização da memória
16	UNIRIO	Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia	MP* - 2012	Biblioteconomia e Sociedade	1. Biblioteconomia, cultura e sociedade 2. Organização e representação do conhecimento

* Mestrado profissional.

Fonte: Laboratório de tecnologias intelectuais e sítios dos programas, 2013.

Como pode ser observado foi no âmbito do I PNPG que se deu a criação dos primeiros cursos de pós-graduação em ciência da informação no Brasil. Desta forma, fica evidente o resultado das políticas apontadas no Plano, provocando intensa atividade intelectual nas universidades brasileiras. Nesse aspecto não pode ser relegado o momento histórico por que passou o Brasil, a sociedade se mobilizava para redemocratização, diante dos anos de ditadura que afetaram substancialmente o país, como explicita Silva (2009, p. 31) “avistava-se, no horizonte político, o processo de redemocratização do País, o que mobilizava a sociedade – e, especialmente, os setores da intelectualidade e da cultura – na reconquista do espaço democrático”.

Em relação às áreas de concentração dos programas de pós-graduação em CI no Brasil temos alguns termos que se destacam: informação, tecnologia, cultura, organização, produção, uso, conhecimento, sociedade, administração, memória, comunicação, patrimônio, museologia e biblioteconomia. A diversidade do campo empírico proposto pelas áreas de concentração faz com que o desenvolvimento da CI floresça sob diversas nuances contribuindo, dessa forma, para a consolidação da área.

As linhas de pesquisas refletem coerência com as áreas, apresentando características semelhantes e demonstram proximidade com o objeto da CI: a informação. Então, analisando as linhas, podem-se destacar os seguintes termos: comunicação, informação, organização, gestão da informação, gestão do conhecimento, políticas de informação, apropriação, dispositivos de informação, cultura, sociedade, ética, memória, acesso, uso, disseminação, mediação, patrimônio, linguagem, redes sociais, tecnologias, jornalismo, circulação, fluxos de informação, profissionais de informação, museu, representação da informação, compartilhamento, estratégia de informação, biblioteconomia, sociedade, representação do conhecimento.

Tanto as áreas de concentração quanto as linhas de pesquisa fazem parte do grupo de cursos de mestrado e/ou doutorado acadêmico e/ou profissional que têm relação direta com a CI no Brasil. A intenção é possibilitar uma análise mais acurada em relação aos termos principais destacados. É importante ressaltar que a formação dos cursos de pós-graduação em CI retratava a inquietação européia e, sobretudo americana com a capacitação de profissionais para trabalhar com o grande volume de informação tecnológica e científica que emerge do período pós-guerra. Esta

preocupação é latente, pois a formação também se destinou a profissionais advindos de outras áreas, que não a Biblioteconomia.

Este processo, certamente contribuiu para a ampliação dos debates acerca dos problemas de recuperação da informação, buscando soluções tecnológicas e também afunilando as temáticas epistemológicas da CI. Considerando este panorama, é válido ajuizarmos sobre a existência de fóruns de discussão e desenvolvimento de pesquisas na área da CI, como a criação, em 1989, da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB), com o apoio do CNPq a ANCIB é a principal sociedade científica na área de CI e desde a sua criação promove os Encontros Nacionais de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB). Segundo Souza e Ribeiro (2009, p. 85) o principal objetivo da ANCIB é:

[...] acompanhar e estimular as atividades de ensino de pós-graduação e de pesquisa em Ciência da Informação no Brasil. Desde sua criação, tem se projetado no país e fora dele, como uma instância de representação científica e política importante para o debate das questões pertinentes à área de informação.

Então, enquanto sociedade científica a ANCIB é responsável pela divulgação das pesquisas científicas em CI, junto com os periódicos científicos ela cumpre um importante papel no processo de disseminação da informação, principalmente ao realizar os ENANCIB's que procuram por meio dos canais de comunicação manter atualizados os pesquisadores que dele participam.

Outro aspecto a ser ressaltado na consolidação da pós-graduação em CI no Brasil é o elencado por Barreto (2005) que afirma que a pós-graduação em CI deve ter por base uma reflexão sobre o papel da informação nas relações com conhecimento e as tendências que esse processo pode levar.

Entendo a pós-graduação em informação como um processo de reflexão sobre o papel da informação, um fenômeno das relações da informação com o conhecimento. Pensar a informação no estágio anterior ao processo de geração de conhecimento é, no meu entender, a essência de uma reflexão correta que permite a existência de uma pós-graduação. Não creio que somente a soma dos processos técnicos utilizados para a organização e o controle da informação justifique uma reflexão em nível de um curso de mestrado ou doutorado, mesmo na novidade profissionalizante sugerida pela Capes. (BARRETO, 2005, p. 1).

O autor aponta para uma ideia de pesquisa a ser implantada na pós-graduação que consolide o pensamento crítico, desenvolvendo aspectos teórico-metodológicos que permitam o aprofundamento epistemológico. Então conforme lembra Santos (2006, p. 79):

É importante pensar que se a CI está ligada tanto a teoria quanto a prática, então refletir sobre o desenvolvimento de tecnologias/ferramentas ligadas, sobretudo ao tratamento/organização/uso da informação, encontra no ambiente de pós-graduação terreno profícuo para a geração de novos meios.

Ademais, é importante destacar que os programas de pós-graduação em ciência da informação pretendem oferecer diretrizes básicas para a fundamentação teórica, num currículo que aponta para o aprofundamento de um grupo de disciplinas importantes para a CI e que estão associadas ao desenvolvimento de investigações relacionadas, rigorosamente conduzidas em consonância com as diretrizes educacionais para a área (BAUZER, 1979). Além de formar profissionais capazes de equacionar e cotejar a problemática da informação na sociedade brasileira, contribuindo com suas pesquisas para a formulação de políticas de informação para o país e o campo a CI.

Como destacado por Varela, Castro e Guimarães (2008) a CI sofreu pressões que exigiram uma análise da sua postura enquanto ciência que culminaram em avanços teóricos e metodológicos que projetaram a CI rumo à participação efetiva na sociedade da informação.

A ciência da informação atinge, hoje, um ponto crítico em sua evolução. Inúmeras são as pressões que impõem um reexame de sua problemática e das soluções encontradas de forma teórica, experimental ou prática. As mesmas pressões afetam outros campos: o tecnológico, o econômico e o social, em razão da importância da informação na evolução da sociedade, o que reforça a presença de relações interdisciplinares na ciência da informação. (VARELA; CASTRO; GUIMARÃES, 2008, p. 78).

É bem verdade que decorridos 5 (cinco) anos da fala das autores muitos outros avanços foram sentidos na CI e sobretudo na Pós-Graduação, e principalmente no que concerne as pesquisas relacionadas com temáticas abordadas pela CI, mas também a formação de recursos humanos inerente à prática de pesquisas.

Evidentemente que o desenvolvimento da pós-graduação em CI no Brasil permitiu uma abertura para reflexões teóricas e práticas de atuação dos profissionais de informação. É o que esta pesquisa se propõe a desenvolver em busca da trajetória profissional dos egressos do PPGCI/UFPB ora na tentativa de encontrar pistas de atuação profissional, ora na reflexão teórica dos conteúdos desenvolvidos no âmbito da pós-graduação e aplicadas na sua carreira.

4.2 A PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NA UFPB: histórico do PPGCI

A Pós-Graduação em Ciência da Informação na UFPB remonta ao Curso de Mestrado em Biblioteconomia criado em 1977 e oficializado através da Resolução 203/77, do Conselho Universitário, sua área de concentração estava voltada para Sistemas de Bibliotecas Públicas, com duas linhas de pesquisas: “Hábito de Leitura” e “Planejamento e Gerência de Bibliotecas Públicas”, neste momento o Mestrado possuía dois objetivos principais:

- a) formar docentes que atendam qualitativa e quantitativamente à expansão e melhoria do ensino de Biblioteconomia;
- b) formar especialistas de alto nível para desenvolver atividades de pesquisa, planejamento e gerência de Sistemas de Bibliotecas Públicas.

O Mestrado só passou a funcionar no segundo semestre do ano seguinte com a oferta de 20 (vinte) vagas e o ingresso de candidatos de várias partes do país. A partir de então vários foram os convênios firmados com o Governo do Estado da Paraíba para viabilizar as pesquisas decorrentes das disciplinas e fruto do esforço dos corpos discente e docente a fim de implantar no Estado uma rede de bibliotecas públicas.

Em 1988 após a formação de um grupo de trabalho formado pelas professoras Francisca Arruda Ramalho, Maria Neusa de Moraes Costa, Maria Yeda Falcão Soares de Filgueiras Gomes, Walkíria Toledo de Araújo, Jeruza Lyra Lucena, então Coordenadora do Curso, e Dra. Ana Maria Athayde Polke, na qualidade de assessora, com o objetivo de avaliar a estrutura curricular do curso e suas demandas internas e externas. O grupo então ver a necessidade de mudar a área

de concentração passando a ser: “Biblioteca e Sociedade”. Desta forma verificou-se um aumento na procura pelo Mestrado, conforme pode ser constatado na pesquisa feita por Brito, Lucena e Garcia (1991, p. 76) “A partir dessa reforma e, conseqüentemente, da implantação da área de concentração, tem-se evidenciado um crescente interesse de graduação de outras áreas pelo Mestrado em Biblioteconomia.”

Em 1997 o Curso de Mestrado em Biblioteconomia passa por mais uma reestrutura e denomina-se a partir como Curso de Mestrado em Ciência da Informação - CMCI⁹, tendo como área de concentração “Informação e Sociedade” e duas linhas de pesquisas: Informação e Cidadania e Informação para o Desenvolvimento Regional.

Em 2001 o CMCI é descredenciado, o Curso de Mestrado em Ciência da Informação perdeu suas características consideradas expressivas, deixando à margem as particularidades inerentes à pós-graduação exigida pelas agências de fomento à pesquisa. Neste sentido, Souza (2012, p. 80) ressalta:

O campo da Ciência da Informação neste País está submetido a um processo de avaliação pelas agências de fomento à pesquisa e pós-graduação em que o padrão de análise dos resultados produzidos tem como origem predominante os modos de organização da pesquisa e pós-graduação.

Ainda sobre as possíveis causas do descredenciamento a Profa Francisca Arruda Ramalho nos diz em entrevista “As causas? Prefiro dizer que se constituiu na morte de muitos sonhos, tanto da parte do corpo docente quanto discente.” (COSTA et al., 2009, p. 151).

Para Araújo, Tenório e Farias (2003, p. 2) o motivo do descredenciamento foi “a alta dispersão dos temas, teorias e métodos apresentados nas dissertações de mestrado, o que estaria levando este curso e seus pesquisadores a não produzirem conhecimento científico pertinente com a Ciência da Informação desenvolvida no país.”

É importante salientar que o referido mestrado formou ao longo dos anos 148 mestres, sendo que 50 deles na área de concentração Sistemas de Bibliotecas Públicas, 46 em Biblioteca e Sociedade e 52 em Informação e Sociedade.

⁹ Até 1998 o CMCI foi o único curso de mestrado na área de ciência da informação no Nordeste.

Não obstante a missão do CMCI em fazer da biblioteca e da CI um espaço de transmissão de valores e formação de atitudes cuja função aglutinadora percebia nos agentes o desejo de promover programas educacionais, culturais artísticos, a pós-graduação em CI na UFPB procurou desenvolver pesquisas que escapasse da sua área de concentração, mas que ressaltasse a importância de uma CI consolidada.

A respeito do frágil momento por que passou CMCI, Silva (2009, p. 34) afirma que a equipe do Departamento de Ciência da Informação da UFPB “dedicou-se arduamente à solução das fragilidades que levaram à suspensão do credenciamento, investindo, especialmente, na incorporação de docentes titulados e contratados por concurso público”.

No ano de 2007 o CMCI é recredenciado pela CAPES, voltado para área de concentração “Informação, Conhecimento e Sociedade”, entretanto com outras linhas de pesquisas: Memória, Organização, Acesso e Uso da Informação e Ética, Gestão e Políticas de Informação. A partir de então o CMCI tem sido alvo de elevados conceitos pelas agências reguladoras, além de alavancar pesquisas nas diversas áreas de interesse da CI, observando as suas respectivas linhas de pesquisas.

Ademais algumas expectativas eram esperadas para aquele momento, ressaltadas na entrevista da Profa. Francisca Arruda Ramalho:

Hoje o momento é ímpar com o investimento que o MEC está fazendo nas universidades, o REUNI, por exemplo, e já estamos quase em 2010. Esperamos que as novas ações em relação ao PPGCI sejam promissoras. O que desejamos é que nossas expectativas se tornem realidade e as novas ações sejam concretizadas. Nesse contexto, inserimos o aumento significativo da nossa produção científica; maior intercâmbio de conhecimentos com outros cursos de pós-graduação da área; a participação de professores visitantes no PPGCI; uma avaliação positiva da CAPES, com conceito 4 para o mestrado, para darmos andamento ao Curso de Doutorado em CI na UFPB; o desenvolvimento do PROCAD/CAPES - Ação Novas Fronteiras, projeto que me referi anteriormente; ações relacionadas à oferta de uma nova edição do Curso de Especialização em Unidades de Informação na modalidade EAD; bem como em relação a um Curso de Mestrado Profissionalizante, o que já vem sendo discutido por um grupo de professores. Isto, para falarmos de algumas das futuras ações e expectativas. (COSTA et al., 2009, p. 154).

Sendo assim no ano de 2012 é aprovado pelo Conselho Universitário e pela CAPES a criação do doutorado em CI, a concretização de mais um sonho em que outrora era apenas expectativa se torna realidade para o PPGCI, a primeira turma iniciou suas atividades ainda no segundo semestre de 2012. Novamente fruto do esforço dos corpos discente e docente do PPGCI que buscam envidar esforços para melhoria do campo acadêmico da Ciência da Informação na Paraíba, no Brasil e no Mundo.

É bem verdade que considerando as transformações ocorridas na CI ao longo dos anos podemos perceber o grande avanço para área, assim como assevera Souza (2012, p. 88) “A ciência da informação no Brasil vem sofrendo as transformações inerentes a qualquer projeto social, que se constitua especialmente no âmbito acadêmico.” E como todo e qualquer projeto social é necessário enfrentar as barreiras impostas seja institucionais, governamentais ou mesmo operacionais, mas sempre no desejo de alavancar cada vez mais a CI.

5 OS ESTUDOS SOBRE EGRESSOS DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO

Cabe à empresa, à sociedade e especialmente aos egressos, realimentarem a escola com as informações necessárias para análise dos currículos, tendências do mercado, desenvolvimento de tecnologia, métodos e processos de trabalho, novos equipamentos, etc., de modo a facultar à Instituição Escolar o pleno atendimento das necessidades desse importante segmento da sociedade. (MACHADO, 2001, p. 37).

Ao analisar o perfil dos egressos dos programas de pós-graduação conhecemos a necessidade de aferir a qualidade dos programas de pós-graduação através da formação acadêmica que estes profissionais receberam, sobretudo porque a obtenção de informações sobre suas posições profissionais após a realização dos cursos define como os programas dos cursos foram capazes de preparar os alunos para o mercado de trabalho.

Assim como ressalta Teixeira, Oliveira e Faria (2008) a análise dos egressos deve partir de critérios bem delimitados que permitam obter informações sobre a atuação profissional e, principalmente, sobre a aplicação dos conteúdos recebidos durante a formação.

A capacidade de uma instituição de ensino superior de avaliar os programas oferecidos por ela se restringe a uma análise criteriosa do comportamento e da atuação no mercado do profissional por ela formado, uma vez que faz parte do próprio processo de formação o procedimento de seleção para o curso. (TEIXEIRA; OLIVEIRA; FARIA, 2008, p. 102).

Portanto, é de grande importância a obtenção de informações acerca dos egressos, pois é a partir dessas informações que os programas de pós-graduação poderão propor melhorias nos currículos a fim de elevar o nível curricular do programa.

Ainda em relação ao acompanhamento de egressos, Souza Júnior (2000, p. 14) ressalta que,

É uma análise e avaliação de impactos ou de resultados de atividades desenvolvidas. Qualquer que seja seu foco e corte teórico e metodológico, estes são sempre inspirados na crença de que seus resultados, de uma maneira ou de outra, serão úteis na reorientação de políticas e práticas institucionais ou sociais de modo a tornar mais

eficiente, mais relevante e mais conseqüente o conjunto dos trabalhos desenvolvidos por uma organização burocrática ou social.

Sendo assim, o acompanhamento dos egressos deve ser parte integrante das práticas educacionais, tendo em vista que este acompanhamento permitirá a reavaliação das políticas educacionais e institucionais buscando a melhoria da qualidade dos programas. Percebe-se que toda análise que recai sobre os egressos é produto da avaliação institucional, pois são esses os indivíduos que levarão a marca das instituições. Segundo Hoyos (1998) o que credencia uma boa universidade não é parte estrutural (campi, prédios, laboratórios, bibliotecas etc.), nem os recursos humanos (corpo docente, discente e técnico-administrativos), mas o que dela provém, é o resultado da soma de todos esses fatores que faz com que a universidade possa ser bem conceituada.

Da mesma forma que Dantas (2004) o autor afirma a importância de acompanhar os egressos, pois o acompanhamento desses indivíduos permite conhecer como estão sendo praticados os conhecimentos teóricos adquiridos na academia. Analisar os egressos como categoria metodológica se torna fundamental para o sucesso de um programa de pós-graduação, pois é a sua formação que está sendo aplicada seja no campo mercadológico, seja na própria academia, quando os egressos retornam como docentes.

Do ponto de vista educacional, o engajamento de alunos da pós-graduação em linhas de pesquisas com possíveis consequências para o desenvolvimento nacional, orientados por professores comprometidos com a sociedade, pode estimular novas ideias e facilitar o surgimento de novas lideranças acadêmicas e políticas, sendo, pois importante acompanhar os egressos. (DANTAS, 2004, p. 168).

Evidenciando esta concepção, verifica-se que apesar da quantidade de estudos que tratam da realidade dos egressos falta uma política institucional que de fato contribua para a avaliação dos programas e das instituições a partir dessa realidade. É sabido que as universidades estão preocupadas na formação de seu corpo discente e os órgãos de fomento a pesquisa demonstram um quê de preocupação quanto à avaliação dos programas de pós-graduação, no entanto, a falta de estudos sobre os egressos revela uma política educacional que prioriza a formação e esquece a atuação.

5.1 EGRESSOS DA PÓS-GRADUAÇÃO

Teixeira, Oliveira e Faria (2008) se propuseram a analisar o perfil dos egressos do Programa de Mestrado Acadêmico em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas de Gerais (PUC Minas), em parceria com a Fundação Dom Cabral (FDC), no período de 2000-2005. A pesquisa teve como proposta pesquisar aspectos relacionados à atuação profissional dos egressos da PUC Minas após a conclusão do curso, bem como a trajetória profissional no desenvolvimento de atividades científicas e acadêmicas. Os autores endossaram sua pesquisa relacionando alguns aspectos como: as características sociodemográficas; a inserção no mercado de trabalho e a relação entre a atuação profissional e o trabalho de pesquisa; além da divulgação do trabalho de conclusão do curso. Neste sentido, a pesquisa procurou estabelecer indicadores que possibilitasse a avaliação dos resultados do ensino e sua repercussão em se tratando de programas de pós-graduação da área da Administração. Por conseguinte, identificar possíveis questões que colaboraram com as políticas e estratégias na formação pós-graduada do curso, no mapeamento da produção científica dos egressos.

Os resultados da pesquisa de Teixeira, Oliveira e Faria (2008) apontam para um perfil de egressos que buscou o Mestrado Acadêmico em Administração para: reciclagem profissional, ascensão na carreira, possibilidade de construção de um novo caminho de atuação profissional ou de uma carreira, paralela, como professor ou empreendedor.

Outra pesquisa que se debruçou sobre o universo dos egressos foi a de Paiva (2004) que analisou as contribuições do Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-Campinas, na trajetória de vida pessoal, profissional e a inserção institucional dos egressos, a pesquisa compreendeu o período de 1993-2004. A autora partiu do questionamento sobre a forma como o Programa contribuiu na formação dos egressos, enquanto educadores e quais foram os efeitos que a formação *stricto sensu* produziu na vida pessoal e profissional dos sujeitos, sua proposta era subsidiar o Programa quanto a possíveis mudanças na proposta pedagógica face aos desafios transformadores da sociedade contemporânea.

Assim, Paiva (2004) percebeu que o curso contribuiu de forma significativa na trajetória dos egressos, permitindo que a grande maioria dos sujeitos se

sobressaísse nas questões ligadas à educação, sobretudo, no que tange ao ensino superior.

Nossos concluintes apresentaram seus questionamentos falando de uma época, de um programa em construção ou não, com uma proposta efetiva de mudança, situando o programa sob o ângulo de sua perspectiva, sob o ângulo de sua realidade no momento vivido, apresentando suas críticas. Em alguns aspectos, seus posicionamentos entram em consonância com as apreciações da CAPES e em divergência com outros, porém, importante foi estabelecer esse encontro, estabelecendo maior interatividade entre o olhar de avaliação externa, equipe de gestão do Programa e ex-alunos. (PAIVA, 2004, p. 130)

Tomando por referência tal cenário, Paiva (2004) conclui que ressaltadas as observações feitas pelos egressos algumas das quais já solucionadas, outras carecem uma análise mais aprofundada. Decorrido o tempo da pesquisa de Paiva, infere-se que outras questões já podem ser suscitadas naquele universo de pesquisa, bem como o desenvolvimento das pesquisas em âmbito nacional perpassou nos Programas de Pós-Graduação, senão em todos, mas na sua grande maioria. Assim Paiva (2004, p. 131) afirma “foi um encontro democrático, enriquecedor e possível de ser realizado com propostas e visões diferenciadas”.

5.2 EGRESSOS DA PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

As pesquisas que têm como foco os egressos na CI nos indicam ainda uma necessidade de se debruçar sobre este universo, tendo em vista a consolidação das atividades acadêmicas dos Programas de Pós-Graduação que diz respeito não só a formação, mas às perspectivas de atuação dos profissionais por eles formados.

Entre as pesquisas sobre egressos destaca-se Silva (1982) que procurou analisar a ocupação anterior à realização do curso do IBICT e a atuação posterior, com o objetivo de verificar o impacto do curso na atividade profissional dos egressos. A autora utilizou como metodologia *survey* que envolveu 340 egressos, obtendo um retorno de 83% da população, os resultados de Silva (1982) mostraram que houve uma mudança na atuação profissional dos egressos e pode assim ser creditada ao curso do IBICT.

Santos (2006) desenvolveu em sua dissertação a pesquisa sobre egressos do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Minas Gerais, no período

de 1992/2005, cujo objetivo foi de investigar a atuação profissional e a contribuição para o campo científico da ciência da informação. De natureza quanti-qualitativa a pesquisa de Santos (2006) compreendeu levantamento documental que identificou a pouca participação por parte dos egressos da UFMG nos eventos da área. Os resultados indicaram uma maior concentração dos indivíduos após a titulação no cargo/função de professor de nível superior. Santos (2006) constatou o baixo nível de envolvimento dos sujeitos na questão profissional, além da rasa contribuição para o campo científico da CI, apesar deste número crescer a cada ano.

Na sua pesquisa Santos (2006, p. 210) conclui que:

A parte científica do campo tem sido pouco explorada por aqueles que buscam o PPGCI/UFMG para realizarem seus estudos pós-graduados; isso pode sugerir que a grande maioria tem, no Programa, uma forma de conquistar um grau acadêmico que lhes possibilite ou a manutenção de um certo *status*, ou uma promoção, ou mesmo a garantia de uma situação profissional. Os números mostram que a pesquisa e, conseqüentemente, o avanço da área, não têm sido suficientemente fomentados pelos egressos, já que as evidências dão indícios de que o lado profissional é o grande objetivo desses sujeitos.

Evidentemente que a procura pelos Programas de Pós-Graduação transcendem a questão profissional, que está atrelada não só ao acadêmico, mas ao pessoal, ao particular, ao desejo de especialização, de obter um grau de instrução que evidencie a profissão como um todo. Ou simplesmente como ressalta Varela, Castro e Guimarães (2008, p. 77) “o desenvolvimento da educação continuada tem sido muito recorrente entre aqueles que desejam ultrapassar os limites da competitividade”.

A pesquisa de Noronha et al. (2009) também se debruçou sobre o universo dos egressos da pós-graduação em CI, entretanto os autores se detiveram apenas aos doutores. O estudo compreendeu o período de 2000/2005 e teve como objetivo apresentar a formação dos doutores dos PPGCI e sua inserção no mercado acadêmico após a titulação. Os dados foram coletados nos currículos disponíveis na Plataforma Lattes (CNPq), o que permitiu identificar a vinculação dos sujeitos nos cursos de graduação, pós-graduação *lato sensu* e *stricto sensu*. Noronha et al. (2009, p. 106) constataram a diversidade na formação acadêmica dos sujeitos, o que possibilita afirmar “o fato dos PPGCI arrolarem em seu quadro docente com

experiências ‘extra-muros’ é mais um fator para enriquecer o aperfeiçoamento de seus alunos.”

Portanto, podemos perceber a evidência interdisciplinar da CI, o que “além de contribuir na formação da massa crítica da área, propicia a constituição de um campo vasto e diversificado para a especulação científica de temas de interesse a profissionais de diferentes áreas” (NORONHA et al., 2009, p. 106). Isso fica evidente ao observarmos outras pesquisas que puseram seu olhar sobre os egressos da pós-graduação em CI, a formação acadêmica destes sujeitos em diversas áreas constata o interesse na CI por parte de profissionais que vislumbram na interdisciplinaridade desta ciência uma possibilidade de formação acadêmica em nível de pós-graduação.

Outra pesquisa que se debruçou sobre os egressos foi de Castro (2008) que procurou analisar a contribuição dos egressos do PPGCI/UFBA na consolidação e visibilidade da Ciência da Informação no País no período de 1998/2007. Com base na pesquisa documental nos currículos *lattes* dos egressos, Castro (2008) buscou perceber a adoção de políticas fortalecedoras para área, sobretudo no que se refere à produção científica. Na pesquisa de Castro procurou também verificar o grau de comprometimento por parte dos egressos com a Ciência da Informação.

Na perspectiva adotada por Castro (2008) o egresso do PPGCI/UFBA não apresenta uma real contribuição para o campo da Ciência da Informação, principalmente, porque a participação nos eventos científicos da área fica aquém do esperado, isto é, há pouca submissão de trabalhos e a continuidade dos temas pesquisados fica a desejar. Castro (2008, p. 118) afirma:

Para que o campo científico avance, é preciso que a comunidade científica também se fortaleça, através da produtividade e comprometimento com o desenvolvimento da área, direcionando esforços para o aprofundamento das pesquisas, que venham contribuir para a questão epistemológica da Ciência da Informação.

Desta forma, é preciso perceber que as experiências com pesquisas voltadas para o campo científico da Ciência da Informação tornam-se necessárias para a consolidação das questões elucidadas por Castro (2008), principalmente porque tais questões advêm formatação de uma ciência que procura desenvolver aspectos técnicos e teóricos que se referem ao seu escopo, mas que estão intrinsecamente interligadas com as concepções de sociedade da informação.

Percebe-se que, o desenvolvimento de pesquisas voltadas para o universo dos egressos, seja no âmbito geral da pós-graduação, seja ainda mais específico na CI, permite compreender as aspirações dos sujeitos envolvidos, o que certamente contribui para a consolidação das instituições.

É válido ressaltar ainda que os Programas de Pós-Graduação, tendo em vista o arcabouço prático da sua atuação, enquanto campo empírico de pesquisa se torna capazes de responder significativamente às demandas produzidas pelos egressos. Desta forma, materializando o conhecimento produzido não apenas em meios abstratos, mas práticos, teóricos, epistemológicos e humanos por assim dizer, como subscreve Saracevic (1996) os problemas devem ser focados em termos humanos.

6 DECODIFICANDO OS DADOS DA PESQUISA

O ser humano, valendo-se de suas capacidades, procura conhecer o mundo que o rodeia. Ao longo dos séculos, vem desenvolvendo sistemas mais ou menos elaborados que lhe permitem conhecer a natureza das coisas e o comportamento das pessoas. (GIL, 2010, p. 1).

O presente capítulo apresenta a análise dos egressos, motivo pelo qual foram trazidos à tona questionamentos de outros estudos realizados acerca desses sujeitos. Espera-se que estes possam conduzir e alicerçar esta análise, ajudando a compreender a trajetória profissional e as representações dos egressos.

Evidentemente, que ao debruçar-se sobre a vida destes profissionais procura-se compreender a sua relação com a academia, com a sociedade, com os pares a fim de apreender sua percepção social da coletividade a partir de sua formação acadêmica. Segundo Pinto (2000, p. 45) “Conhecer o indivíduo não é naturalizá-lo, mas chegar ao princípio que, para além da diversidade das manifestações fenomenais acessíveis à observação, lhe confere sua unidade sistemática: evocando tal princípio, que não é senão o que ele chama de ‘atitude geral perante o mundo’”, assegurando que a prática das ações acadêmicas reflete nas atitudes individuais e coletivas.

No que tange aos estudos sobre egressos é importante salientar que há basicamente dois tipos: acompanhamento de egressos e momento atual dos egressos. O primeiro faz um acompanhamento de um determinado grupo ao longo de um dado período, o segundo tipo é voltado para conhecer a realidade em que se encontram os egressos em dado momento, quase que um recorte fotográfico daquele momento. Na presente pesquisa o levantamento privilegiou uma análise de como se deu as modificações ocorridas com os sujeitos tendo em vista a formação no PPGCI/UFPB.

No tocante aos estudos sobre egressos, ressalta Souza Júnior (2000, p. 14):

Qualquer que seja seu foco e corte teórico e metodológico, estes são sempre inspirados na crença de que seus resultados, de uma maneira ou de outra, serão úteis na reorientação de políticas e práticas institucionais ou sociais de modo a tornar mais eficiente, mais relevante e mais consequente o conjunto dos trabalhos desenvolvidos por uma organização burocrática ou social.

Souza Júnior (2000) coloca de maneira oportuna a necessidade de estudos sobre egressos como forma de reorientação de políticas institucionais, o que corrobora com a pesquisa que tem como fundamento as prerrogativas da CAPES/CNPq para avaliação dos Programas de Pós-Graduação no que se refere à relação desses com seus egressos.

Existe uma ideia de que há uma estrutura de comportamento para cada sujeito que se revela por certas constantes de condutas, de limites sensíveis e motores, da afetividade, da temperatura (MERLEAU-PONTY, 1990). Foi a partir desta realidade que se procurou apreender a estrutura de comportamento dos egressos após sua formação acadêmica, o que poderá ser conferida logo adiante na análise dos dados.

6.1 PERFIL SOCIOECONÔMICO E CULTURAL DOS EGRESSOS PPGCI/UFPB

Neste tópico apresenta-se o perfil socioeconômico e cultural dos egressos do PPGCI/UFPB que é o retrato da amostra e permite atender ao primeiro objetivo da pesquisa.

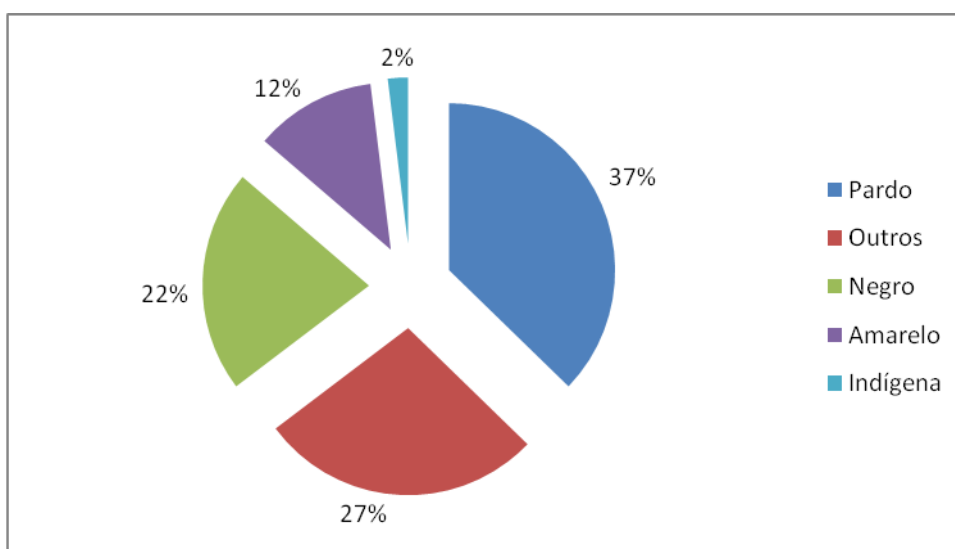
Em relação ao perfil coletado do egresso do PPGCI/UFPB através do questionário tem-se que a distribuição entre sexo evidenciou uma maior quantidade de mulheres em relação à quantidade de homens, sendo 65% e 35% respectivamente. Esse dado evidencia a maior participação feminina na pós-graduação em Ciência da Informação na Paraíba, o que não diverge de dados nacionais de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) o número de mulheres tituladas em nível de pós-graduação *stricto sensu* vem aumentando a partir de 2004. Naquele ano o Brasil titulou 3.991 homens e 4.084 mulheres em nível de doutorado, assim em pesquisa realizada pelo Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE) pode comprovar esse acentuado crescimento no número de mulheres com pós-graduação no Brasil, especialmente no nível de doutorado, “O Brasil é um país pioneiro entre aqueles que conseguiram alcançar esse marco histórico da igualdade de gênero no nível mais elevado da formação educacional” (DOUTORES..., 2010, p. 43).

Evidentemente, reconhece-se a grande participação feminina nos cursos de pós-graduação em CI, tendo em vista que a maior parte dos egressos destes cursos tem como formação acadêmica o bacharelado em biblioteconomia, curso que

historicamente apresenta um grande percentual de mulheres, como foi percebido na pesquisa de Melo Filho (2011), onde foi constatado que 92,4% dos bibliotecários formados pela Universidade Federal da Paraíba são do gênero feminino.

No que diz respeito à cor da pele pode-se perceber que a maioria dos sujeitos (37%) se declarou pardos, há um número expressivo de sujeitos (27%) que marcaram a opção outros, mas não informou a cor da pele, mesmo o questionário apresentando o espaço para tal informação. Temos ainda (22%) que se dizem negros, (12%) amarelos e (2%) indígenas.

Gráfico 1 - Cor da pele dos egressos PPGCI/ UFPB



Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

Percebe-se uma forte presença de pardos e negros no PPGCI/UFPB somando-se os percentuais totaliza 59% da população, ou seja, mais da metade do total de egressos se consideram pardos ou negros. Esta informação favorece as ações afirmativas no que se refere à inclusão étnico-social nos programas de pós-graduação.

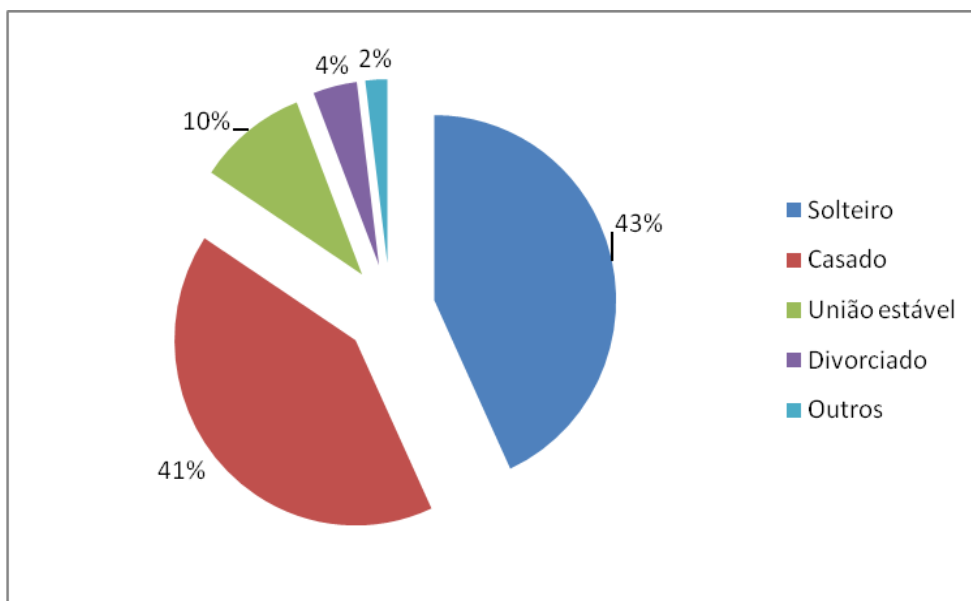
Essas ações afirmativas desembocam em políticas institucionais que promovem o acesso à educação por parte dos grupos menos favorecidos. Estas políticas direcionam as universidades para uma projeção do seu papel enquanto instituição que promove o ensino, a pesquisa e extensão, da mesma forma Aquino (2011) aponta para o papel das universidades na promoção do debate econômico e social direcionado para o fortalecimento de pesquisas nas quais sejam identificados a essência dos negros.

[...] as universidades podem se situar no **front** da luta pelo conhecimento da realidade, muitas vezes dissimulada nos bastidores da exclusão, desconhecendo o seu papel e a contribuição para o enriquecimento da qualidade do debate econômico e social, o qual tem como caminho a centralização na realização de pesquisa séria, rigorosa, de alto nível, trabalhando os grandes temas da pobreza e da desigualdade racial que se encontram no âmago da vida cotidiana da maior parte da população negra. (AQUINO, 2011, p. 54, grifo do autor)

Evidentemente que este dado mostra uma participação efetiva de negros no PPGCI/UFPB o que contribui para uma política de inserção dos grupos menos favorecidos no campo científico e acadêmico.

No que se refere ao estado civil dos egressos percebe-se que 43% são solteiros, 41% casados, 10% têm união estável, 4% são divorciados e 2% marcaram a opção outros informando que são viúvos, como pode ser observado no Gráfico 2.

Gráfico 2 – Estado civil dos egressos PPGCI/UFPB



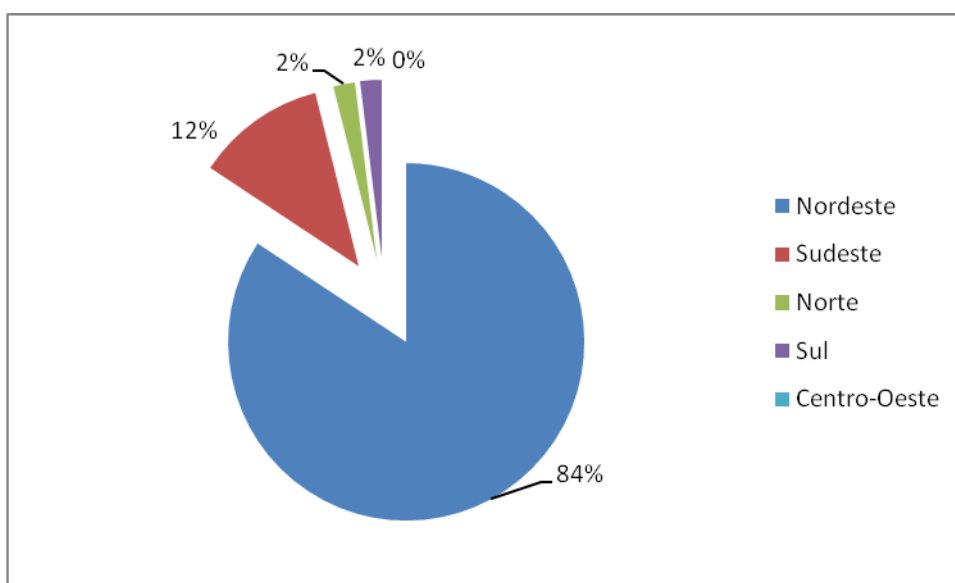
Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

No que se refere à naturalidade dos egressos tem-se que 37% são de João Pessoa, 13% de Fortaleza, 6% de Maceió, as cidades do Rio de Janeiro, São Paulo, Mamanguape e Sousa somam cada com uma 4%. As cidades de São Luís, Campina Grande, Porto Velho, Taperoá, Santa Helena, Guarabira, Recife, Bayeux, Mossoró, Criciúma, Santa Rita, Pinheiro, Guarulhos, Aparecida do Norte somaram

28% de egressos. No Gráfico 3, pode ser observado a distribuição por região geográfica, o que permite identificar que o PPGCI/UFPB abre suas portas para alunos de diversos lugares do país, o que contribui para a formação dos egressos e para a consolidação do programa.

Percebe-se que 84% dos egressos são da região Nordeste, 12% da região Sudeste, 2% da região Norte, 2% da região Sul e 0% da região Centro-Oeste, evidentemente não significa que o PPGCI/UFPB não tenha egresso proveniente dessa região, pode ter ocorrido que nenhum egresso da região Centro-Oeste respondeu o questionário.

Gráfico 3 – Naturalidade dos egressos por região geográfica



Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

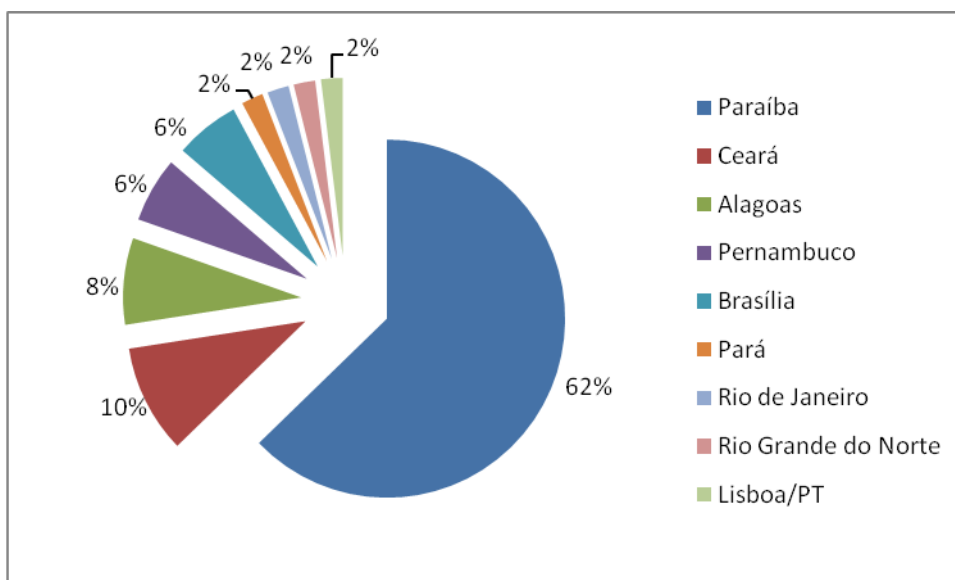
Nota-se que as rápidas mudanças ocorridas na sociedade da informação levaram os sujeitos a saírem das suas cidades de origem em busca de oportunidades acadêmicas ou profissionais, tendo em vista o aperfeiçoamento profissional, no campo científico, do trabalho, quiçá em busca de informação. Neste aspecto, Araújo (1991) alerta que a informação é um instrumento de dominação e submissão àquele que a detém tem aptidão para mudar o mundo.

A informação é a mais poderosa força de transformação do homem. O poder da informação, aliado aos modernos meios de comunicação de massa, tem capacidade ilimitada de transformar culturalmente o homem, a sociedade e a própria humanidade como um todo. Restamos, tão-somente saber utilizá-la sabiamente como o instrumento de

desenvolvimento que é, e não, continuarmos a privilegiar a regra estabelecida de vê-la como instrumento de dominação e, conseqüentemente, de submissão. (ARAÚJO, 1991, p. 37).

Quanto à moradia atual percebe-se que a grande parte dos egressos 62% está fixada no estado da Paraíba, 10% no estado do Ceará, 8% em Alagoas, 6% em Pernambuco, 6% em Brasília, e os estados do Pará, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte e Lisboa/PT cada um com 2% dos egressos, conforme pode ser constatado no Gráfico 4.

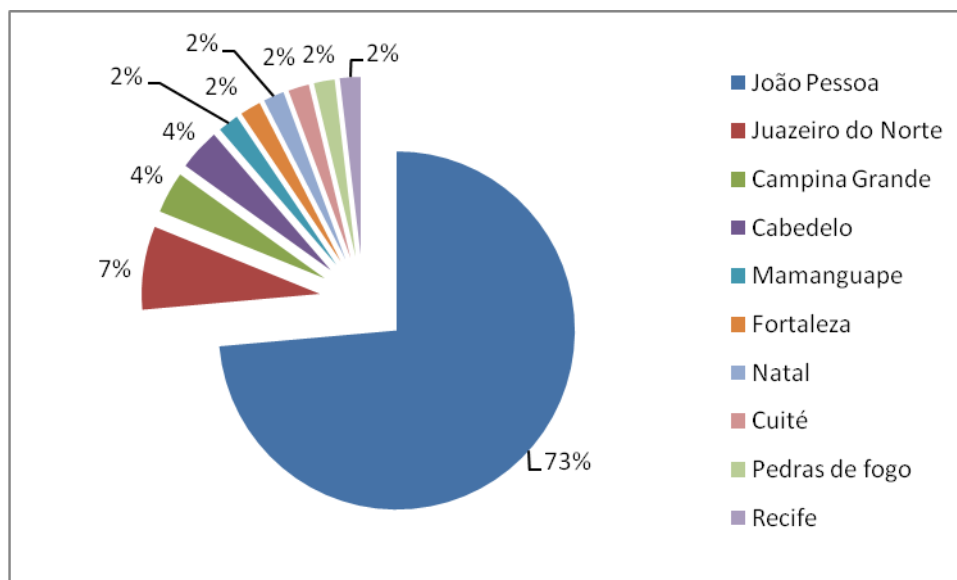
Gráfico 4 – Local de moradia atual dos egressos por estado



Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

O Gráfico 4 fundamenta a visão de Araújo (1991), pois percebe-se que mais da metade dos egressos estão localizados na Paraíba, mas há uma dispersão dessa mão de obra pelos outros estados do Brasil, inclusive em outros países como é o caso de Portugal que apresentou um índice de 2% dos egressos morando atualmente em seu território.

Quanto à cidade onde o egresso morava quando da realização dos seus estudos, tem-se que 72% residia em João Pessoa (cidade onde fica localizado o PPGCI/UFPB), 7% morava em Juazeiro do Norte, 4% em Campina Grande, 4% em Cabedelo, e as demais cidades, cada uma com 2%, Mamanguape, Fortaleza, Natal, Cuité, Pedras de Fogo e Recife, visualizado no Gráfico 5.

Gráfico 5 - Cidade onde morava os egressos durante o curso no PPGCI/UFPB

Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

Com relação à titulação em nível de graduação a Tabela 1 mostra-se bastante oportuna, pois como se pode notar, a mesma arrola os cursos de graduação dos respondentes. Como se percebe o curso que teve um maior número de egressos respondentes foi o de Biblioteconomia com 56,90%, seguido pelo curso de Comunicação Social e História cada um com 6,90%.

Caso se agregue à Tabela 1 cursos que são extremamente afins, ou melhor, que façam parte de um mesmo conjunto de saberes e técnicas, ter-se-á algumas considerações importantes no caso dos cursos voltados para a área de tecnologia como Sistemas para internet, Tecnologia em telemática, cada uma com 1,72%. Se admitirmos a Arquivologia também como disciplina afim, ela aparece com 3,45%. Desta forma, entende-se que a origem desses egressos contribui para a ampliação dos debates na Ciência da Informação, como Araújo (2009, p. 203) preconiza “a informação deixa de ser apreendida como um objeto físico [...] e passa a ser entendida como fenômeno humano (portanto, cultural e histórico) tal como o poder, a ideologia, a felicidade, entre outros.”

Assim cabe aos pesquisadores da informação alicerçar essas discussões preocupando-se em analisar os hábitos de informação a partir de pressupostos teóricos que, mesmo marcada pela interdisciplinaridade, identifique um direcionamento para validar esses hábitos. Segundo Miranda (2006, p. 103) “as pessoas usam a informação para resolver problemas ou desenvolver uma tarefa. O

ambiente social na qual a informação é encontrada determina seu valor e sua importância.” Dada essa importância Saracevic (1996, p. 43) diz que “a informação é um dos mais importantes insumos para se atingir e sustentar o desenvolvimento”, daí a importância da formação dos egressos para a construção de um debate amplo que enriqueça a Ciência da Informação.

Tabela 1 – Curso de graduação dos egressos do PPGCI/UFPB

Curso de graduação	n	%
Biblioteconomia	33	56,90
Comunicação Social	4	6,90
História	4	6,90
Arquivologia	3	5,17
Administração	2	3,45
Direito	2	3,45
Licenciatura em Ciências	1	1,72
Licenciatura em Letras	1	1,72
Tecnologia em Telemática	1	1,72
Ciências Sociais	1	1,72
Sistemas para internet	1	1,72
Educação Artística	1	1,72
Pedagogia	1	1,72
Odontologia	1	1,72
Artes visuais	1	1,72
Psicologia escolar	1	1,72
TOTAL	58¹⁰	100,00

Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

Outra análise que pode ser feita a partir dessa questão é quanto à natureza do estabelecimento escolar onde os egressos realizaram seus cursos de graduação.

Quanto aos egressos graduados em biblioteconomia, 100% da amostra realizou sua graduação em escola pública (federal), ao passo que 75% dos que fizeram Comunicação Social realizaram o curso também em escola pública (federal)

¹⁰ O número total de respondentes superou o número da amostra para essa questão, pois havia alguns egressos que tinha mais de um curso de graduação. Portanto foi contabilizado os dois títulos de graduação.

e 25% em escola pública (estadual), o mesmo ocorre com os egressos que tem graduação em História 75% em escola pública (federal) e 25% em escola pública (estadual).

Um fato relevante nessa questão é o de que apenas os egressos que tem formação em Administração são provenientes de escola privada, todos os outros sujeitos realizaram suas graduações em escola pública, seja no âmbito federal e/ou estadual.

Considerando os dados expressos analisa-se que, possivelmente, o número de originários de escolas públicas seja mais presente na amostra, pelo fato das universidades públicas no Brasil investiram mais em pesquisa, sobretudo através de bolsas de iniciação científica para os discentes da graduação, de modo que seu ensino tem como foco o aperfeiçoamento de habilidades profissionais, principalmente o de pesquisa. Certamente esse foco pode levar ao aluno a ter um interesse maior em relação à continuidade das pesquisas em nível de pós-graduação.

Nas escolas particulares, visualiza-se que o foco é mais voltado ao aspecto profissional do discente do que em sua formação como pesquisador - principalmente as instituições privadas de menor porte - onde o empenho maior é concentrado na formação profissional, objetivando prepara-lo diretamente para a atuação no mercado de trabalho.

Ainda dentro desse aspecto Santos (2006) chama atenção para o fato da disparidade social existente entre os discentes de instituições públicas e privadas:

[...] historicamente as universidades públicas, principalmente as federais, têm em sua maioria um corpo discente de melhor poder aquisitivo, o que permite a estes, melhores condições de continuação de seus estudos em nível de pós-graduação, enquanto que em faculdades privadas é comum encontrar uma grande parcela de alunos que são sobretudo trabalhadores, que precisam se manter e ainda pagar a faculdade, o que normalmente dificulta a continuação dos estudos em nível de pós-graduação, dado os fatores de tempo, capital cultural e, principalmente, financeiro. (SANTOS, 2006, p. 120).

Na consideração dos elementos constituintes do questionário e os percentuais de resposta, inicialmente, pode-se traçar o perfil do egresso do PPGCI/UFPB sob a ótica das representações sociais que corroboram para a afirmação de um sujeito social inserido no campo da CI e que busca se estabelecer

no âmbito da sua formação acadêmica, seja na cidade de origem, seja buscando outros espaços em nível nacional e internacional. Assim pode-se conceber este sujeito social como define Ortiz (1983, p. 10) “toda ação social é, desta forma, deduzida a partir de um sistema objetivo de representações que se encontra fora do alcance do ator social; posto que o indivíduo é concebido de forma dual – ser individual/ser social”.

Então diante dos dados apresentados pode-se tirar uma fotografia do egresso do PPGCI/UFPB e perceber que se trata de uma mulher, parda, solteira, natural de João Pessoa, região Nordeste do Brasil, formada em Biblioteconomia, com especialização também em Biblioteconomia, residiu em João Pessoa quando da realização dos estudos no PPGCI/UFPB. Com os dados referentes à trajetória profissional, analisados nos próximos capítulos, poder-se-á traçar de maneira mais completa o perfil do egresso do PPGCI/UFPB.

6.2 TRAJETÓRIA E FORMAÇÃO PROFISSIONAL DOS EGRESSOS PPGCI/UFPB

No que concerne à trajetória e a formação profissional dos egressos, o questionário respondido contou com questões intrinsecamente ligadas à formação e a carreira profissional dos egressos. Nas sessões a seguir será apresentada a trajetória profissional dos egressos, os aspectos de sua formação acadêmica, bem como as motivações para a realização do curso de mestrado no PPGCI/ UFPB. As tabelas e os gráficos ajudarão no entendimento das respostas dos sujeitos tanto no que diz respeito ao Programa quanto às suas motivações para com a área.

Neste sentido, mergulha-se no aspecto representacional dos egressos para descobrir sua trajetória profissional. A busca pela valorização profissional e a preocupação com os estoques informacionais crescentes, sobretudo por volta de 1960, despertou a reinserção social das experiências dos mais antigos no desenvolvimento de técnicas que proporcionasse a construção da identidade de um grupo.

É fácil então perceber que a história de vida do sujeito está associada à história de vida coletiva, do grupo do qual faz parte, assim afirma Pieruccini e Perrotti (2010, p. 6) “a história de vida de cada indivíduo faz parte, assim, de uma história mais geral” que ora está associada ao coletivo, ora está dissociada, entretanto é arquitetado no “complexo e permanente fluxo de relações entre as

memórias que forja o todo social, a ancoragem para a construção contínua e comum da experiência matéria” (PIERUCCINI; PERROTTI, 2010, p. 6), concomitantemente pessoal e coletiva.

Quanto ao tempo para obtenção do título de mestre a Tabela 2 apresenta os dados, 56,9% dos respondentes concluíram o curso de mestrado no período entre 21 e 24 meses, 21,6% levaram mais de 25 meses para obter o título, entretanto 15,7% (5,9% + 9,8%) concluíram o mestrado em menos de 20 meses. Vale ressaltar que 3 respondentes não souberam determinar o tempo de conclusão, desta forma essa questão contou com apenas com 48 respondentes.

Destaca-se no relatório de avaliação do PPGCI/UFPB emitido pela CAPES que compreendeu o triênio 2007-2009 (período que também abrange o universo da pesquisa), o Programa encontrava-se com nível de excelência da área com 60% no quesito “Quantidade de teses e dissertações defendidas no período de avaliação, em relação ao corpo docente permanente e à dimensão do corpo discente”. Bem como está dentro dos parâmetros estabelecidos para avaliação da área quanto à “eficiência do Programa na formação de mestres e doutores bolsistas: tempo de formação de mestres e doutores e percentual de bolsistas titulados”, quesito que será visto mais oportunamente à frente.

Tabela 2 - Tempo despendido para obtenção da titulação de mestre

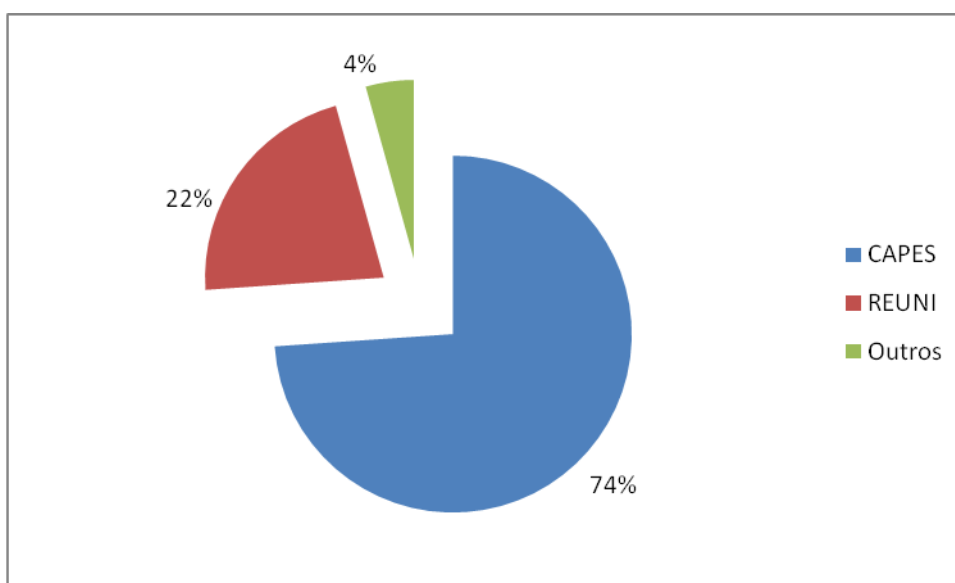
Meses	n	%
12 a 16	3	5,9
17 a 21	5	9,8
21 a 24	29	56,9
(+) de 25	11	21,6
NR	3	5,9
TOTAL	51	100,0

Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

Quanto à linha de pesquisa dos sujeitos temos que 55% (28) eram da linha *Memória, Organização, Acesso e Uso da Informação*, enquanto que 45% (23) da linha *Ética, Gestão e Políticas de Informação*. Quanto ao recebimento ou não de bolsa de pesquisa têm-se 45% (23) responderam que receberam bolsa de pesquisa, enquanto que 55% (28) não receberam bolsa, a razão entre os que receberam e os

que não receberam é relativamente pequena de apenas 5% (5), o que não representa, necessariamente, que esses mestrandos tiveram dificuldades na execução das suas pesquisas, mesmo porque apesar da falta de incentivo, por meio das agências financiadoras, as pesquisas foram concluídas com êxito. No que tange à natureza das bolsas recebidas 74% foram oferecidas pela CAPES, 22% pelo REUNI¹¹ e 4% oferecidas pela Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA), conforme apresentado no Gráfico 4.

Gráfico 6 – Natureza das bolsas de pesquisa



Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

Quanto ao período de vigência das bolsas pode-se observar na Tabela 3 que a maioria 39,1% (9) recebeu a bolsa por no máximo 12 meses, 30,4% (7) dos respondentes que receberam bolsas de pesquisa contaram com o incentivo durante quase todo o curso de mestrado entre 19 e 24 meses, 8,7% (2) dos respondentes não souberam afirmar por quanto período receberam a bolsa, se somarmos os percentuais dos que receberam até 18 meses temos 60,8% de mestrandos que só obtiveram recursos para suas pesquisas, no mínimo a partir do 6º mês e até o 18º mês.

¹¹ Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais que teve como objetivo ampliar o acesso e a permanência na educação superior.

Tabela 3 – Período de vigência das bolsas de pesquisa

Meses	n	%
6 a 12	9	39,1
13 a 18	5	21,7
19 a 24	7	30,4
NR	2	8,7
TOTAL	23	100,0

Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

Os recursos para incentivo às pesquisas se colocam como fundamentais para o desenvolvimento do trabalho do pesquisador, portanto há de se convir que a falta destes recursos possa diminuir o andamento das pesquisas, sobretudo aquelas que necessitam de mais expediente para o seu desenvolvimento.

Quanto à ocupação do discente ao entrar no PPGCI/UFPB observa-se que 76% (39) trabalhavam quando entraram no PPGCI/UFPB, enquanto que apenas 24% (12) não trabalhavam.

Em relação à profissão dos que trabalhavam pode-se observar na Tabela 4 que 38,5% atuavam como bibliotecários, 20,5% exerciam atividades docentes do ensino superior, 7,7% como professores do ensino fundamental, 5,1% como técnicos administrativos e as demais citadas no questionário pelos respondentes cada uma com 2,6%.

Tabela 4 – Ocupação profissional dos egressos quando da entrada no PPGCI/UFPB

Profissão	n	%
Bibliotecário	15	38,5
Professor ensino superior	8	20,5
Professor ensino fundamental	3	7,7
Técnico administrativo	2	5,1
Cerimonialista	1	2,6
Professor ensino técnico	1	2,6
Assessor de comunicação	1	2,6
Jornalista	1	2,6
Analista de TI	1	2,6
Outros	6	15,4 ¹²
TOTAL	39	100,0

Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

Quando questionados sobre a continuidade do trabalho 77% (30) responderam que continuaram trabalhando após ingresso no PPGCI/UFPB e apenas 23% (9) decidiram se dedicar exclusivamente à pesquisa, os servidores públicos federais usufruíram de um direito prescrito na Lei 8.112/1990 que dispõe sobre o Regime Jurídico dos Servidos Públicos Civis da União, das autarquias e das fundações públicas federais que é o afastamento para participação em programa de pós-graduação *stricto sensu* no país (Capítulo V, seção IV da Lei 8.112/1990), outros egressos receberam à bolsa de pesquisa e decidiram também se dedicar exclusivamente ao mestrado.

Ainda dentro da análise das respostas dos sujeitos que continuaram com suas atividades laborais após a entrada no mestrado, os motivos foram agrupados em quatro categorias, a saber: questões trabalhistas; necessidade; campo de pesquisa; e falta de financiamento para a pesquisa.

Dentro da categoria “**questões trabalhistas**”, os egressos responderam que continuaram suas atividades, porque não conseguiram o afastamento para

¹² Profissões que não foram explicitadas pelos respondentes, informando apenas o órgão e não o cargo/função que ocupavam a época.

participação em programa de pós-graduação¹³, pois estavam em estágio probatório impossibilitados de fazer a solicitação “*Estava em estágio probatório e não tinha como ter bolsa pelo Programa. Então, tive que trabalhar e estudar*” (EG 21), ou ainda mesmo que tendo a possibilidade de afastamento sem remuneração não estavam interessados em interromper o tempo do estágio probatório “*Estava ainda em estágio probatório e não queria interromper o tempo do mesmo*” (EG 29), outros justificaram a continuidade nas atividades tendo em vista às atividades enquanto docente “*Em virtude da necessidade de dar continuidade às atividades de docência (...). Desse modo, o período do Mestrado, em 2010, foi dividido entre as aulas e minha atividade docente*” (EG 35). Desta forma, percebe-se que apesar do esforço em na conciliação das atividades trabalhistas com as atividades acadêmicas os indivíduos se esforçam em busca da qualificação profissional.

Na categoria “**necessidade**” tem-se que não havia outra solução para aqueles que almejam a formação acadêmica, precisam trabalhar e estudar, como pode ser observado na fala dos egressos EG 4 “*Era minha única fonte de renda*” e EG 11 “*Não tinha como me manter apenas estudando*”, ou simplesmente porque tinham que manter a casa e a família “[...] *porque precisava me manter e manter a família.*” (EG 43). Certamente, esses foram os mestrandos que também não conseguiram financiamento para a pesquisa, mesmo sabendo que os órgãos de fomento a pesquisa destinam bolsas para o desenvolvimento dos estudos e tais recursos devem ser destinados para aquisição de expediente necessários à pesquisa, com o auxílio dessas bolsas os mestrandos podem se manter financeiramente tanto no quesito pessoal quanto acadêmico.

Quanto à categoria “**campo de pesquisa**” pode ser observado que o trabalho dos egressos se constituía parte do campo empírico da pesquisa, por isso a inviabilidade de afastamento, tendo em vista a necessidade de aproximação com o campo de pesquisa, assim como define Gondim e Lima (2006, p. 21) “o pesquisador ideal reconhece que são essenciais tanto a reflexão teórica quanto o contato direto ou indireto com o mundo empírico, [...] é este tipo de trabalho que ‘fecunda’ a inteligência, a qual nutre das teorias”, conhecendo bem estas premissas o EG 13

¹³ De acordo com ao art. 96-A, parágrafo 2º da Lei 8.112/90 o servidor público federal só poderá requerer afastamento para realização de programas de mestrado e doutorado quando decorrer pelo menos três anos para o mestrado e quatro anos para doutorado de efetivo exercício, incluído o período de estágio probatório.

afirma “o objeto de pesquisa era parte do próprio trabalho”, bem como o EG 36 “*Campo de pesquisa no local de trabalho*”.

No que se refere à categoria “**falta de financiamento para a pesquisa**” estão, os mestrados que não obtiveram êxito na seleção de bolsas de estudos. Os sujeitos desta categoria se aproximam da categoria “necessidade”, pois apesar destes afirmarem que não conseguiram a bolsa estudos, aqueles continuaram trabalhando por necessidade, o que a partir de suas respostas pode-se inferir a falta de financiamento. Destacam-se nesta categoria as falas do EG 5 “*Porque não consegui bolsa no Mestrado*”, bem como do EG 45 “*Não recebi bolsa de estudo e dar aulas era minha única fonte de renda*”, além disso, observa-se a possibilidade de continuar ministrando aulas para o ensino superior, onde é aliada a teoria e a prática, “*Oportunidade de melhorar currículo no curso dando aulas no curso superior [...]*” (EG 42), já que se trata de um mestrado acadêmico e visa a formação não só de pesquisadores, mas também de professores para o ensino superior, como preconiza Saracevic (1996, p. 41, grifo nosso) “[...] a CI é definida como um campo englobando, tanto a **pesquisa científica quanto a prática profissional**, pelos problemas que propõe e pelos métodos que escolheu, ao longo do tempo, para solucioná-los.” Assim a CI não pode se deter apenas ao campo científico, mas as questões sociais que a cercam, Wersig (1993) apontava uma direção para CI onde esta deveria preocupar-se, também, em ajudar as pessoas que estão confusas com o uso do conhecimento. E o que é CI, se não uma ciência que investiga as propriedades da informação a partir de conhecimentos teóricos e práticos produzidos e reproduzidos no seu campo, por profissionais formados nos programas de pós-graduação.

Quanto à pós-graduação *lato sensu* 41% (21) dos respondentes informaram que tem pós-graduação *lato sensu*, 59% (30) não possuíam a época cursos de especialização. Na Tabela 5, pode-se observar a distribuição dos respondentes.

Tabela 5 - Cursos de pós-graduação *lato sensu* dos egressos PPGCI/UFPB

Profissão	n	%
Bibliotecário	15	38,5
Professor ensino superior	8	20,5
Professor ensino fundamental	3	7,7
Técnico administrativo	2	5,1
Cerimonialista	1	2,6
Professor ensino técnico	1	2,6
Assessor de comunicação	1	2,6
Jornalista	1	2,6
Analista de TI	1	2,6
Outros	6	15,4 ¹⁴
TOTAL	39	100,0

Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

A necessidade de consistência disciplinar da CI como outras disciplinas é evidente, Saracevic (1996) tem razão ao apontar a natureza interdisciplinar da CI, mas há de se observar de que forma essa interdisciplinaridade está enraizada na CI desde a sua gênese, Souza e Dias (2011, p. 60) afirmam “a necessidade de integração disciplinar na ciência da informação aponta para o desenvolvimento de pesquisas e práticas conciliantes na relação com o conjunto de áreas ou ciências que trabalham com a informação”. Então, quando é apresentada uma infinidade de formações acadêmicas e especializações dos egressos, acredita-se que esse arcabouço tenha contribuído para fortalecimento das questões trazidas dessas áreas para a CI.

É preciso esclarecer que o discurso da interdisciplinaridade se fundamenta numa homogeneidade lógica que busca converter práticas supostamente integradoras em efetivas contribuições teórico-metodológicas.

[...] a interdisciplinaridade, na ciência da informação, é apresentada em um espaço logicamente estabilizado, desconsiderando as tensões, disputas e negociações que existem no campo de lutas e forças que as constituem, com toda a carga de determinações

¹⁴ Profissões que não foram explicitadas pelos respondentes, informando apenas o órgão e não o cargo/função que ocupavam a época.

sociais, políticas, econômicas e histórico-ideológicas. (SOUZA; DIAS, 2011, p. 65).

A CI busca compreender o seu espaço enquanto ciência que se aproxima da realidade, seu forte vínculo com as tecnologias proporcionam uma abertura para a compreensão dos aspectos que impulsionam os agentes a reconhecerem as estratégias de consolidação da área, “as pressões tecnológicas, que certamente operam sobre o mundo e as ciências, que nesta área, parecem ocorrer de forma rápida e freqüente” (PINHEIRO, 2007, p. 11).

Essa discussão sobre interdisciplinaridade “se reveste de grande relevância porque se centra nos processos de institucionalização epistemológica e social, na medida em que esta é condicionada pelo estabelecimento do domínio disciplinar do campo” (SOUZA, 2011, p. 272). Assim também destaca Pinheiro (2007, p 11) “a interdisciplinaridade desponta com intensidade, tanto em estudos teóricos quanto empíricos, no Brasil e exterior”. Nesse contexto, reconhece-se a importância da integração disciplinar, não obstante a fertilidade das discussões produzidas, tendo em vista a formação acadêmica dos egressos que produz na CI um espaço de contribuições, onde os desafios teórico-metodológicos possam ser superados.

Quanto à inserção no campo da ciência da informação antes da realização da pós-graduação no PPGCI/UFPB. Mais de $\frac{3}{4}$ dos egressos, 76%, disseram que estavam inseridos de alguma forma na área da ciência da informação antes do ingresso no curso. Uma minoria, 24%, respondeu que não estavam inseridos na área.

Diante dos dados apresentados é importante analisar como se dava, na perspectiva dos egressos, essa inserção no campo da ciência da informação. Conforme sistematizado em categorias na Tabela 6, a maioria declarou que estava envolvido em alguma área do conhecimento bastante próxima, ou ainda, que sua atividade profissional perpassa por questões ligadas à informação, como destacado na tabela.

Tabela 6 – Forma de inserção na CI antes do ingresso no PPGCI/UFPB

Categorias	n	%
Arquivologia e/ou Biblioteconomia	18	46,2
Desenvolvimento de pesquisas na área	7	17,9
Docência na área	5	12,8
Oficina de Criatividade ¹⁵	3	7,7
Aluno especial do PPGCI/UFPB ¹⁶	2	5,1
Outro tipo	2	5,1
Tecnologia de Informação	1	2,6
Competência Informacional	1	2,6
TOTAL	39	100,0

Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

Com a possibilidade de uma análise mais acurada, agrupou-se algumas das respostas dadas pelos egressos em relação à questão da inserção na área. O Quadro 3 tem a função de corroborar com estas atuações na área de informação, seja através das “práticas profissionais” ou do “envolvimento acadêmico”, pois a partir de sua análise pode-se observar a forma de inserção dos egressos na área da CI. Vale salientar que foram elencadas as respostas mais pertinentes dadas pelos egressos transcritas conforme exposto pelos mesmos, respostas com o mesmo conteúdo informacional foram suprimidas. Percebe-se que algumas respostas não estão claras em relação à atividade desenvolvida, de modo que, nesses casos, foi necessário analisar as demais respostas do questionário do egresso para possibilitar uma análise que melhor permitisse a aproximação a uma dada categoria.

¹⁵ Oficina de criatividade científica no campo da informação, coordenado pela Profa Dra Isa Maria Freire (membro do corpo docente do PPGCI/UFPB), tem por objetivo apoiar candidatos ao concurso para seleção do PPGCI da UFPB na elaboração de projetos de pesquisa.

¹⁶ Os alunos especiais do programa são aqueles matriculados apenas em disciplinas isoladas de acordo com o art.170 do regimento geral da UFPB em conformidade com o art.23 da resolução 15/2011 CONSEPE/UFPB.

Quadro 3 – Atuação profissional dos egressos antes da entrada no PPGCI/ UFPB

CATEGORIA	RESPOSTAS
Arquivologia e/ou Biblioteconomia	<ul style="list-style-type: none"> • Além de ser aluna da graduação em Biblioteconomia, era bolsista de iniciação científica do CNPq. (EG 8) • Com o curso de graduação em Arquivologia (EG 12) • Bibliotecário/Documentalista (EG 15) • Trabalhando como Arquivista (EG 20) • Desenvolvendo projetos na área de construção de bibliotecas e repositórios digitais no Laboratório de Tecnologia do Conhecimento (EG 25) • Os estudos dos usuários e as instituições-memória já era objeto de meus estudos nas duas graduações em que me formei (EG 37) • [...] realizando pesquisas na área de preservação digital e informetria (EG 40)
Desenvolvimento de pesquisas na área	<ul style="list-style-type: none"> • Realização de pesquisas voltadas para a CI (EG 6) • Através de publicações de artigos, participações em eventos na área, graças a participação como bolsista do CNPQ e estudos para construção do trabalho de conclusão do curso (EG 21) • Sempre fiz pesquisa (EG 47) • Era pesquisadora do PIBIC (EG 51)
Docência na área	<ul style="list-style-type: none"> • Professor do curso de Biblioteconomia (EG 3) • Professora substituta do departamento de ciência da informação (EG 36) • Pela docência (EG 48)
Oficina de Criatividade	<ul style="list-style-type: none"> • Participava de uma oficina na área (EG 5) • Através da Oficina de Criatividade Científica (EG 39)
Aluno especial do PPGCI/UFPB	<ul style="list-style-type: none"> • Fui aluno especial na disciplina Arquitetura da Informação (EG 2)
Outro tipo	<ul style="list-style-type: none"> • Atuava profissionalmente na área (EG 26) • Pelo desempenho profissional que foi sempre dentro desta área, desde os estágios acadêmicos (EG 29)
Tecnologia de Informação	<ul style="list-style-type: none"> • Ao trabalhar com produção e administração de <i>websites</i>, preservação digital e administração de redes de computadores (EG 13)
Competência Informacional	<ul style="list-style-type: none"> • Sempre atuei na área de competência informacional (EG 50)

Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

Outra questão feita aos egressos se refere à atuação profissional destes após a formação recebida no Programa. Tem-se que 90% (46) dos sujeitos responderam que estão trabalhando atualmente e apenas 10% (5) não está trabalhando. Dos 90% que estão trabalhando, 96% (44) está trabalhando com atividades relacionadas à CI e apenas 4% (2) não tem atividade laboral relacionada com a CI.

Para uma análise mais cuidadosa relacionada à interseção do trabalho atual dos egressos com a CI, destacam-se as falas dos respondentes agrupadas em seis categorias de tal forma que melhor exemplifique essa relação. Identifica-se falta de clareza em algumas respostas dos egressos, portanto recorreram-se as demais respostas dos questionários a fim de poder categorizar as afirmações com maior objetividade possível. As categorias são: biblioteconomia; docência; arquivologia; tecnologia da informação; comunicação; e gestão da informação.

No que tange a categoria “**biblioteconomia**” percebe-se um elemento marcante na formação acadêmica dos egressos, muitos têm sua atuação profissional voltada para área da biblioteconomia, ou já atuavam como bibliotecários antes do ingresso no PPGCI/UFPB. Evidentemente o número de bibliotecários tende a ser maior, tendo em vista que a pós-graduação em Ciência da Informação é a mais procurada pelos bibliotecários. Isto se deve a evolução histórica da Ciência da Informação perpassa por questões inerentes à Biblioteconomia, que tem sua história remontada há mais de três mil anos, ligada à organização, à preservação e ao uso dos registros gráficos, como é enaltecido na fala do EG 21 “*Minha atuação prática sempre foi em sintonia com toda a teoria da graduação/pós-graduação. Acho essa parte a mais fascinante de tudo e espero sempre manter isso. Um olhar teórico na prática do cotidiano profissional*”, o EG 31 afirma que sua atuação profissional tem relação com a pós-graduação, pois atua em biblioteca universitária o que permite ter uma visão global dos aspectos de disseminação da informação, a partir das fontes de informação disponibilizadas para os usuários “*Tem relação com a CI, pois em Biblioteca Universitária se dissemina informações científicas por meio das mais variadas fontes de informação. A Biblioteca Universitária ainda é um canal eficiente e contribui significativamente na manutenção de um ciclo informacional universitário*”, já o EG 41 concebe a relação entre as formações pelos métodos que utiliza no trabalho para preservar e disseminar a informação “*Sim. Atuo como bibliotecária documentalista em uma empresa de comunicação pelo qual sou responsável de preservar, indexar e disseminar a memória da TV, onde diariamente*

indexo todo material imagético da TV Paraíba". A esse respeito nos diz Saracevic (1996, p. 49) "o campo comum entre a biblioteconomia e a CI, que é bastante forte, consiste no compartilhamento seu papel social e sua preocupação comum com os problemas da efetiva utilização dos registros gráficos", assim muitos tendem a confundir as duas áreas, mas há de convir que, não somente pela semelhança teórica, muitos bibliotecários procuram a CI para fazer a sua pós-graduação.

Na categoria "**docência**" tem-se que os egressos já atuavam como docentes ou passaram a atuar após a formação no Programa, vale salientar que como o mestrado é acadêmico esse percentual tende a ser maior, haja vista a formação de professores para a carreira do magistério superior, da mesma forma que Castro (2008, p. 59) ressalta "no mestrado a finalidade é capacitar pessoas a ensinar em instituições de nível superior, e para isso a pessoa tem que estar capacitada não só para produzir conhecimento, como também organizar e sistematizar o conhecimento que já existe", neste sentido pode-se destacar as falas dos egressos EG 10 que afirma sua relação direta com a informação no processo de ensino aprendizagem "[...] *continuo dando aula de Ciências e Biologia, logo, uso a informação diariamente em sala de aula*", o EG 11 utiliza os conceitos da CI nas suas aulas no curso de arquivologia, a sua resposta também se encaixa na categoria arquivologia, entretanto na elaboração das categorias foi levado em consideração a parte técnica das atividades profissionais, portanto a resposta deste egresso se encaixa mais harmoniosamente nesta categoria "*Sim, sou professor universitário do Curso de Arquivologia e sempre trago conceitos e usos da CI no conteúdo programático*" (EG 11), o EG 40 e o EG 46 trabalham como docentes em áreas que têm relação com as linhas de pesquisas dos programas de pós-graduação "*Sou professora em uma universidade federal, na área de Organização e Tratamento da Informação Digital e Analógica*" (EG 40), "*Tem sim, sou professora, do curso de biblioteconomia, e trabalho na linha de gestão, ética e produção científica, mas, também tenho interesse na epistemologia*" (EG 46).

Quanto à categoria "**arquivologia**" os sujeitos podem utilizar os conhecimentos teóricos adquiridos na pós-graduação na sua atuação profissional, atrelando o teórico e o prático, como também o atendimento aos usuários, podendo suprir as necessidades informacionais, neste sentido pode-se destacar a fala do EG 12 "*Sim, tem relação com a Ciência da Informação. Trabalho em um arquivo público*", bem como a fala do EG 20 "*Sim tem relação, continuo trabalhando no*

*Arquivo do NDIHR*¹⁷. Trabalho com a Memória da Instituição NDIHR e com a memória de algumas Pesquisas realizadas na UFPB a partir de 1976 até mais ou menos o ano 2000”, assim como discorre Miranda (2006, p. 112) “Não basta reconhecer uma necessidade de informação¹⁸ para se obter o conhecimento necessário para solucionar problemas. É preciso reconhecer a complexidade do mundo da informação e da interação entre a informação e o sistema de conhecimento do usuário”, ou seja, cabe ao profissional habilitado cognitivamente reconhecer as necessidades do usuário e fornecer as informações necessárias para atender as necessidades próprias daquele usuário.

Na categoria “**tecnologia da informação**” pode ser analisado um aspecto inerente a CI que está voltado ao que Saracevic (1996) define como relação inexorável com a tecnologia, na fala do EG 13 fica evidente a relação da forma de atuação com a formação na pós-graduação “*Sim. Preservação Digital, Usabilidade e Arquitetura da Informação na Web*”

No que se refere à categoria “**comunicação**” pode-se destacar a fala com EG 2 “*Tal qual a comunicação, sempre conseguiremos associar a CI a todo ambiente de trabalho*”, entendendo a comunicação e a ciência da informação como possuidores de um mesmo objeto de estudo, que é a informação, mas utilizando-a em variados contextos, pois como afirma Miranda (2006, p. 103) “o ambiente social na qual a informação é encontrada determina seu valor e sua importância”.

A categoria “**gestão da informação**” se coloca também próxima dessa relação, pois ela é parte integrante das linhas de pesquisas da área e como tal contribui significativamente para o desenvolvimento da CI como um todo. Neste panorama pode-se ressaltar a fala do EG 7 “*A relação com a linha de pesquisa e temáticas abordadas na pesquisa: TICs, processo de ensino-aprendizagem, gestão da informação*”, bem como a do EG 26 “*Sou Gestor de Convênios, no Ministério da Saúde, na Paraíba*”, confirmando as tendências de que a gestão da informação está intrinsecamente interligada com a CI.

¹⁷ Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional é um órgão suplementar da Reitoria da Universidade Federal da Paraíba, que tem como objetivos básicos o resgate e a preservação da memória e a produção do conhecimento crítico sobre a realidade nordestina.

¹⁸ Define-se Necessidade de informação segundo Miranda (2006, p. 106) “como um estado ou um processo no qual alguém percebe a insuficiência ou inadequação dos conhecimentos necessários para atingir objetivos e/ou solucionar problemas, sendo essa percepção composta de dimensões cognitivas, afetivas e situacionais.

Partindo do pressuposto que a tecnologia da informação e a gestão da informação são disciplinas estudadas também no campo da Ciência da Informação e que a comunicação perpassa os processos informacionais presentes no desenvolvimento de qualquer área, no caso específico da CI, tem-se que os egressos estão inseridos de alguma forma no campo da CI.

Embora apenas 2 sujeitos tenham respondido que suas atividades não tem relação com a CI, percebe-se que estão trabalhando com a informação, objeto de estudo da Ciência da Informação, seja no atendimento ao usuário “*Estava atuando como **Secretária na Pós-graduação** e não havia nenhum espaço para implementar alguma nova ideia*” (EG 50, grifo nosso), seja como fonte de estudos para o processo de doutoramento “*Ainda não atuei profissionalmente após fazer o mestrado, tenho me **dedicado ao doutorado***” (EG 19, grifo nosso). Assim, o PPGCI/UFPB tem formado profissionais capazes de por em prática os conhecimentos apreendidos durante o curso de pós-graduação.

Dado o contexto da formação recebida pelos sujeitos no Programa, bem como avaliação positiva do PPGCI/UFPB por parte dos egressos e dos órgãos de fomento à pesquisa, foi questionado se os sujeitos percebiam alguma relação entre a formação do Programa e sua atuação profissional, importante salientar que, mesmo os que responderam que não estavam trabalhando no momento afirmaram de alguma forma que há uma relação direta entre a formação e a atuação profissional. Supõe-se que estes fizeram um *link* com o seu trabalho anterior e/ou uma possível oportunidade de trabalho, seja no mercado profissional, seja na carreira acadêmica. Desta forma, as respostas foram agrupadas em cinco categorias: estratégica; oportunidade de trabalho; práticas docentes; organização/recuperação da informação; e horizontes de pesquisa, onde pode-se identificar, na ótica dos egressos, a relação entre a formação recebida e a atuação profissional.

Sendo assim na categoria “**estratégica**” elenca-se as falas que correspondem ao uso estratégico da informação no ambiente de trabalho, seja para o processo de tomada decisão como dito por EG 13 “*a produzir websites e realizar treinamentos de usuários administradores dos gerenciadores de conteúdos. Ao administrar repositórios digitais*”, seja para o processo de conhecimento como destaca EG 2 “*Se antes, como profissional da comunicação e relações públicas, valorizava a informação, a CI me fez perceber ainda mais o potencial estratégico e transformador que a informação, como objeto da CI, carrega*”, desta forma concebe-se a

informação como Cândido, Valentim e Contani (2005) a que acreditam na informação como instrumento de gestão e que pode sofrer alterações de acordo com o contexto em que está inscrita, corroborando com a visão de Miranda (2006).

A gestão estratégica da informação não é algo que possui uma linearidade; o ambiente informacional de qualquer organização sofre alterações promovidas pelas variações dos ambientes de negócios interno e externo, e essas alterações exigem informações que indiquem sua natureza e intensidade e como deve ser realizado o realinhamento organizacional frente à nova demanda gerada. (CÂNDIDO; VALENTIM; CONTANI, 2005, p. 2).

Ainda dentro dessa categoria a fala do EG 31 expressa avaliação positiva do PPGCI/UFPB por parte de seus egressos, *“O PPGCI da UFPB em nível de mestrado acadêmico nos possibilitou conhecer muitos métodos e técnicas de pesquisa. Todo este aparato me fez compreender melhor as diferentes necessidades de informação do usuário [...] com o mestrado que eu pude compreender a amplitude das metodologias qualitativas, compreensivas, etnográficas que não têm tanta ênfase na graduação. Hoje quando atendo usuários pesquisadores consigo dar um encaminhamento melhor na busca de informação, produção de documentos científicos”*, neste sentido percebe-se uma profunda relação entre a formação recebida no Programa e a atuação profissional dos egressos.

Na categoria **“oportunidade de trabalho”** os egressos afirmaram que a relação se deu pela oportunidade de atuar profissional, agregando valor ao currículo como docente e/ou como profissional no mercado de trabalho, *“o título de Mestre me permitiu à participação em concursos na área da CI”* (EG 9), na fala do EG 11 também pode ser visualizada a oportunidade trabalho, sobretudo no âmbito de concursos públicos *“Sim, foi através do Mestrado em CI que pude me candidatar ao concurso para docente em Arquivologia”*, assim como destacado na fala do EG 17 e EG 37, respectivamente, a formação oportunizou um aprofundamento teórico fazendo com que os egressos aplicassem a teoria à prática *“Entre outras, as leituras realizadas durante o mestrado foram importantes para meu aprendizado e conseqüentemente para minha profissão”*, *“Considero que minha formação no PPGCI possibilita uma melhor atuação profissional frente ao público que a biblioteca em que atuo se pretende a atender”*, além de permitir o aperfeiçoamento para a

prática profissional “*A formação obtida encaminhou o aperfeiçoamento das práticas no museu, com relação aos seus usuários internos*” (EG 44).

Desta forma, constata-se que o título acadêmico permitiu aos egressos agregar valor as competências e habilidades para desempenhar o papel de profissional da informação. Assim destaca Bourdieu (2006, p. 148-149) “o título profissional é um capital simbólico institucionalizado, legal. [...]”. “É a raridade simbólica do título no espaço dos nomes de profissões que tende a comandar a retribuição da profissão”. Ou seja, o valor do título está institucionalizado e serve de ferramenta para enfrentar o mercado de trabalho, como destaca Castro (2008, p. 14):

É o valor institucionalizado do título que serve de instrumento para que se defenda e se mantenha o valor do trabalho. Quem detém os mesmos títulos tende a constituir-se em grupos e dotar-se de organismos permanentes, como associações, sindicatos, entre outros, que se destinam a assegurar a coesão do grupo e defender e promover interesses materiais e simbólico.

Na categoria “**práticas docentes**” os sujeitos destacam que a formação no PPGCI/UFPB contribuiu para melhoria nas atividades da docência, como também essa formação poderia trazer elementos qualificados para o exercício da docência, nesse sentido o EG6 menciona “*As pesquisas desenvolvidas são relacionadas com o desenvolvido no PPGCI/UFPB, assim como, a própria prática docente no que concerne a temáticas*”, outro destaque dado é na fala do EG 8 “*Tenho grande interesse pela docência e sei que a formação no PPGCI/UFPB foi um ponto essencial para que eu possa seguir a docência*”, o EG 48 afirma que com a formação em CI ele pode aperfeiçoar as suas atividades docentes “*O mestrado acadêmico é a preparação para a docência e a pesquisa. Como sou docente o mestrado em CI me proporcionou aperfeiçoamento para exercício da profissão*”, sobretudo porque a formação faz com os sujeitos adquiram saberes necessários, práticos (estágios docência) e teóricos (revisões de literatura) para o exercício da profissão, assim demonstram Albuquerque e Souki que os saberes são indispensáveis à prática docente, de tal forma que estes produzem no educador uma práxis educativa comprometida com a atuação profissional.

[...] os saberes necessários à prática docente são indispensáveis à vida do educador, de forma que este possa desempenhar um trabalho, a partir de uma práxis educativa comprometida com o saber-fazer docente. E esta práxis requer o exercício diário sobre a ação docente no locus em que atua, levando-o a trilhar por caminhos que visualizem o ensino como um trabalho coletivo e integrado à vida da escola. (ALBUQUERQUE; SOUKI, 200?, p. 6).

Quanto à categoria “**organização/ recuperação da informação**” tem-se que os egressos expressam relação com as atividades inerentes à CI no que se refere à produção, acesso, uso e disseminação da informação. Desta maneira enfatiza Valentim (2000, p. 20) “O tratamento da informação deve contemplar novas metodologias de análise, processamento e disseminação da informação, buscando futuras realidades sociais. A informação é complexa necessitando de equipes multidisciplinares para desenvolver os processos de análise da informação”, essas novas metodologias podem e são adquiridas na formação dos sujeitos, na busca pelo aperfeiçoamento, pela capacitação, pela educação continuada. A partir desse ponto de vista pode-se constatar nas falas dos indivíduos esta relação de reciprocidade entre a formação e a atuação, como bem descreve o EG 20 “*A relação existente no meu trabalho é com a organização da informação já que sou arquivista [...]. Atualmente requeiro dos meus usuários o preenchimento de uma ficha de atendimento onde o usuário dar diversas informações sobre a pesquisa e sobre o atendimento*”. O EG 32 não descarta a relação da formação com a atuação apresentando o tratamento da informação com este elo “*O que pude relacionar é na questão do tratamento da informação e na valorização do conhecimento. Como atuo diretamente com Tecnologia da Informação, pude relacionar vários conceitos no acesso, uso e disponibilização de dados e informações através dos sistemas computacionais que atuo*”. Percebe-se ainda uma forte ligação com os recursos da tecnologia da informação, tanto na fala do EG 32 quanto nas demais falas relacionadas a esta categoria “*Principalmente no que se refere às TIC’s, disseminação de informação e conhecimento, o uso das mídias sociais nessa disseminação*” (EG 39). No discurso do EG 42 um traço marcante é a recuperação da informação como forma de racionalizar as práticas informacionais “*Gestão, organização, recuperação da informação mais elaborada e eficiente, mais clareza nas construções das arquiteturas informacionais, maior poder de explicação (teorização) das práticas informacionais*”.

Na conjuntura que se instala com a formação acadêmica entende-se que a informação passou a ser vista como um insumo de trabalho que possibilita o desenvolvimento científico e tecnológico, como destaca Araújo (2009, p. 198) “[...] o desenvolvimento científico e tecnológico torna-se central, estratégico. E, para o aumento da produtividade e da velocidade de produção de novos conhecimentos científicos. Os sujeitos passaram a perceber a importância da informação como recurso substancial para a formatação do trabalho, conforme explica Araújo (2009, p. 198) “Informação passou a ser entendida [...] como um recurso, uma condição de produtividade. Cientistas precisavam de informação com rapidez, com qualidade, com exatidão”. Da mesma maneira que a informação ganha o *status* de artefato, de produto, que precisa ser organizado para posterior recuperação a formação acadêmica propicia esta modelagem no sujeito, produzindo e/ou despertando nele a capacidade de desenvolver as suas habilidades no que concerne a atuação profissional.

No que se refere à categoria “**horizontes de pesquisa**” os respondentes afirmam que puderam adquirir e/ou despertaram ao longo da formação habilidades para a pesquisa, possibilidade para o aprofundamento da sua pesquisa, ou ainda outras nascentes de pesquisa. Conforme enfatiza o EG 3 “*Passei a usar os conhecimentos adquiridos no programa na minha atuação profissional, inclusive abrindo outros prismas de pesquisa*”, assim também enfatiza o EG 43 “*Serviu-me para ampliar as possibilidades e aprofundar certos aspectos epistemológicos no meu campo de atuação*”, percebe-se na fala do EG 19 não um horizonte propriamente dito da pesquisa, mas a possibilidade de aprofundamento de seu estudo no processo de doutoramento, o que contribui para a afunilamento da pesquisa e consequentemente para o desenvolvimento de aspectos científicos adquiridos no mestrado “*Ainda não atuei profissionalmente após fazer o mestrado, tenho me dedicado ao doutorado*”, assim corrobora-se com a opinião de Gondim e Lima (2006, p. 22) ao afirmarem que “o bom pesquisador raramente ‘nasce’ pronto. Ele é fruto, principalmente, do trabalho paciente e disciplinado. Analogamente, pode-se dizer que é pesquisando que o ‘gosto’ pelo fazer pesquisa é descoberto e aprofundado”, daí a necessidade destes egressos em aprofundar seus estudos, “avançar para águas mais profundas”, em busca de “terras nunca antes habitadas”, certamente porque o prazer pela pesquisa se desenvolveu no mestrado.

As categorias elencadas mostram um potencial estratégico da informação, enquanto insumo de trabalho, os egressos percebendo esse potencial agregam às suas práticas profissionais as táticas necessárias, adquiridas no mestrado, para o desenvolvimento de suas atividades.

Assim, pode-se compreender o aspecto material da informação que perpassa as áreas do conhecimento produzindo novos saberes e possibilitando a CI uma perspectiva de reconfiguração das suas práticas teóricas e metodológicas, como pressupõe Oddone (1998) que coloca a CI no campo de estudos que percebe a dinâmica processual que a informação percorre em cada área.

A ciência da informação, enquanto campo do saber humano, ocupa-se tanto do fluxo da comunicação como de seus atores e dos registros que transportam a informação e o conhecimento. Não estuda a natureza propriamente física ou social da comunicação, nem investiga os estatutos político e antropológico que a fundam, mas identifica sua mecânica processual e as instituições que dela participam, seus produtos, seus especialistas e usuários, as ferramentas e as técnicas de que se utiliza, procurando compreendê-los enquanto componentes do vasto organismo sistêmico que garante ao homem a satisfação de seu anseio e de sua necessidade de produzir, transformar, utilizar, comunicar, transmitir, enfim, perpetuar o conhecimento. (ODDONE, 1998, p. 84).

O mestrado acadêmico deu aos egressos outras possibilidades de atuação profissional, bem como aperfeiçoou as técnicas adquiridas com a graduação. É bem verdade que os profissionais buscam cada vez mais se capacitar para realização das suas atividades. Isto acontece porque com o advento das tecnologias a informação passou a ser, ainda mais, vital para o desenvolvimento da sociedade, dita da informação. Neste sentido, Valentim (2000, p. 20) assevera que o profissional da informação deve antever,

[...] as mudanças nos canais de distribuição de informação e é necessário que ele esteja preparado para esses novos canais de distribuição da informação. A partir desta percepção, modifica-se a forma e o meio de mediar, adequando-se e desenvolvendo modelos eficazes para atender as novas realidades.

Certamente, a formação no nível de mestrado prepara o sujeito para essa mudança na percepção da informação e dos seus canais para assegurar a mediação como forma prática de desenvolver o conhecimento. Desta forma, Oddone

(1998, p. 84) afirma que a preocupação da CI deve “abranger todo o conjunto de atividades, especialistas, organizações, tecnologias, produtos e linguagens que se encontra imerso nesse espaço paradigmático cujo epicentro é a informação”.

Destarte, a relação entre a formação no PPGCI/UFPB e a atuação profissional dos egressos está posta, de maneira que esta relação se torna fundamental para o desenvolvimento das práticas profissionais, tanto no campo acadêmico (docência) quanto no campo profissional (mercado), conforme os próprios egressos elencaram.

Não obstante, pode-se (re) construir a trajetória profissional dos egressos do PPGCI/UFPB que se configura como um movimento transformador que atribui ao sujeito condições para exercer seu papel enquanto profissional titulado. Considerando o *status quo* da formação acadêmica tem-se que os egressos levaram de 21 a 24 meses para concluir o curso de mestrado, tempo máximo exigido para a conclusão do curso de mestrado de acordo com o regulamento da UFPB e com a resolução 15/2011 CONSEPE/UFPB que aprova o regulamento do PPGCI/UFPB. Esse mesmo egresso é oriundo da linha Memória, Organização, Acesso e Uso da Informação, evidentemente este número é maior, haja vista a quantidade de professores orientadores ser maior que a linha Gestão, Ética, Políticas de Informação.

O egresso do PPGCI/UFPB cursou o mestrado sem o financiamento de bolsa de pesquisa, seja porque o número de bolsas era menor que o de ingressos, seja pela impossibilidade legal dos sujeitos. Dos que receberam bolsa, tem-se que a maioria foi financiada pela CAPES (74%), e teve tempo médio de duração de 6 a 12 meses. Ao ingressar no Programa o indivíduo estava trabalhando, de acordo com as informações prestadas pelos sujeitos, como bibliotecários (38,5), destacando-se também o número de professores do ensino superior (20,5%), e continuaram a trabalhar por questões trabalhistas como, por exemplo, estágio probatório. 59% dos egressos não possuíam pós-graduação *lato sensu* quando da entrada no mestrado, fato que chama atenção é que dos que afirmaram possuir pós-graduação *lato sensu*, a pós estava voltada para área de biblioteconomia, mesmo a maior parte dos egressos sendo bacharéis em biblioteconomia.

Vale salientar que os egressos já estavam inseridos no campo da CI de alguma forma, conforme as categorias elencadas mostraram que os egressos estavam situados na Arquivologia e/ou Biblioteconomia, além de desenvolver

pesquisas relacionadas com a CI. Este fato corrobora para a apropriação por parte desses profissionais dos conceitos da CI, inserindo-se dentro do contexto da informação, a fim de produzir conteúdo para o desenvolvimento da área como um todo, transformando a informação e o conhecimento em forças produtivas (FREIRE, G.; FREIRE, I., 2010).

Outro dado relevante na trajetória profissional do egresso PPGCI/UFPB é que 90% destes profissionais estão (continuam) inseridos no campo de atuação, 41% atuam em bibliotecas e 37% como docentes. Percebe-se então um estreito vínculo entre a formação acadêmica e a atuação profissional, tendo vista o objetivo destes egressos que é o aperfeiçoamento profissional.

Por fim, consegue-se visualizar dentro da trajetória profissional dos egressos seu papel enquanto agente social, que busca entender os problemas relativos à informação, assim como elucida Wersig (1993), além de compreender a formação acadêmica no Programa como uma oportunidade de trabalho, que abre novos caminhos para atuação, bem como perceber o valor estratégico da informação.

Sendo assim, cabe ao profissional da informação, egresso do PPGCI/UFPB, atentar para as nuances teóricas, os novos horizontes metodológicos que a formação no Programa permitiu, por conseguinte procurando preencher a lacuna que existe na sociedade da informação, que busca conteúdo informacional, mas não sabe interpretá-lo, decodificá-lo compreender que o hiato entre a informação e o conhecimento só pode ser suprimido se houver mediação. Essa mediação é feita pelo profissional da informação.

Por conseguinte, a formação acadêmica *stricto sensu*, em nível de mestrado, pôde ampliar as concepções teórico-metodológicas dos egressos, despertando nos sujeitos sua capacidade de revisar o mundo de maneira mais crítica a partir dos conceitos relacionados com a ciência da informação.

6.3 AS ELEMENTARIEDADES DAS MOTIVAÇÕES DOS EGRESSOS DO PPGCI/ UFPB

O verbete motivação vem do latim *movere*, que significa mover para realizar determinada ação. Bueno (1996, p. 443) classifica motivação como substantivo feminino e conceitua como “exposição de motivos ou causas; animação; entusiasmo”. É um conceito utilizado em psicologia se refere à condição do

organismo que leva a uma direção, ou seja, o impulso interno que conduz à ação. Neste sentido, a principal questão que envolve esse objetivo da pesquisa é perceber por que o egresso decidiu realizar uma pós-graduação, mais especificamente por que escolheu o PPGCI/UFPB.

Inicialmente destacam-se as motivações que levaram os indivíduos a ingressarem no PPGCI/UFPB. Os motivos foram agrupados em sete categorias, percebe-se que alguns egressos elencaram mais de um motivo para a realização do mestrado no Programa, neste caso os motivos foram classificados em mais de uma categoria, é o que acontece com o EG8 que expressou dois motivos “*O grande renome do Programa e dos docentes que nele atuam*”, sendo assim a resposta do EG 8 entrou nas categorias “corpo docente” e “qualidade do Programa”. As categorias estão agrupadas da seguinte forma: aperfeiçoamento profissional; adequação à linha de pesquisa; zelo pela área acadêmica; progressão funcional; satisfação pessoal; qualidade do programa; e corpo docente.

No que concerne à categoria “**aperfeiçoamento profissional**” destacam-se nas falas dos egressos o desejo em fazer uma pós-graduação *stricto sensu*, continuar os estudos iniciados na graduação, como fica claro na fala do EG 10 “*Ter concluído o curso de Biblioteconomia e desejar continuar pesquisando na área de Estudo de Usuários da Informação, uma vez que, fiz o TCC na referida área. Investir em minha formação acadêmica continuada, visto que sou professora e, nesse sentido, o educador jamais pode parar de estudar*”. O EG 12 destaca a necessidade de “*Continuar os estudos em nível de pós-graduação. Obter formação para melhor espaço no mercado de trabalho*”. O EG 26 afirma que sua principal motivação estava relacionada com a capacitação, tendo em vista o tempo de atuação com gestão de informação “*Aprimoramento profissional. Na época eu já possuía 23 anos de atuação com Gestão de Informações de Políticas Públicas, em órgãos de governo. Eu pretendia sistematizar meus conhecimentos práticos. Muito interesse em Avaliação e Monitoramento de Políticas Públicas*”. Desta forma, discorre Valentim (2000) que enfatiza a necessidade de formação do profissional, de capacitação frente às exigências do mercado de trabalho, sobretudo porque o aspecto globalizado da informação forçou mudanças no perfil de atuação profissional e entendendo essas necessidades os egressos procuraram se aperfeiçoar no que concerne, principalmente, aos aspectos intrínsecos da sua formação acadêmica, como destaca o EG 33 “*A necessidade de me aprofundar na*

área de Arquivologia em nível de Pós-Graduação”, como também o EG 31 “Melhorar meu currículo. Obter conhecimentos científicos. Viver a experiência de pesquisador”, ressalta ainda o EG 51 “Dar continuidade as pesquisas iniciadas durante a graduação e obter a qualificação necessária para lecionar em nível universitário”.

Assim sendo, Valentim (2000) realça que a formação precisa estar direcionada para responder as exigências do mercado, para a capacitação do profissional.

Para o terceiro milênio o profissional da informação deverá ser mais observador, empreendedor, atuante, flexível, dinâmico, ousado, integrador, proativo e principalmente mais voltado para o futuro. A formação, portanto, deve estar voltada para a obtenção de um profissional que atenda essas características. (VALENTIM, 2000, p. 23).

O panorama expresso mostra que os sujeitos se motivaram a aprofundar os conhecimentos adquiridos na graduação, como forma de conquistar algo que sempre almejou *“Sempre tive interesse em continuar minha vida acadêmica e almejei tornar-me pesquisadora, com estudos que pudessem conciliar minhas duas graduações e campos de atuação profissional”* (EG 37). Ademais, a busca por um ideal, um sonho leva ao sujeito a desbravar outros horizontes, a percorrer outros caminhos que permitam alcançar seus objetivos.

Nas falas dos sujeitos identifica-se um desejo pela formação continuada, haja vista que o aperfeiçoamento profissional parte da necessidade que mercado de trabalho e as academias têm por profissionais qualificados, com capacidade crítica de tomar decisões e enfrentar riscos, e que busquem o seu desenvolvimento pessoal. Então, a formação no Programa permitiu aos egressos adquirir muito mais que conhecimentos teóricos, mas materializar os conhecimentos práticos obtidos ao longo de tantos anos de atuação profissional.

Quanto à categoria **“adequação à linha de pesquisa”** as principais motivações dos egressos estão relacionadas aos estudos iniciais que se coadunam com as temáticas abordadas nas linhas de pesquisas, como destacada na fala do EG 6 *“A linha de pesquisa que incidia diretamente, ao que eu pesquisava (memória/arquivo) [...]”,* também o desejo em adentrar nos temas abordados pelos programas em suas linhas de pesquisas *“Interesse na linha de pesquisa e eixos temáticos”* (EG 7), *“Pela possibilidade de estudar mais profundamente acerca de*

museus” (EG 44), e mesmo o contato direto com os temas na sua vida profissional “*Experiência com trabalho em arquivos*” (EG 45), assim pode-se inferir que tais motivações levam os egressos a se empenharem na sua formação, pois partem da familiaridade com a temática de interesse, então como descreve Gondim e Lima (2006) essa é uma das características do pesquisador: o gosto pela pesquisa, o anseio de transformar o ato de pesquisar não em um fardo, mas em um estilo de vida, “Pode-se apontar como características de um bom pesquisador o gosto pelo trabalho acadêmico, a curiosidade e a disciplina” (GONDIM; LIMA, 2006, p. 20). É válido ressaltar que os temas de interesses dos egressos convergiam com as temáticas propostas pelo Programa, isso permite uma sintonia entre as pesquisas, o que, certamente, contribui para um melhor desempenho dos egressos durante e após o curso, pois eles se debruçaram sobre temas do seu interesse.

A categoria “**zelo pela área acadêmica**” aponta que os egressos têm uma afinidade com a pesquisa, produzindo em seus trabalhos a sua marca enquanto pesquisador, atrelando-se ao desejo de seguir uma carreira docente, o que a pós-graduação, certamente oportunizará. Desta forma, essas motivações são evidenciadas nas falas dos sujeitos, como demonstra o EG 14 “*As possibilidades de dar continuidade as minhas atividades de pesquisadora e também atuar como docente*”, o EG 32 também comunga da mesma motivação “*Perspectiva de abrir oportunidades profissionais e a possibilidade de poder me tornar um professor universitário*”, pode-se destacar ainda a fala do EG 40 “*Desejo de seguir a carreira docente, somado a proximidade familiar*”, a fala do EG 51 também corresponde à obtenção do título para atuação no magistério “*Dar continuidade as pesquisas iniciadas durante a graduação e obter a qualificação necessária para lecionar em nível universitário*”, portanto as falas dos egressos são reflexos das políticas institucionais que exigem a formação da pós-graduação para a carreira docente. Neste sentido, afirma Gondim e Lima (2006, p. 17):

[...] o mestrado acadêmico e o doutorado são pré-requisitos para a carreira de professor universitário ou de pesquisador em centros de pesquisa ou institutos científicos. Além da exigência formal do título para ingressar nessas carreiras, a elaboração da dissertação ou tese corresponde ao primeiro passo autônomo em direção à formação de um pesquisador [...].

Outra categoria que corresponde às motivações é “**progressão funcional**” aqui se destaca as falas dos egressos que procuram a pós-graduação não pela pesquisa, propriamente dita, mas para a obtenção de alguma vantagem seja pecuniária, seja pela promoção no trabalho, este fato é considerável porque ao se qualificar o sujeito busca valorização profissional, o que permite uma adequação da remuneração ao seu atual currículo, assim como é descrito nas falas que seguem: “*A carreira acadêmica, progressão funcional, acréscimo de salário*” (EG 4), “*Tiveram duas motivações, a primeira foi de razão pessoal, pois me sinto bem no meio acadêmico era um sonho que vinha correndo atrás e a outra de ordem financeira, pois as Instituições de Ensino Superior (IES) tem plano de cargos e carreira que contempla os servidores que tem uma melhor qualificação*” (EG 24), “*Ter condições de melhorar o salário caso fosse aprovado em concurso de instituição federal (Motivação concretizada)*” (EG 31), portanto tem-se que a possibilidade de vantagem funcional também é um aspecto motivador, o que pode ocasionar uma frustração aos que se enveredam no mundo acadêmico, mas que, certamente, produz uma sensação de dever cumprido ao término da pós-graduação.

A categoria “**satisfação pessoal**” está ligada ao gosto que o estudante tem pela educação, pelo ensino, pela leitura e que contribui significativamente para o bom desenvolvimento da pesquisa, haja vista que “É preciso [...] que o aluno goste do trabalho intelectual e que se dispunha a adquirir o gosto pela pesquisa [...]” (GONDIM; LIMA, 2006, p. 20), na fala do EG 24 fica claro essa vontade em realizar a pós-graduação “*[...] me sinto bem no meio acadêmico era um sonho que vinha correndo [...]*”, como na fala do EG 49 “*Com relação ‘a’ opção em seguir a vida acadêmica foi por satisfação pessoal [...]*”, e ainda mais evidente quando o EG 52 declara “*Um sonho! Um objetivo que tinha: terminar a graduação e estudar a pós na UFPB*”.

No que concerne à categoria “**qualidade do programa**” está em evidencia que as principais motivações para a realização da pós-graduação diz respeito às características próprias do PPGCI/UFPB, que ao longo de sua história, alcançou projeção nacional, além do desenvolvimento de várias pesquisas que ganharam reconhecimento no país como um dos egressos que recebeu o Prêmio Nacional de Dissertação em Ciência da Informação - 1º lugar - pela ANCIB no ano de 2009. Pode-se destacar a fala do EG 49 que afirma que suas motivações perpassam o quesito da qualidade do programa, mas também pela distância geográfica, deste

como seu estado “*Com relação à opção em seguir a vida acadêmica foi por satisfação pessoal, no tocante a escolha do PPGCI-UFPB foi pela proximidade com meu estado (Alagoas), pela qualidade Programa e por conhecer os textos do professores*”, além da fala do EG 8 “*O grande renome do Programa e dos docentes que nele atuam*”, que se insere em outra categoria “**corpo docente**”.

Dessa maneira, parece que esta categoria é de extrema importância, pois a qualidade do corpo docente de um programa é que faz com que ele tenha projeção nacional, e o PPGCI/UFPB conta com professores que além da qualificação tem suas publicações reconhecidas nacionalmente, assim destaca-se a fala do EG 6 “[...] *o nome de alguns professores com destaque nacional em produção científica e o Programa que estava reiniciando com vontade de dar certo*”, que percebeu a evidência do PPGCI/UFPB e procurou realizar a sua pós-graduação nesse programa, sendo esta a sua principal motivação.

Os sujeitos também ressaltam a qualidade do Programa e dos docentes que fazem seu quadro de professores alguns com fortes bases teóricas de repercussão nacional. O fato do PPGCI/UFPB ter uma evolução ascendente desde o seu credenciamento até os dias atuais contribuiu para que a consolidação do Programa, o que resultou numa avaliação positiva por parte da Comissão da CAPES responsável pela avaliação do PPGCI/UFPB, para o triênio 2007-2009.

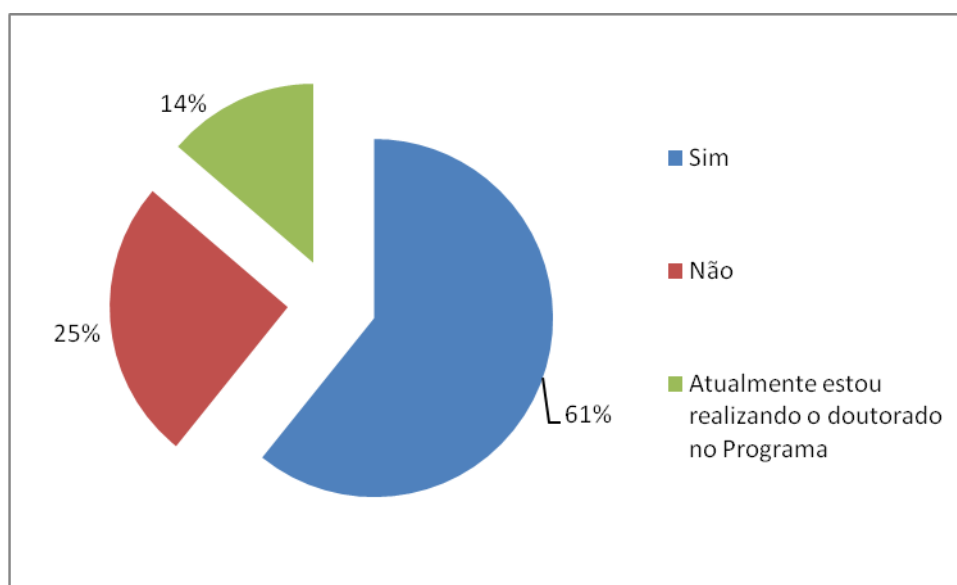
Observa-se uma boa inserção do Programa no contexto regional, expressa através do atendimento à demanda pela formação de recursos humanos qualificados na área de Ciência da Informação, assim como no tratamento sistemático das questões e temáticas relacionadas ao cenário da cultura nordestina. Em termos nacionais, o Programa começa a construir seus vínculos com a área do conhecimento a que está ligado, necessitando de algumas ações mais efetivas no sentido de consolidar sua presença acadêmica. Ressalta-se que uma das docentes do Programa assumiu a presidência da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB) no triênio 2008-2010. Paralelamente, o Programa organizou, no ano de 2009, o X ENANCIB – Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação, quando um de seus egressos obteve o Prêmio ANCIB de dissertações. (COORDENAÇÃO..., 2009, p. 9).

Essa avaliação contribui para elevação do conceito para 4, tendo em vista o esforço e as melhorias implantadas no primeiro triênio da avaliação após o credenciamento. Isso possibilitou o PPGCI/ UFPB alçar voos mais altos em busca

do doutorado, o que se efetiva em 2012 com a aprovação pelas CAPES e pelo CONSEPE/UFPB do doutorado no PPGCI/UFPB.

Com a abertura do curso de doutorado no PPGCI/UFPB foi questionado aos egressos se eles sentiam-se motivados para realizarem o doutoramento no Programa. O Gráfico 7 mostra que a maioria respondeu sim, 61% (31), enquanto que apenas 25% (13) responderam que não faria o doutorado no PPGCI/UFPB. Vale salientar que 14% (7) da amostra já se encontram realizando o doutorado no Programa.

Gráfico 7 – Disposição à realização do doutorado no PPGCI/ UFPB



Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

Os dados levam a entender que o Programa tem uma boa aceitação por parte dos egressos no que diz respeito à continuação dos estudos no doutorado.

É interessante perceber que dos egressos que responderam que não fariam o doutorado no Programa, 53,8% (7) são do sexo feminino, daqueles respondentes que estão realizando atualmente o doutorado no Programa, 71,4% (5) são do sexo feminino e 28,6% (2) do sexo masculino, ao passo que daqueles que certamente fariam o doutorado no PPGCI/ UFPB, 67,8% (21) são do sexo feminino e 32, 2% (10) masculino. Ou seja, uma predominância muito forte das mulheres na pós-graduação, tanto que se refere à realização do doutorado no mesmo Programa quanto à realização em outro programa.

Tabela 7 – Disposição à realização do doutorado no PPGCI/ UFPB por sexo

Sexo	Não		Sim		Está realizando o doutorado no PPGCI/UFPB	
	n	%	n	%	n	%
Masculino	6	46,2	10	32,2	2	28,6
Feminino	7	53,8	21	67,8	5	71,4
TOTAL	13	100,0	31	100,0	7	100,0

Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

Esta informação vai de encontro com os dados apresentados por Santos (2006) em seu estudo com os egressos da pós-graduação em Ciência da Informação da UFMG. Na ocasião o autor percebeu que 100,0% da sua amostra do sexo feminino não realizaria o doutorado no PPGCI/UFMG, e dos que estavam realizando na época 50,0% era do sexo masculino e 50,0% do feminino, da mesma forma que daqueles que afirmaram com certeza fariam o doutorado, 53,3% era do sexo masculino e 46,7% feminino.

Uma análise que pode ser feita deste fenômeno é que, apesar das circunstâncias culturais inerentes a cada região, seja no nordeste ou no sudeste, os sujeitos estão abertos a desbravar outros horizontes em busca de conhecimento, mesmo aqueles que preferem realizar o doutorado no mesmo Programa buscam conexões teóricas e até mesmo a possibilidade de realizar um sanduíche com outros programas do Brasil e do exterior.

Dentre os principais motivos elencados pelos egressos para cursarem o doutorado no PPGCI/UFPB está o fato do aperfeiçoamento profissional como pode ser observado na distribuição das falas dos egressos nas categorias a seguir, assim como elucidado pelo EG 32: “*A necessidade da qualificação profissional e pessoal com a agregação de conhecimento formativo inerente a linha formativa escolhida*”. Outra categoria que teve o mesmo destaque é a “viabilidade geográfica”, ou seja, os egressos preferem cursar o doutorado no PPGCI/UFPB pela facilidade de locomoção, como também por ser o programa de pós-graduação em CI mais próximo da residência: “*O motivo é a flexibilidade de cursar o Doutorado na minha cidade [...]*” (EG 33). Os egressos sentem a necessidade de aprofundar suas pesquisas iniciadas com o mestrado no doutorado, aproveitando o ensejo teórico.

Vale salientar ainda que a “qualidade do programa” e do “corpo docente” também estão no rol das categorias com mais frequência de respostas.

Os motivos foram classificados em sete categorias: aperfeiçoamento profissional; viabilidade geográfica; aprofundar temáticas abordadas no mestrado; qualidade do programa; corpo docente; identificação com a área; e identificação com o programa. Vale salientar que alguns respondentes apresentaram mais de uma motivação para cursarem o doutorado, nestes casos a resposta foi classificada em todas as categorias que a compreende.

Quanto à categoria “**aperfeiçoamento profissional**” os egressos consideram a necessidade de se capacitar, sobretudo, àqueles que estão no magistério superior, para esses a oportunidade de realizar o doutorado no PPGCI/UFPB traz para o seu currículo instrumentos que viabilizam sua qualificação e permitem atuar de maneira mais significativa na docência, desta forma o EG 20 destaca “*Crescimento pessoal e enriquecimento intelectual na área em que trabalho*”, nesta mesma perspectiva o EG 29 afirma que sua principal motivação está relacionada ao “[...] *fato da atualização constante e qualificação para adentrar na docência*”, assim sendo fica evidente que os egressos sentem-se motivados a realizarem o doutorado no PPGCI/UFPB tendo em vista a sua capacitação profissional, afinal esclarece Melo Filho (2011, p. 58) “[...] os profissionais que acompanham o processo evolutivo de sua atuação e, dos elementos que compõem a sociedade podem desenvolver novas habilidades e competências à medida que o mercado de trabalho vai exigindo alterações”, então os profissionais egressos precisam acompanhar as exigências do mercado para que sua atuação profissional se evidencie, seja na carreira acadêmica, seja na carreira profissional.

No que se refere à categoria “**viabilidade geográfica**” os sujeitos cogitam aspectos referentes ao deslocamento, alojamento, alimentação tudo que incide direta ou indiretamente na formação acadêmica. Portanto o EG 12 expressa que sua motivação é “*Por ser um bom programa de pós-graduação no Nordeste e pela viabilidade geográfica e financeira*”, da mesma forma que o EG 17 coloca “*Próximo do Estado onde resido*”. Desse modo, o EG 33 afirma o item flexibilidade como sendo uma motivação para cursar o doutorado no Programa: “*O motivo é a flexibilidade de cursar o Doutorado na minha cidade, e pela qualidade do corpo docente*”. Nesta assertiva infere-se que existe outrossim facilidade de atender as demandas intrínsecas ao processo de doutoramento. Também corrobora com esta

categoria o EG 25 que diz *“Porque é o programa mais perto de onde moro e tenho interesse em dar continuidade ‘a’ academia”*.

Na categoria **“aprofundar temáticas abordadas no mestrado”** fica evidente o anseio dos egressos em dar continuidade às suas pesquisas, aprofundando as temáticas trabalhadas no mestrado, principalmente porque podem manter-se nas mesmas linhas de pesquisas e eixos temáticos, assim como deixa claro o EG 7: *“Aprofundar a temática estudada na dissertação”*, o EG 10 afirma *“Mais uma vez, continuar ampliando meus conhecimentos científicos, dando ênfase à minha formação continuada e espero que seja na área de Estudo de Usuários da Informação”*, como também o EG 11 *“[...] pela identificação com o Programa e possibilidade de aprofundamento no objeto de estudo”*. Partilhando da mesma concepção, o EG 45 ressalta a necessidade de *“Continuação de minha especialização na área da informação e por trabalhar na área”*. Assim sendo, os egressos sentem-se motivados a cursarem o doutorado no PPGCI/UFPB, tendo vista o desejo de afunilar ainda mais as suas respectivas pesquisas iniciadas no mestrado, isso significa que os sujeitos seguem uma coerência científica procurando não abandonar os temas de origem, mas um mergulho necessário para o desenvolvimento científico.

No que tange a categoria **“qualidade do programa”** mais uma vez é ressaltado pelos egressos o destaque nacional que o PPGCI/UFPB tem em relação aos demais programas, assim justifica sua motivação o EG 44 *“Porque o PPGCI é um programa com excelente repercussão no cenário nacional”*, o EG 52 também corrobora com a opinião *“Os professores são capacitados e o programa é excelente”*, então assim como confirma o EG 8 *“O grande renome do Programa e dos docentes que nele atuam”*. O PPGCI/UFPB demonstra capacidade teórica para cumprir sua missão de formar mestres e doutores na CI capazes de promover o desenvolvimento da ciência.

Quanto à categoria **“corpo docente”** os sujeitos apresentam suas motivações relacionadas ao quadro de professores do PPGCI/UFPB que conforme já foi ressaltado oferece nomes com destaque nacional na área, assim como discorre o EG 24 *“Sempre tive como referência acadêmica diversos professores que fazem parte do PPGCI/UFPB, ou seja, antes mesmo de conhecê-los já lia os textos publicados por eles, fato que me deixou orgulhoso de tê-los como professores, além do mais o Programa em questão visibilidade”*, como também o EG 33 *“[...] pela*

qualidade do corpo docente”, assim fica evidente que àqueles sujeitos que se sentem motivados a cursarem o doutorado no Programa, possuem uma familiaridade com o corpo docente, o que se justifica por eles terem cursado o mestrado no PPGCI/UFPB.

Na categoria “**identificação com a área**” percebe-se uma dedicação maior por parte dos egressos, sobretudo no que se refere ao desempenho das suas pesquisas, pois a partir delas eles puderam conhecer melhor a CI e desenvolver o desejo de continuar a formação acadêmica no nível de doutorado, como afirma o EG 5 “*Gosto da área e quero investir mais na área acadêmica*”, da mesma forma que o EG 4 coloca que sua motivação é “*Continuar na área da CI, com a qual me identifico*”, outros sujeitos puderam se familiarizar a partir de disciplinas ministradas no Programa como foi o caso do EG 11 “*Identifiquei com alguns aspectos da área, principalmente, os vinculados à Sociologia da Informação*”¹⁹.

No que se refere à categoria “**identificação com o programa**” tem-se os egressos destacaram que o Programa correspondeu as suas perspectivas teórico-metodológicas, então acreditam que no doutorado seria da mesma forma, como pode ser observado na fala do EG 6 “*Em certa medida, ele contemplou as minhas expectativas no mestrado. Acredito que no doutorado, não seria diferente*”, e na fala do EG 11 “*Sim, pela identificação com o Programa e possibilidade de aprofundamento no objeto de estudo*”. Portanto, percebe-se que o contato com o programa de pós-graduação, bem como o relacionamento que este tem com os seus alunos e ex-alunos são fatores decisivos na escolha sobre continuar desenvolvendo pesquisas neste ou naquele programa.

Para universalizar às respostas quanto às motivações dos egressos dos que não se sentem motivados a realizar o doutorado no Programa, estas também foram agrupadas em categorias, neste caso em apenas três: interesse/cursando por/em outro programa; razões pessoais; e inadequação à linha de pesquisa.

Quanto à categoria “**interesse/cursando por/em outro programa**” tem-se que o interesse dos egressos está em outro programa de pós-graduação, seja na área da CI, seja em outra área, além de alguns egressos que já estão realizando o doutorado em outro programa. Tal concepção fica evidente na fala do EG 40 “*Acho*

¹⁹ Apesar de fazer parte do antigo projeto político-pedagógico do PPGCI/UFPB a disciplina “Sociologia da Informação” só passou a ser ministrada no âmbito do Programa a partir do segundo semestre de 2012.

importante o contato com outras formações, outro posicionamento, etc. ‘Beber em outras fontes’ se faz necessário para amadurecimento científico”, a necessidade de encontro com outros pensamentos teóricos, na ótica dos egressos, para o EG 40 esse encontro produz um amadurecimento científico capaz de desenvolver os aspectos inerentes à pesquisa. Na fala do EG 47 “Como já conheço o corpo docente, gostaria de entrar em contato com outros pesquisadores e outras formas de pensamento”, percebe-se de maneira clara este desejo do egresso de ter contato com outros professores, assim como no discurso do EG 35 “Minha linha de pesquisa está eminentemente atrelada aos estudos em epistemologia, o que me instigou a buscar outros espaços de diálogos acadêmicos, visando ampliar os horizontes no âmbito dos estudos teórico-pragmáticos da informação e da CI. Ressalto que atualmente, estou cursando Doutorado em outra instituição (UFBA) e quando passei no Doutorado, ainda não havia o Doutorado em CI pela UFPB”, neste caso há de se levar em consideração o ano de abertura do curso de doutorado em CI na UFPB no segundo semestre de 2012 ocorreu o ingresso da primeira turma. Assim sendo, parece que os egressos incorporaram a possibilidade de ter outros contatos teóricos, experiências extramuros que favorece o amadurecimento científico.

No que se refere à categoria “**razões pessoais**” os egressos expressam por meio das suas falas os motivos em não cursar o doutorado no PPGCI/UFPB, isto se deve ao fato do egresso planejar sua carreira profissional em outro espaço geográfico, ou ainda por não querer mesmo adentrar no magistério, pelo menos não a princípio, como deixa claro o EG 26 “Acho que o doutorado se aplica a quem quer carreira acadêmica, o que não é meu caso. Não possuo interesse no ensino superior. Gosto de Pesquisa Científica, mas hoje no Brasil para você pesquisar tem que ser professor; essa dupla função não me agrada [...]”, bem como o EG 14 ver na possibilidade de realizar o doutorado conhecer outra cidade “Porque planejo ir para outra cidade [...]”, já na fala do EG 28 “Eu não faria por vários motivos que prefiro não comentar” percebe-se certa rispidez, talvez este egresso não tenha mantido uma boa relação acadêmica com o Programa e por isso tenha razões bastante particulares não para não comentar os reais motivos em não dar continuidade aos seus estudos no PPGCI/UFPB.

Na categoria “**inadequação à linha de pesquisa**” percebe-se que mesmo o egresso tendo a intenção em cursar o doutorado no Programa, este não logrou êxito nas seleções que participou daí justifica a não aprovação afirmando que “Por duas

tentativas não obtive êxito, talvez minha proposta atual de estudos não se ‘adeque’ mais ao programa” (EG 2), infere-se, portanto, que o egresso deposita na seleção, talvez, a sua falta de preparação para o processo seletivo, ou ainda a possibilidade de dar crédito a seleção e os seus instrumentos de pesquisa para o doutorado não estejam adequados à proposta do Programa, como bem ele demonstrou na sua fala.

Outra questão feita aos egressos diz respeito à continuidade ou não na linha de pesquisa caso viessem a cursar o doutorado PPGCI/UFPB, tem-se que a maioria, 88% (41) respondeu que continuaria na mesma linha de pesquisa, e apenas, 22% (12) respondeu que não continuaria na mesma linha de pesquisa.

Quanto aos que continuariam na mesma linha de pesquisa elencados pelos respondentes, 56,3% (19) disseram se identificar com a linha de pesquisa, 31,7% (13) afirmaram que, caso venham a realizar o doutorado no PPGCI/UFPB, querem dar continuidade às temáticas trabalhadas no mestrado, 9,8% (3) não mudariam de linha por questões de coerência temática, 7,3% (3) estão trabalhando dentro do eixo temático da linha de pesquisa, por isso acreditam que não seria conveniente mudar, 2,4% (1) não mudariam porque quer dar continuidade à orientação recebida quando do mestrado, outros 2,4% (1) não elencou o motivo, como pode ser observado na Tabela 8.

Tabela 8 – Motivação para a continuidade na linha de pesquisa, caso venha a realizar o doutorado no PPGCI/UFPB

Motivos	n	%
Identificação com a linha de pesquisa	19	46,3
Dar continuidade às temáticas trabalhadas no mestrado	13	31,7
Questões de coerência temática	4	9,8
Trabalha com os eixos temáticos da linha de pesquisa	3	7,3
Continuidade de orientação	1	2,4
Outros	1	2,4
TOTAL	41	100,0

Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

No que se refere aos que mudariam de linha pesquisa, 66,7% afirmaram que estão trabalhando com as temáticas da outra linha de pesquisa, 16,7% se identificam mais com a outra linha, percebe-se que com as leituras diversas

realizadas durante o mestrado, o campo de compreensão teórica abre-se para outras possibilidades de pesquisas o que faz com que alguns pesquisadores pensem e/ou mudem de linha de pesquisa, outros, 16,7% afirmaram que mudariam de linha, tendo em vista que o orientador no mestrado também mudou de linha, infere-se que essa mudança ocorrida pelo professor tenha sido feita pela proximidade temática e desdobramentos metodológicos da outra linha de pesquisa.

Tabela 9 – Motivação para mudar de linha de pesquisa, caso venha a cursar o doutorado no PPGCI/UFPB

Motivos	n	%
Trabalho com a temática da outra linha de pesquisa	4	66,7
Identifico com a outra linha de pesquisa	1	16,7
Orientador mudou de linha	1	16,7
TOTAL	6	100,0

Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

As motivações elencadas pelos egressos partem do princípio do reconhecimento da sua identidade enquanto pós-graduado, mestre em CI, que é relacionada às várias dimensões da memória na construção das identidades do grupo ao qual o sujeito está inserido. Destarte, compreende-se que a memória é um elemento constituinte da identidade social Pollak (1992) trata da relação entre memória e identidade social como fenômenos eminentemente relacionados à história, neste sentido destaca:

A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela também é um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (POLLAK, 1992, p. 204).

Então, quando os sujeitos retratam suas motivações em relação ao seu passado (quanto à realização do mestrado) e ao seu futuro (quanto à realização do doutorado) estão moldando sua identidade coletiva e individual a partir de um conjunto de representações com o qual estes indivíduos desenvolvem sua relação com o outro. Segundo Candau (2011, p. 50) “a memória coletiva, como a identidade da qual ela é o combustível, não existe se não diferentemente, em uma relação sempre mutável mantida com o outro”. Ou seja, a construção da identidade

intercepta a memória coletiva, tendo em vista que para a construção identitária é necessário um resgate histórico da memória.

Baseando-se neste contexto, pode-se destacar as principais motivações presentes no discurso dos egressos acerca da formação no PPGCI/UFPB. Entre elas está o aperfeiçoamento profissional tanto no que se refere ao curso de mestrado quanto à possibilidade de cursar o doutorado no Programa. Infere-se que com as novas formas de atuação profissional, bem como a inexorável ligação das tecnologias com as profissões, os profissionais buscam qualificar-se realizando a pós-graduação *lato sensu* e *stricto sensu*. Dessa forma, os profissionais podem atuar no mercado de trabalho com mais propriedade, e não só no mercado, mas nas universidades que exigem o “sangue” do seu corpo docente, principalmente no que tange a produção científica.

Ao debruçar o olhar sobre os egressos que tem a pretensão de realizar o doutorado no PPGCI/UFPB, percebe-se que 67,8% são mulheres, fato que comprova a maior presença das mulheres nas academias. Além disso, dos 61% de sujeitos que fariam o doutorado no Programa 88% continuariam na mesma linha de pesquisa, haja vista o desejo de aprofundar às pesquisas do mestrado, bem como estes egressos têm identificação com as temáticas das linhas as quais foram vinculados durante o mestrado.

Evidentemente conhecidas as motivações dos egressos, pode-se entender as consequências dessas motivações como as avaliações positivas do PPGCI/UFPB por meio das agências regulamentadoras, o que certamente coloca o Programa entre os mais conceituados do Nordeste, e sempre visando melhorias na sua forma de atuação enquanto programa de pós-graduação.

7 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS EGRESSOS PPGCI/UFPB EM RELAÇÃO AO CURSO/PROGRAMA

No mundo social, ser é estar situado e situar-se num espaço diferenciado, ajustando-se aos seus próprios e possíveis e a eles somente. (PINTO, 2000, p. 39).

A forma como o conhecimento é anunciado possibilita compreender, por meio das representações, a identidade de determinado grupo, isto porque “sempre que um conhecimento é expresso, é por determinada razão; ele nunca é desprovido de interesse” (MOSCOVICI, 2010, p. 28). Então, segundo a teoria das representações sociais, aquilo que o sujeito entende como sendo uma imagem de si mesmo provavelmente está de acordo com o pensamento coletivo sobre o grupo.

Neste sentido, buscou-se apreender as representações dos egressos em relação ao PPGCI/UFPB, arguindo os sujeitos sobre o conceito que eles atribuíam ao Programa, como também sugestões de como a atuação do PPGCI/UFPB pode ser melhorada, mas, sobretudo como eles avaliam a relação que têm com o PPGCI/UFPB e como essa relação pode ser melhorada. As respostas foram classificadas em categorias que possibilitam compreender melhor a relação entre os egressos e o Programa, além de permitir entender como se configura a identidade do egresso do PPGCI/UFPB.

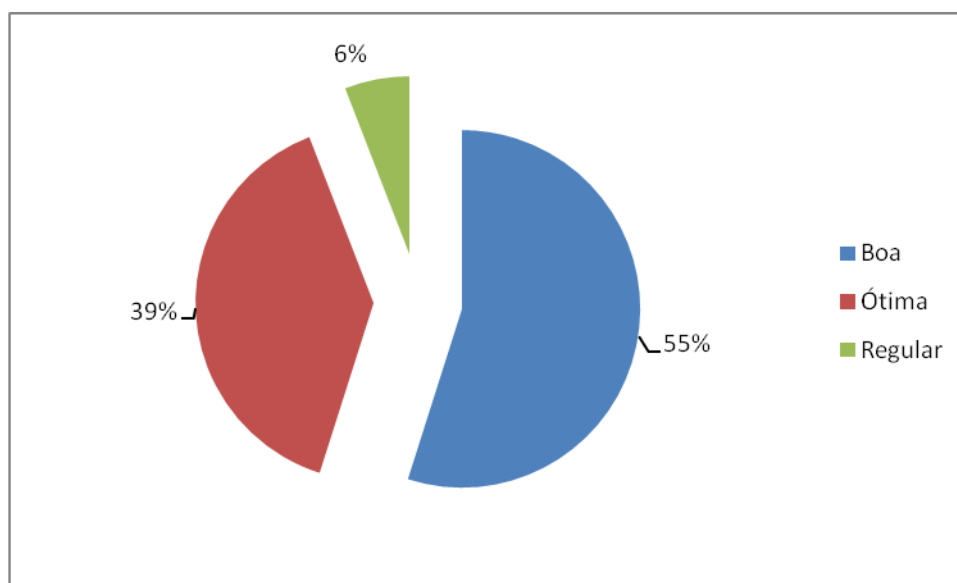
As opções constantes no questionário para a conceituação do Programa foram: ótima, boa, regular, ruim e péssima. Dessas, as duas últimas não registraram nenhuma frequência, enquanto que mais da metade dos respondentes 55% (28) disse que a formação foi boa, 39% (20) disseram que a formação foi ótima, e apenas 6% (3) afirmaram que a formação foi regular. Assim entende-se que o PPGCI/UFPB tem uma avaliação positiva por parte dos egressos, o que corrobora com as avaliações dos órgãos de fomento à pesquisa, que elevou o conceito do Programa para nota 4 (quatro), o que possibilitou o pleito para implantação do doutorado no PPGCI/UFPB.

Portanto é possível compreender que os esforços do corpo docente e discente do Programa refletem a sua inserção no campo social, como é destacado na avaliação do PPGCI/UFPB no triênio 2007-2009.

Observa-se uma boa inserção do Programa no contexto regional, expressa através do atendimento à demanda pela formação de

recursos humanos qualificados na área de Ciência da Informação, assim como no tratamento sistemático das questões e temáticas relacionadas ao cenário da cultura nordestina. Em termos nacionais, o Programa começa a construir seus vínculos com a área do conhecimento a que está ligado, necessitando de algumas ações mais efetivas no sentido de consolidar sua presença acadêmica. (COORDENAÇÃO..., 2009, p. 9).

Gráfico 8 - Conceito em relação à formação no PPGCI/UFPB



Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

Em continuidade buscou-se saber através do cruzamento de dados, como os egressos das duas linhas de pesquisa conceituaram a formação recebida no PPGCI/UFPB. Fato que chama atenção é que dos respondentes que conceituaram a formação como 'ótima', 50% são da linha MOAU e 50% da linha EGPI, enquanto que o maior percentual para o conceito 'boa' é dos egressos da linha MOAU, com 60,7% e a linha EGPI teve seu maior percentual de resposta no conceito 'regular', 66,7%, como pode ser observado na Tabela 10.

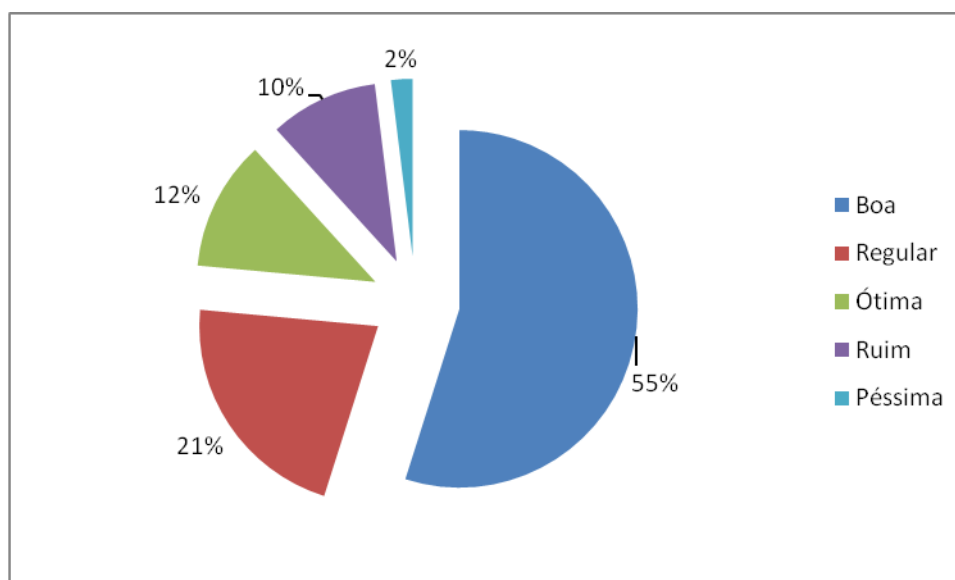
Tabela 10 – Relação entre linha de pesquisa e conceito quanto à formação recebida no PPGCI/UFPB

Linha de pesquisa	Conceito em relação à formação							
	Ótima		Boa		Regular		TOTAL	
	n	%	n	%	n	%	n	%
MOAU	10	50,0	17	60,7	1	33,3	28	54,9
EGPI	10	50,0	11	39,3	2	66,7	23	45,1
TOTAL	20	100,0	28	100,0	3	100,0	51	100,0

Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

Procurou-se ainda conhecer, sob a ótica dos egressos, qual o conceito que eles têm no que tange a relação entre o PPGCI/UFPB e os mesmos, isto é, se a relação que o Programa mantém com os egressos é considerada de boa qualidade, sob a ótica dos egressos. A maioria 55% disse que esta relação é boa, entretanto 21% a considera regular, fato que chama atenção, pois considerando os percentuais dos conceitos ‘regular’, ‘ruim’ e ‘péssimo’ somar-se-á 33% de insatisfação, enquanto que a soma dos percentuais ‘boa’ e ‘ótima’ equivale a 67%.

Gráfico 9 – Conceito quanto à relação entre o PPGCI/UFPB e os egressos



Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

Tem-se que a maioria dos egressos considera a relação do PPGCI/ UFPB com eles satisfatória, observando as respostas verifica-se que apesar da boa relação, na ótica dos egressos, há comentários críticos no que tange à comunicação do Programa com os seus egressos, talvez isso se deva a desatualização de dados

cadastrais, meio que permite um contato do Programa com seus egressos, como verificado quando da coleta de informações para envio dos questionários, onde muitos dos egressos mudaram de endereço eletrônico, o que inviabilizou a comunicação, sendo assim esta só ocorreu porque pôde-se acessar os egressos por meio das redes sociais, mais precisamente o *facebook*. Por outro lado, ao analisar o fato dos egressos avaliarem a relação do Programa com eles como satisfatório, não significa, necessariamente, que a relação acontece de maneira efetiva como a participação destes egressos nos eventos (oficinas, cursos, palestras, etc.) promovidos pelo PPGCI/UFPB.

Retomando a questão da percepção dos egressos no que se refere à formação recebida por eles no Programa, tem-se que apesar da qualidade da formação recebida no PPGCI/UFPB ser considerada boa pela maioria, em alguns casos surgiram colocações críticas quanto a alguns pontos da formação no curso. Acredita-se ser importante registrar e pautar os fragmentos discursivos, haja vista a própria contribuição destes para melhoria das políticas de formação do Programa. Desta forma, as frações foram retiradas das respostas constantes nos questionários, sendo destacadas as mais relevantes para a compreensão do processo avaliativo que ora se configurou a partir da ótica dos egressos. Contudo, 28% (14) respondentes não sugeriram contribuição para melhoria da atuação do PPGCI/UFPB, enquanto programa de pós-graduação, talvez os egressos não se sentissem à vontade para formular qualquer sugestão, como ressalta o EG 35:

Creio que após minha defesa de dissertação em maio de 2011, algumas questões foram aprimoradas no processo de atuação do PPGCI/UFPB como reformulação curricular e a efetivação do Doutorado. Mas como não tenho mais inserção direta no cotidiano do Programa há aproximadamente dois anos e meio não me sinto apto a indicar questões de melhoria da atuação do PPGCI. (EG 35)

Assim, mesmo na qualidade de egresso os respondentes se colocam à margem do processo representacional do qual faz parte que é de ex-alunos do PPGCI/UFPB e, por conseguinte não pode estar alheio a este processo formativo, pois mesmo não tendo contato direto com o Programa, não parece compreensível que os egressos não possam dar as sugestões, já que se enquadram na categoria de análise. Por outro lado, pode-se analisar ainda que o fato desses sujeitos não se sentirem à vontade para dar suas contribuições pode advir da falta de relação que

eles têm com o Programa. As outras respostas estão elencadas em seis categorias: investimentos em ensino e pesquisa; docentes; comunicação; infraestrutura física/tecnológica; programas de intercâmbio; e desburocratização administrativa.

Em relação à categoria **“investimentos em ensino e pesquisa”** os egressos colocam que o Programa deve investir mais nesses aspectos, apesar das avaliações positivas, os sujeitos sentem falta da aplicação das teorias abordadas em sala de aula, como é destacado na fala do EG 6 *“Acredito que o ensino e a pesquisa devem ser mais intensificados pelo Programa, no que diz respeito a teorias trabalhadas”*, assim como o desafio de enveredar por outras abordagens teóricas dentro das áreas afins *“É preciso estudar outras abordagens do campo como a dos estudiosos da sociedade em rede e tecnologia da informação”* (EG 13), os indivíduos sentem faltam ainda de atrelar as disciplinas com as linhas de pesquisas, com os eixos temáticos de cada linha, percebe-se então que os textos são abordados de maneira generalista sem levar em consideração as perspectivas das próprias linhas de pesquisa como ressalta o EG 12 *“Melhor aproveitamento das disciplinas obrigatórias do curso através da perspectiva genérica dos textos (relacionando ambas as linhas de pesquisa)”*, também subscreve o EG 15 a necessidade de condensamento de disciplinas, tendo em vista o tempo para composição de créditos e o melhor aproveitamento da disciplina *“[...] Mais disciplinas condensadas, como se observou no semestre 2013.1, com professores convidados ou da própria instituição: além de ajudar no alcance de uma grande quantidade de créditos [...]. Os artigos publicados poderiam ser contabilizados como créditos [...]. Cursos de curta duração podem atrair alunos de outros programas”*, o EG 44 diz que é importante criar espaços de discussão mais informais, onde os discentes possam colocar suas opiniões sem a preocupação de estarem sendo avaliados *“Com a criação de grupos para uma discussão mais informal sobre as questões da CI e da informação. Os egressos, os docentes e discentes precisam criar momentos de discussão onde o foco seja mais sobre a discussão do que sobre ao cumprimento das formalidades dos eventos”*. Esse espaço tem sido pensado pela coordenação do PPGCI/UFPB que no período 2013.2 criou o programa “Cesta científica²⁰” onde mestrandos e doutorandos podem discutir suas idéias com os professores a fim de esquematizar

²⁰ A Cesta Científica é uma atividade a ser realizada mensalmente com o objetivo de discutir, teoricamente, aspectos voltados para as linhas de pesquisa fortalecendo as tendências do Programa face ao cenário nacional.

seus pensamentos acerca da CI, em todos os seus segmentos, entretanto parece que este programa não está tendo a periodicidade que fora proposta inicialmente.

Outro ponto que chama atenção nessa categoria é a falta de estruturação das linhas pesquisas, o EG 47 afirma que o conteúdo programático da disciplina se resume em apenas um item, quando na verdade o conteúdo abarca vários outros aspectos da CI *“A linha de pesquisa memória talvez precise ser desmembrada, pois às vezes temos que ler livros que não nos acrescentam nada. A palavra memória é muito levada em consideração quando a linha também é organização, acesso e uso da informação. Tive que ler PAUL RICOEUR, mas esse autor não me acrescentou nada. Tive que ler mais de 15 textos numa disciplina e apenas um texto serviu de referencia para minha pesquisa [...]”*, com a reformulação da grade curricular do Programa para implantação do doutorado, esta situação já fora resolvida, pois a disciplina ora em questão passou a ser “memória e identidade” e os demais aspectos foram incorporados em outras disciplinas. O EG 48 sugere ao Programa uma seleção mais criteriosa, priorizando algumas formações acadêmicas em detrimento de outras, segundo ele essas áreas podem contribuir de maneira mais significativa para a CI, além de propor uma maior interação com os cursos da graduação a fim de permitir trocas de experiências e enriquecimento para ambas as partes *“Na própria seleção, deveria optar mais por bibliotecários, arquivistas, documentalistas e jornalistas que são áreas que podem contribuir mais com a CI em detrimento de outras áreas; A metodologia das aulas com textos clássicos para melhor compreensão da área; Maior divulgação e interação com outros Cursos de graduação (Biblioteconomia, Arquivologia, Museologia, Documentação e Jornalismo) do Nordeste a fim de proporcionar capacitação em nível regional”*, já o EG 52 afirma a importância da promoção de eventos no âmbito do PPGCI/UFPB *“Acredito que para deixá-lo ainda melhor seria programações como: seminários, palestrantes de outros programas, eventos científicos”*, dessa maneira os próprios alunos e egressos poderiam participar de maneira ativa contribuindo para as discussões na área.

Na categoria “**docentes**” o ponto mais crítico e ressaltado pelos egressos é o relacionamento entre os professores que acabam influenciando na vida acadêmica dos orientandos, esse ponto não aparece nas avaliações do Programa e parece que é o mais difícil de extinguir, pois a cada dia os professores massageiam seus egos com as produções científicas, com as participações em congressos internacionais e nacionais e o que acabam por massificar os pesquisadores neófitos, como descreve

o EG 2 “*Acho que a relação entre docentes não deveria ser transferida aos seus orientandos. Os discentes sofrem com as faíscas de discussões docentes que não podem se defender [...], se eles possuem um relacionamento conflituoso, isso não deveria atingir os orientandos alheios*”, assim também expressa o EG 28 “*Mudando a forma de bipolaridades e estrelismo dos professores doutores*”. Torna-se perceptível que a relação entre os docentes influencia na vida acadêmica dos discentes, principalmente porque os alunos precisam cursar disciplinas de outros professores, e alguns acabam por “despejar” nos orientandos a sua hostilidade com o orientador. Ainda no que se refere ao corpo docente foi mencionado também sobre a falta de flexibilidade por parte de alguns professores, sobretudo no que tange aos discentes que precisam conciliar o mestrado com o trabalho. Evidentemente, que boa parte dos mestrandos precisa dar continuidade aos seus estudos concomitantemente com sua carreira profissional. Este quesito perpassa outro ponto que é a falta de bolsas de pesquisas, para que o mestrando possa dedicar-se a ela exclusivamente. É compreensível também os discentes que, porventura, estejam em estágio probatório e não possam pedir afastamento para dedicar-se ao mestrado. Neste aspecto, vale apelar para o bom senso de ambas as partes, tanto do professor que ministra a disciplina, quanto do mestrando, principalmente no desempenho das atividades solicitadas.

Outro ponto suscitado pelos egressos está relacionado com a falta de acompanhamento dos orientadores nas orientações “*[...] melhor acompanhamento por parte de alguns professores, que na qualidade de orientadores, por vezes, eram omissos*” (EG 40), ou seja, os egressos colocam a necessidade da presença mais efetiva dos seus orientadores, no que concerne ao desenvolvimento das atividades acadêmicas, assim como define Gondin e Lima (2006) a orientação é uma relação social e precisa ser estruturada de maneira que corresponda às expectativas do orientador e do orientando:

[...] a orientação é uma relação social. Por conseguinte, depende, em parte, de fatores de ordem pessoal, ainda que seja verificada em um contexto institucionalizado. Por isso, não se deve ignorar aspectos relativos ao método e ao estilo de trabalho acadêmico no contexto específico da relação orientador-orientando, bem como as características de personalidade de ambos. (GONDIN; LIMA, 2006, p. 29-30).

Outras características citadas pelos egressos e que precisam estar na personalidade, não só dos professores, mas de qualquer ser humano são *“Ética, Imparcialidade, Profissionalismo. Revisão da forma de atuação com os bolsistas, em especial a participação atuante dos professores titulares no estágio docência”* (EG 9), dessa forma os professores são avaliados, por parte dos egressos, de maneira, pode-se dizer, regular, não pela falta de competência profissional, mas pela falta de peculiaridades inerentes a vida profissional de qualquer pessoa.

Em relação à categoria **“comunicação”** foi ressaltado pelos egressos como ponto a ser melhorado pelo Programa, falta um diálogo mais ativo, sobretudo na divulgação dos eventos programados, como as defesas de dissertação e/ou qualificações *“[...] Um ponto que poderia ser melhorado é a comunicação com relação à disponibilização de informações relacionadas às datas de qualificação e defesa das dissertações com tempo hábil”*. (EG 10). É válido ressaltar ainda a falta de contato com os egressos *“[...] uma maior proximidade com os que estão mais distantes, utilizando canais de comunicação como e-mail, SMS, entre outros, para aproximar e disseminar o que ocorre com o programa”*. (EG 29). Destarte, é importante compreender que o processo de comunicação corrobora para uma avaliação positiva do Programa, como preconiza Carvalho (2009) o acesso a informação é a mola propulsora da sociedade da informação, e somente disseminando informação que se poderá alcançar cidadania. O EG 39 destaca *“[...] Acredito que as informações de interesse aos estudantes e egressos devem ser ‘melhor’ divulgadas e com um prazo de antecedência viável para que os mesmos possam se programar e agendar para comparecer aos eventos e acompanhar melhor as informações em torno da área e da instituição”*, este ponto também foi destaque na avaliação da CAPES (COORDENAÇÃO..., 2009, p. 9, grifo nosso) **“A página do Programa oferece as informações básicas para sua visibilidade, de forma organizada e clara. Para atender ao item do documento de área faltam informações sobre os projetos de pesquisa, intercâmbios, publicações do Programa e recursos financeiros do curso”**, ou seja, o Programa precisa investir mais no seu sítio, não se concebe um programa que tem como campo empírico a informação ter uma página web desatualizada, ou faltando informações, o que certamente poderia contribuir com a divulgação da área, assim como no entendimento do EG 32 *“O que acho possível de melhorar seria no ponto de divulgação: fiquei apaixonado pela área, porém a descobri ‘ao acaso’ e percebi que só é possível manter-se ‘por dentro’*

se estiver muito perto”, fica evidente a falta de divulgação da CI para a sociedade, para o conhecimento de todos e isso só será possível quando os profissionais que a fazem se tornarem responsável para manter a comunicação, o que a CAPES denomina de inserção social, ou seja, inserir as pesquisas da CI no bojo da sociedade. Ademais os egressos da turma de 2011 tiveram alguns problemas em relação ao Comitê Ética da universidade, e isto foi levantado pelos egressos “*A atuação do PPGCI/UFPB poderia ter sido melhor em questões envolvendo o Comitê de Ética em Pesquisa da UFPB, no sentido de previamente esclarecer os alunos sobre a documentação necessária para a aprovação de projetos de pesquisa junto ao referido Comitê [...]*”, entretanto a mesma dificuldade não foi percebida por outros egressos que desenvolveram as pesquisas com seres humanos.

Quanto à categoria “**infraestrutura física/ tecnológica**” os egressos sentem e/ou sentiram falta de espaço onde os estudos pudessem ser desenvolvidos como sala de estudos, equipamentos de tecnologia de informação ou mesmo a oferta de disciplina na modalidade a distância, como destaca o EG 37 “*[...] poderia ser criadas disciplinas no ensino a distância, com plataformas amigáveis tipo moodle, para que os ex-discentes pudessem cursá-las como complementação da formação e até mesmo os discentes atuais pudessem ampliar sua grade, sem preocupa-se com choques de horários ou as distâncias geográficas, em vista que há muitos pós-graduandos provenientes de outros estados e/ou cidades*”, o EG 45 sugeriu como melhoria do Programa espaços para publicação das pesquisas “*Oferecendo canais para publicação de artigos de seus alunos*”, mesmo o Programa tendo um canal para publicação artigos²¹, por sinal muito reconhecimento na área da CI no Brasil e no Mundo, parece, de acordo com a fala do egresso, que há dificuldade na publicação de trabalhos dos alunos do programa, talvez possa ser pelo caráter endógeno como parte das políticas editoriais da revista, outra demanda por parte dos egressos é no que concerne aos recursos de tecnologia de informação, laboratórios de pesquisas “*[...] investimento em recursos de Tecnologia da Informação*” (EG 3), o que significa proporcionar aos alunos locais adequados para o

²¹ Informação & Sociedade: Estudos (I&S) é um periódico na área da Ciência da Informação vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba. I&S está avaliado na base de dados Qualis da CAPES como A1. É publicado ininterruptamente desde 1991 - quando foi criada pela UFPB, e foi um dos primeiros periódicos a ser publicado no Portal de Periódicos da UFPB. Atualmente, é uma das três revistas brasileiras da área de Ciência da Informação incluídas no *Journal Citation Reports (JCR Web)* do *Institute for Scientific Information (ISI Web of Knowledge)*.

desenvolvimento das pesquisas, como sugere o EG 15 *“Melhor infraestrutura para estudo no campus (uma queixa que se estende para toda a UFPB)”*.

No que se refere à categoria **“programas de intercâmbio”** é sempre uma necessidade para um programa de pós-graduação poder realizar parcerias com outros órgãos de ensino do país e do mundo, possibilitando aos seus alunos estudos além do horizonte teórico, alcançando experiências extramuros, conforme afirma o EG 4: *“Sim, sempre pode ser melhorada, talvez com mais diálogo com outras instituições, oferecendo programa de intercâmbio e ‘sanduíches’”*, já o EG 11 coloca a necessidade de trazer professores de outros programas para dar cursos, palestras e até ministrarem disciplinas no Programa *“Sim, abrindo à participação de professores, inclusive, de outros países ou mesmo abrindo a possibilidade de um curso do tipo sanduíche”*.

Na categoria **“desburocratização administrativa”** percebe-se que está atrelada ao desenvolvido da pesquisa no país a burocratização do serviço público, que atrapalha mais do que ajuda e é ressaltado pelos egressos *“[...] informações burocráticas serem transmitidas de maneira melhor, palestras, eventos, defesas, qualificações serem organizadas e divulgadas com mais antecedência para que os mestrandos possam se organizar melhor para participar desses momentos”* (EG 7), como a valorização dos alunos por parte do Programa é destaque na fala do EG 15 *“Menos legalismos e burocracia, e mais incentivo e valorização aos alunos que produzem pelo programa [...]”*.

É interessante ressaltar que estar inserido em grupo e fazer parte da memória desse grupo é construir sua identidade e a partir das representações desse grupo encontrar a si mesmo, de maneira que esse encontrar-se conduza a uma representação dentro do grupo social, assim sendo as indagações e posicionamentos inerentes ao sujeito produzem a identidade individual e coletiva. Como define Wagner (2000, p. 18), *“[...] representações sociais referem-se apenas objetos ou questões socialmente relevantes.”* Para Lahlou (1996, p. 159) quando um conjugado de elementos cognitivos está associado, isto se constitui de uma representação. E as representações sociais são as representações compartilhadas por um determinado grupo. Portanto, conforme Raudsepp (2005, p. 459), não somente isso:

As pessoas devem também ser capazes de relacionar uma representação social com sistemas de identidade de certos grupos [...] o processo de representação social requer um alto nível de competência social: é necessário ter uma visão de representações alternativas dentro de uma comunidade e da lógica de sua distribuição social. Somente com base nesse meta-conhecimento pode um indivíduo posicionar-se apropriadamente dentro de um campo representacional.

Destarte, nesta categoria parece estar claro quanto às características que especificam as representações sociais propostas por Moscovici (1978), primeiro no que se refere à funcionalidade, na elaboração de comportamentos que tangem os conceitos que os egressos têm do PPGCI/UFPB, sobretudo porque a interação social dos sujeitos viabiliza a comunicação e organização desses comportamentos, segundo quanto ao caráter performativo das representações que interpretam a realidade em que os sujeitos estão inseridos, organizando as relações do indivíduo com o mundo, orientando suas condutas e seus comportamentos no meio social, principalmente porque permite a interiorização das experiências vividas, cujas práticas sociais e os parâmetros de conduta se apropriam de objetos socializados, como é o caso da formação acadêmica.

Por conseguinte, os sujeitos puderam sugerir ações para melhoria da relação entre o Programa e os mesmos, essas ações permitem uma aproximação com os egressos no que tange ao desenvolvimento de atividades e continuidade da formação acadêmica, mesmo distante fisicamente.

Tabela 11 – Sugestões para melhoria da relação PPGCI/UFPB e egressos

Sugestões	n	%
Canal de comunicação	17	33
Realização de eventos (palestras, cursos de reciclagem, etc.)	9	18
Melhorias nos processos administrativos (atendimento, diálogo, flexibilidade)	8	16
Criação de Núcleos de pesquisas	2	4
Incentivo à publicação	1	2
Reavaliar processo de orientação	1	2
NR	13	25
TOTAL	51	100

Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

Pode-se observar que uma pauta bastante recorrente para os que se foram é quanto ao canal de comunicação, 33% (17) dos respondentes sentem falta de um veículo em que o PPGCI/UFPB possa manter uma ligação permanente com os seus ex-alunos, como destaca o EG 2 que sinaliza uma deficiência das universidades ao “desligar-se” de seus alunos após a graduação:

*[...] sugiro a manutenção de um canal ativo de comunicação, com forte atuação vinda do PPGCI para o egresso. Saber de sua vida profissional, promover encontros de turmas, manter um banco de produções deles, jamais perde-los de vista, **não deixar que eles se mudem para um não-lugar**. A universidade como um todo, peca nesse quesito, em graduação (falo por conhecimento de fim de pesquisa realizada por um grupo do qual faço parte) a IFES costuma desligar-se de seus egressos quando o diploma é entregue. Parece-me que na pós, também! (EG 2).*

O EG 2 ressalta ainda a importância de não deixar que os egressos se “mudem” para um “não-lugar”, esta afirmação parece um tanto quanto peculiar, pois na qualidade de ex-aluno o EG2 se coloca com ator que se percebe morando em um “não-lugar”.

Não obstante, essa representação parece configurar um cenário onde os diferentes contextos e segmentos em que os egressos estão inseridos convergem para um mesmo horizonte, um caminho delineado a partir de suas escolhas, das concepções que adquiriram após a conclusão do mestrado, é o que mostra Jodelet (1988, p. 358-359) a representação como uma forma de conhecimento social, percebida em diversos conjuntos, como, por exemplo, o resultado da elaboração de uma coletividade sobre um determinado tema ou problema, no caso sobre a atuação do PPGCI/UFPB. Neste sentido, o que Jodelet (1988, p. 360) reafirma é que representações são um modo de apreender o senso comum, um método para conhecer o outro.

Concomitantemente, Cardoso (2000, p. 34), parece compartilhar dessa definição, ao considerar que

[...] os seres humanos tendem, individualmente ou em grupo, a efetuar escolhas que orientem suas ações em dada situação ou conjuntura, mais freqüentemente em razão de representações socialmente difundidas do que de características objetivas dos referentes (objetos) a que essas representações remetem.

Do ponto de vista das representações sociais essa afirmação parece corroborar com a (re) construção da trajetória profissional dos egressos, haja vista as consequências das ações individuais sobre o grupo do qual os sujeitos participam, bem como dos diversos grupos sociais nos quais cada indivíduo está inserido.

Esse canal de comunicação almejado pelos egressos é oportuno do ponto de vista da viabilidade acadêmica que insere os sujeitos no processo de projeção profissional, enquanto mestre em ciência da informação e participe do desenvolvimento da sociedade da informação. Outro ponto mencionado pelos respondentes, ainda dentro da comunicação, foi a respeito do *site* do PPGCI/UFPB, sabendo que a CI aborda as questões de tecnologia da informação e, por conseguinte, da arquitetura da informação, inclusive o PPGCI/UFPB em uma das suas linhas de pesquisa tem o eixo temático voltado para arquitetura da informação, os egressos sentem falta da prática das teorias abordadas na disciplina como forma de melhoria do *site*, algumas informações estão desatualizadas, a exemplo, do repositório, como destaca o EG 24 *“Melhorar o site. Ele não arquiva as informações antigas nem oferece um mecanismo de busca adequado e as dissertações defendidas demoram a ficarem disponíveis no repositório”*.

A realização de eventos também obteve uma frequência considerável 18% (9) em relação ao canal de comunicação. A promoção de eventos é uma maneira de trazer os egressos para perto, inclusive na condição de colaboradores, como palestrantes, facilitadores de oficinas, principalmente porque dessa forma eles podem se preparar para um possível doutorado. Neste aspecto, os respondentes sentem falta dessa proximidade com Programa, por isso acreditam na necessidade de promover esses eventos.

Mantivesse atualizado um canal de comunicação efetivo que funcionasse constantemente, divulgando eventos e encontros e, principalmente, pensando na participação efetiva dos egressos com horários adequados aos que trabalham (noturno ou nos finais de semana) e com participação deles em apresentações, banners, composição de mesas, etc. Assim ajudá-los-ia a manter o contato com a academia, desenvolvendo o currículo e municiando-os para eventual entrada e continuidade dos estudos no doutorado. (EG 32).

Embora o PPGCI/UFPB tenha avançado em todos os aspectos, haja vista a abertura do doutorado em 2012, as avaliações positivas por meio dos órgãos de fomento, ainda há um longo caminho a percorrer sempre buscando melhoria contínua. Na percepção dos egressos precisa haver uma maior clareza quanto aos processos administrativos, este item obteve um índice de 16% (8) o que contribui para uma análise mais acurada é a falta de diálogo, na ótica dos egressos, *“Sempre o diálogo”* (EG 4), a pouca relação que o Programa mantém com seus ex-alunos *“Melhorar o relacionamento com os egressos quando necessitam de documentos do programa”* (EG 30).

Além dos pontos destacados, merecem atenção os pontos que obtiveram menor frequência *“criação de núcleos de pesquisa”* 4% (2); *“incentivo à publicação”* 2% (1); e *“reavaliar o processo de orientação”* 2% (1).

Quanto à criação de núcleos de pesquisas os sujeitos sentem a necessidade de espaços onde possam discutir temas e realizar as pesquisas a partir das suas experiências dentro e fora da sala de aula, como também diálogo com a sociedade, onde as pesquisas são realizadas e transformadas em mecanismo de promoção da cidadania.

[...] o PPGCI deveria ter Núcleos de pesquisas! NÚCLEO é um elemento desconhecido pelos professores, uma pena! Muitas Universidades no Brasil ganharam seu reconhecimento através do debate proporcionado pelos Núcleos de Pesquisa. O CNPQ deveria ser mais rigoroso na organização e acompanhamento dos grupos de pesquisa. Os grupos deveriam se comunicar com a sociedade! [...] (EG 26).

Mesmo observando que todos os professores do PPGCI/UFPB possuem seus respectivos grupos de pesquisas e/ou participam de outros, fica evidente na fala no EG 26 que os grupos de pesquisas não têm uma participação ativa na sociedade, como preconiza Saravecic (1996, p. 42) *“a CI é uma participante ativa e deliberada na evolução da sociedade da informação”*, para tanto precisam estar inseridos e abrir as suas *“portas”* à participação do corpo discente.

No que se refere ao incentivo à publicação, pode-se observar que apesar da fala dos egressos, *“[...] Valorização mais ampla de pesquisas [...] pelo incentivo a publicação de livros, o que seria uma dinâmica produtiva para os egressos e a imagem do próprio PPGCI/UFPB [...]”* (EG 35), na verdade apenas um fez essa

sugestão, o Programa tem sua política de incentivo à publicação das pesquisas, seja nos eventos, em periódicos ou mesmo em formato de livros, infere-se que à medida que na época em que o EG 35 cursava o mestrado talvez a política fosse menos evidente, o que contribui para a sugestão. Entretanto, é sempre válido ressaltar a necessidade de contribuir com a sociedade científica através das pesquisas desenvolvidas e assim corroborando com Wersig (1993) colocando que a preocupação da CI deve ser os seres humanos e como estes usam e/ou compreendem o conhecimento.

A respeito da reavaliação do processo de orientação parece ser uma questão bastante pontual, pois apenas um egresso mencionou essa sugestão.

[...] PPGCI reavalie o processo de orientação, pois é muito falho. entramos com o sonho de sermos orientados, mas apenas alguns poucos conseguem ter uma relação satisfatória de orientação. Os professores orientadores estão sempre muito ocupados ou acumulam muitas outras funções na academia, o que prejudica o processo de orientação. (EG 47).

Porém há de se levar em consideração o quanto as agências de fomento exigem dos docentes, principalmente os que atuam na pós-graduação, levando-os a assumir diversas funções e atribuições, o que certamente pode contribuir para falhas durante o processo de orientação, entretanto conforme assevera Gondim e Lima (2006, p. 26) o orientador é “[...] mentor intelectual do aluno e especialista em seu tema, além de conselheiro e editor”, talvez a grande carga de atividades dos docentes faça com que prejudique essa relação com o orientando.

O conjunto de dados apresentados forma as representações que os egressos têm em relação ao PPGCI/UFPB. É fácil então perceber que “a história de vida de cada indivíduo faz parte, assim, de uma história mais geral” que ora está associado ao coletivo, ora está dissociado, contudo é arquitetado no “complexo e permanente fluxo de relações entre as memórias que forja o todo o social, a ancoragem para a construção contínua e comum da experiência matéria”, que é ao mesmo tempo pessoal e coletiva (PIERUCCINI; PERROTTI, 2010, p. 6).

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma das principais marcas da ciência é saber que a verdade por ela encontrada só é válida até que outra pesquisa proponha nova luz e nova leitura para o problema em questão, instaurando assim, uma nova verdade face à realidade. (SANTOS, 2006, p. 217).

O campo da CI, preocupado em responder aos problemas relacionados à informação, se propôs a buscar meios que respondesse satisfatoriamente aos questionamentos suscitados pela sociedade. A conjuntura atual desta sociedade concorre para a massificação do conhecimento. A velocidade com que a informação é disseminada surpreende a cada instante, pois este processo provoca uma ruptura nas formas tradicionais com que as informações eram organizadas. A partir deste contexto os profissionais procuraram cada vez mais se capacitar para enfrentar as mudanças ocorridas na sociedade. A busca pela formação acadêmica impulsionou o aumento no número de sujeitos que fizeram a pós-graduação nos últimos anos.

Então tendo como foco os egressos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFPB, percebeu-se, através dos dados, que diversas questões puderam ser visualizadas no que se refere aos aspectos da trajetória profissional, ao perfil e as representações sociais dos egressos.

Assim sendo, a pesquisa conseguiu atingir os objetivos propostos, e que outros questionamentos puderam ser suscitados a partir das falas dos sujeitos, certamente poderão ser aproveitados em outras pesquisas, além disso, percebe-se ainda que os dados levantados para o desenvolvimento do estudo poderão ser utilizados sob outra perspectiva, como a apreensão da identidade do egresso, sobretudo porque entende-se que as representações sociais são fruto de um processo histórico e que nesse processo histórico é também construída a identidade do grupo. Mesmo que em alguns casos os dados apontassem para um aprofundamento maior a pesquisa se deteve aos seus objetivos, deixando claro que tal aprofundamento poderá ser dado em outros estudos que também tenham os egressos como categoria de análise. Neste sentido vale a pena retomar os objetivos da pesquisa para elencar os seus resultados.

Como objetivo geral tem-se: descrever a trajetória profissional e as representações sociais dos egressos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFPB em relação ao curso, para alcançar este objetivo foi

necessário se debruçar sobre o universo dos egressos trazendo para o cerne da pesquisa as suas falas, as inquietações presentes na atuação profissional. Desta forma, os capítulos que trouxeram, fundamentalmente, os dados da pesquisa contemplaram a trajetória e as representações sociais dos egressos, seja em forma de gráficos, quadros, e tabelas, ou ainda na própria fala dos sujeitos que agregaram valor às análises.

Os dados analisados demonstraram o nível de envolvimento dos sujeitos com o campo da CI, bem como as contribuições que a pós-graduação trouxe para vida profissional do egresso. A junção dos números e das palavras foi bastante pontual e possibilitaram um bom entendimento dos objetivos colocados inicialmente.

O desmembramento do objetivo geral encadeou quatro objetivos específicos que retomados ajudarão na compreensão das perspectivas teórico-metodológicas da pesquisa.

O primeiro objetivo específico “*traçar o perfil socioeconômico e cultural dos egressos do PPGCI/UFPB*” se refere aos dados que fotografam os egressos e revelam quem são os sujeitos da pesquisa e o que estão fazendo.

Desta forma, o perfil do egresso é caracterizado sob a ótica das representações sociais, entendendo que “[...] representações tão concretas quanto aquelas que o indivíduo pode ter do seu meio social: elas correspondem à maneira pela qual esse ser especial, que é a sociedade, pensa as coisas de sua própria experiência” (DURKHEIM, 1989, p. 513), assim sendo, os egressos do PPGCI/UFPB estão inseridos no meio da sociedade e se configuram como um sujeito social, que está buscando a formação acadêmica no âmbito da CI, essa busca vai além das barreiras geográficas, pois mesmo realizando o mestrado na cidade de origem, como é o caso de 37%, eles buscam espaços em nível nacional e internacional, infere-se que suas pesquisas alcançam visibilidade, tendo em vista o grande renome do Programa, bem como as possibilidades de publicações nos periódicos da área.

O retrato que pode ser tirado do egresso é que este sujeito é uma mulher (65%), parda (37%), solteira (43%, natural de João Pessoa (37%), a região nordeste apresentou o maior índice de egressos naturais (84%), vale salientar que no período estudado os sujeitos poderiam cursar a pós-graduação *stricto sensu* em outros estados, mas preferiram o PPGCI/ UFPB. Percebe-se ainda que este egresso com formação básica a biblioteconomia (56,90%), bem como especialização também em

biblioteconomia (12,5%), durante o curso do mestrado este sujeito residiu em João Pessoa (72%). Desta forma está caracterizado o perfil do egresso do PPGCI/ UFPB.

Os dados apresentaram ainda que após a formação os egressos se inseriram ou já estavam inseridos na CI. Tem-se que 90% dos sujeitos que concluíram o mestrado no PPGCI/ UFPB estão exercendo atividade remunerada, dos quais 96% em áreas relacionadas com a Ciência da Informação no campo técnico e/ou acadêmica, as principais áreas de envolvimento dos egressos são: biblioteconomia, arquivologia, tecnologia da informação, comunicação e gestão de informação.

O segundo objetivo específico “*(re) construir a trajetória profissional dos egressos do PPGCI/ UFPB*”, concerne em entender como se deu a trajetória de vida profissional dos sujeitos, seus desafios e anseios enquanto profissionais mestres em ciência da informação.

Neste sentido, considerando o *status quo* dos sujeitos, bem como a carga intelectual adquirida durante o processo de formação pode-se dizer que o egresso teve uma trajetória profissional bem sucedida, onde 76% estão inseridos na área da CI, relacionando os conhecimentos teóricos com a prática profissional.

A carreira profissional do egresso PPGCI/UFPB perpassa as condições de sua formação acadêmica, configurando-se como um sujeito que levou em média de 21 a 24 meses para concluir o mestrado, estando dentro dos padrões exigidos pelas agências reguladoras. A maior parte dos egressos estava inserida na linha MOAU, este fato justifica-se pela quantidade de professores vinculados a esta linha de pesquisa, mais da metade dos sujeitos (55%) não obtiveram financiamento para as suas pesquisas, isso se deve também ao fato da grande parte (76%) ter ingressado no mestrado trabalhando, seja como funcionário público, seja em empresa privada, os que trabalhavam 38,5 atuavam como bibliotecários, visto que a graduação da maioria dos egressos seu em biblioteconomia, outros ainda 20,5% atuavam como docentes do ensino superior, 74% das bolsas recebidas pelos egressos foram financiadas pela CAPES, com tempo de duração médio de 12 meses, infere-se, portanto, que apesar da conclusão das pesquisas elas não obtiveram apoio no que concerne aos recursos para o seu desenvolvimento, o que pode ter prejudicado o andamento dos estudos, pelo menos em partes.

É importante destacar que mesmo antes da formação acadêmica 76% dos egressos estavam inseridos na CI, sendo que 46,2 em atividades relacionadas à

arquivologia e/ou a biblioteconomia. Percebe-se então que a formação acadêmica contribuiu para o desenvolvimento profissional dos egressos, haja vista que este percentual aumentou para 96%, entre as áreas com maior inserção destacam-se a biblioteconomia, a arquivologia, docência, tecnologia da informação, comunicação e gestão da informação, desta forma fica evidente a capacidade dos egressos de transformar o seu conhecimento cognitivo em forças produtivas, como descreve Freire G. e Freire I. (2010, p. 63) “[...] a característica marcante da atual sociedade não seria apenas a apropriação da informação e do conhecimento pela sociedade, mas a transformação de ambos em forças produtivas”, assim extrapolando os limites da academia e inserindo na sociedade os conhecimentos adquiridos ao longo da formação.

Os egressos do PPGCI/ UFPB procuram relacionar a sua formação com a atuação profissional, neste sentido, mesmo o mestrado sendo acadêmico e tendo foco na formação de professores, muitos dos egressos direcionam as suas práticas para questões inerentes a informação, entendendo os problemas relacionados com a informação de forma prática, acrescenta-se aqui o caráter social da informação preconizado em Wersig (1993), Freire (2001), Pinheiro (2007) entre outros autores. Desta forma, os egressos podem atuar no entorno da CI compreendendo os aspectos interdisciplinares dessa ciência e possibilitando várias facetas de respostas aos problemas relacionados, pode-se dizer que, mesmo inconscientemente, os sujeitos adquirem a capacidade de contextualizar as adversidades apresentadas no seu campo de trabalho a partir de propostas teóricas da CI, assim eles estabelecem essa relação que pode ser estratégica, pode está relacionada às práticas docentes, às oportunidades de trabalho, e de pesquisas, na organização e recuperação da informação para o usuário. Assim sendo, entende-se o mestre em CI como um agente social que busca propor soluções práticas para os problemas relacionadas à informação/ conhecimento (WERSIG, 1993).

O terceiro objetivo específico “*identificar os principais motivos elencados pelos egressos para cursarem a pós-graduação no PPGCI/UFPB*” teve como foco perceber as principais motivações que levaram os sujeitos a escolherem o PPGCI/UFPB como local para realizarem a pós-graduação.

Desta forma, as principais motivações dos sujeitos estão relacionadas ao aperfeiçoamento profissional, a familiaridade com as temáticas da linha de pesquisa a qual estavam vinculados, o zelo pela área acadêmica, ou seja, o gosto pela

atividade docente, os egressos também se motivaram para permitir a progressão funcional, outros apenas pela satisfação pessoal na realização de um sonho, há os que escolheram o PPGCI pela qualidade do Programa e do corpo docente. Fica evidente que várias são as motivações dos sujeitos, mas todos buscando qualificação profissional, estar em contato com as temáticas da área para aqueles que são de origem das áreas afins.

Percebeu-se ainda que 61% dos egressos sentem-se motivados a cursarem o doutorado no PPGCI/UFPB, este fato mostra que o Programa tem boa aceitação por parte dos indivíduos que frequentaram as suas salas de aula. Assim as motivações para cursarem o doutorado estão ligadas ao aperfeiçoamento profissional, a viabilidade geográfica, ao desejo de aprofundar as temáticas abordadas no mestrado, bem como a qualidade do Programa e do seu corpo docente no âmbito regional e nacional, além da identificação com a área. Vale salientar que 14% dos egressos já estão cursando o doutorado no Programa. Os que afirmaram não ter interesse em realizar o doutorado no PPGCI/UFPB colocaram que já estão cursando e/ ou tem interesse em outro programa, por razões pessoais preferem não manter mais vínculo e inadequação à linha pesquisa. Dos que sentem-se motivados a fazer o doutorado no Programa, 88% disse que continuaria na mesma linha de pesquisa porque se identificam com as temáticas abordadas nas linhas, porque querem dar continuidade às pesquisas iniciadas no mestrado, por questões de coerência temática, por ter contato no trabalho com os eixos temáticos da linha, ou simplesmente porque deseja continuar com o mesmo orientador.

Entende-se, portanto, que a boa avaliação do PPGCI/UFPB por parte dos seus egressos é reflexo de uma política de melhoria que está sendo implantada no Programa desde o seu credenciamento, assim ele vem buscando sempre novos espaços, novos desafios que a fim de proporcionar aos alunos, professores, funcionários melhores condições de estudo e trabalho, a soma de todos esses fatores pode ser refletida nas avaliações positivas por meio dos órgãos de fomento e acarretou na implantação do doutorado em 2012, ainda assim há um longo caminho a percorrer em busca da excelência acadêmica.

O quarto e último objetivo específico *“apreender as representações dos egressos do PPGCI/UFPB em relação ao curso/ programa”* procurou-se entender o que pensam os egressos em relação ao PPGCI/UFPB a partir da teoria das representações sociais.

Assim sendo, constatou-se que 55,8% dos egressos consideram a formação do PPGCI/UFPB “boa”, além disso, a linha MOAU obteve seu maior percentual (60,7%) no conceito “boa”, já a linha EGPI obteve maior percentual (66,7%) no conceito “regular”. Neste sentido, fica evidente que apesar do conceito ter sido considerável em relação à formação, ainda há um longo caminho a percorrer. É bem verdade que muito se tem feito na busca por melhores condições acadêmicas, no ano de 2013 o PPGCI/ UFPB deu passos importantes em busca da excelência acadêmica houve o credenciamento de três (3) novos professores da UNIRIO, Unesp-Marília e da UFPB, como também a realização de várias atividades acadêmicas como workshop, oficinas, palestras trazendo para o âmbito do Programa a contribuição de professores de outras instituições do país.

Certamente, os eventos agregaram valor ao Programa e contribuíram para a formação dos seus alunos, entretanto há de se levar em consideração que nenhum dos egressos mencionou qualquer comunicação em relação aos eventos, nem os egressos mais recentes da turma de 2011, talvez, de fato haja uma falta de comunicação na relação do Programa com os egressos, mesmo esta tendo sido considerada “boa” (55%). A partir dessas e de outras necessidades os egressos sugeriram melhorias em diversos aspectos, no tocante à formação e na relação entre eles e o Programa.

No que concerne aos aspectos formativos às sugestões dos sujeitos corresponderam aos aspectos inerentes: ao ensino e pesquisa, aos docentes, a comunicação, a infraestrutura física e tecnológica, aos programas de intercâmbio e a desburocratização administrativa. É preciso, portanto, considerar todos esses fatos, considerando que eles têm consequências para as relações entre as pessoas, para as ações políticas, para as atitudes com respeito a outros grupos e para a experiência do dia a dia (MOSCOVICI, 2010).

No que se refere à relação entre os egressos e o Programa as sugestões dizem respeito à efetivação de um canal de comunicação que viabilize a divulgação dos eventos, neste sentido, vale destacar o site do PPGCI/UFPB que “clama” por uma alteração no seu *layout* onde possa conter instrumentos de pesquisas, canais adaptados com acessibilidade, divulgação nas dissertações com links para os currículos dos egressos, agenda das defesas de qualificação e das dissertações, *newsletter* enfim meios que concretizam a realização do processo de comunicação e que possam também divulgar a CI e o próprio PPGCI/ UFPB.

Outro ponto de sugestão dado pelos egressos concerne nos processos administrativos, acredita-se que, na ótica dos egressos, os processos administrativos são muito burocráticos e precisam ser desburocratizados, é compreensível que alguns aspectos necessitem mesmo de burocracia, principalmente porque se trata da preservação da memória institucional. Os egressos também colocaram a necessidade de disseminar melhor os núcleos de pesquisas e/ou criar centros de pesquisas onde possam ser discutidas e ampliadas as discussões nas salas de aula, como também incentivar as publicações em termos de artigos, livros e capítulos de livros. Outra fala que chama atenção é em relação ao processo de orientação, alguns egressos sentiram falta dos seus orientadores no trabalho intelectual, como participe na construção da pesquisa (GONDIM; LIMA, 2006), isso leva a crer a grande sobrecarga de trabalho dos professores acaba por dificultar a relação com os seus orientandos, ou ainda pode ser falta de traquejo do próprio orientador na condução do seu orientando no processo de pesquisa.

Ademais, o esforço empreendido na pesquisa em questão propõe, a partir das análises dos dados, algumas recomendações já destacadas, mas que precisam ser ressaltadas. Acredita-se, portanto, que esforços futuros poderão ajudar a compreender melhor o fenômeno estudado.

Quanto às recomendações, sugere-se que o PPGCI/UFPB, após reflexões de sua coordenação e corpo docente, crie um mecanismo de contato permanente com os egressos. Por exemplo: uma base de dados que mapeie melhor o perfil dos pós-graduandos, como experiência profissional, interesse pelo curso, expectativas. No sítio do Programa há um link para os currículos dos alunos atuais, mas após as defesas os egressos são substituídos pelos novos alunos e parece que este é o momento que é cortado o cordão umbilical e as informações sobre os ex-alunos não ficam mais disponíveis. É preciso se ter um canal de contato, a exemplo de outras instituições no país que em seus sítios disponibilizam informações sobre os egressos, principalmente porque este canal poderia ensejar uma base de currículos e competências dos profissionais na área da ciência da informação e que ora acabaram de se formar, certamente atendendo a várias demandas.

Sugere-se, ainda, que se crie um instrumento avaliativo, onde, após a defesa, os discentes possam analisar e avaliar o período formativo. Evidenciando, desta forma, através do ponto de vista daquele discente, os pontos positivos na formação, os pontos críticos, as lacunas em termos de disciplinas e de quadro

docente, as sugestões de melhorias possibilitando a busca pela tão sonhado excelência acadêmica.

Outra sugestão seria a realização de um seminário ao final do curso, onde os discentes pudessem expor suas inquietações e sugestões em relação à formação recebida. Isso, certamente, daria margem a discussões e reflexões conjuntas.

Quanto a pesquisas futuras, propõe estudos para mapear as atividades profissionais dos egressos, sobretudo, aquelas que não têm relação com a ciência da informação, pelo menos não a princípio, assim a composição dessas atividades poderia apontar as relações interdisciplinares da CI.

Propõe análise sobre a rede social estabelecida pelos egressos dos programas de pós-graduação em ciência da informação no Brasil. A metodologia de análise de redes sociais tem crescido bastante na CI e uma pesquisa desta natureza mostraria bastante oportuna para conhecimento das relações propostas pela CI em nível nacional.

Por fim, os próprios dados da presente pesquisa, através de outra perspectiva metodológica, cruzamentos e análises futuras, possam trazer novos olhares em relação ao estudo sobre os egressos do PPGCI/UFPB.

REFERÊNCIAS

- ABBOTT, A. **The system of professions**. Chicago: The University of Chicago Press, 1988.
- ALBUQUERQUE, C. M. G.; EL SOUKI, F. G. A prática docente: o ensinar e aprender. **Revista Lato & Sensu**, Belém, 2007.
- ALVES, E. C.; AQUINO, M. A. A pesquisa qualitativa: origens, desenvolvimento e utilização nas dissertações do PPGCI/UFPB - 2008 a 2012. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 22, p. 79-100, Número Especial, 2012.
- AQUINO, M. A. A responsabilidade ético-social como princípio de inclusão de negros (as) nas universidades públicas. In: AQUINO, M. A.; GARCIA, J. C. R. (Org.). **Responsabilidade ético-social das universidades públicas e a educação da população negra**. João Pessoa: Ed. Universitária da UFPB, 2011. p. 43-57.
- ARAÚJO, C. A. A. Correntes teóricas da ciência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 38, n. 3, p. 192-204, set./dez. 2009.
- ARAÚJO, E. A.; TENÓRIO, J. K. G.; FARIAS, S. N. **A produção de conhecimento na Ciência da Informação**: análise das dissertações no curso de mestrado em ciência da informação – CMCI/UFPB no período de 1997/2001. São Paulo: ECA/USP, 2003. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/nucleos/pc/artigo/eliany_enancib5.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2013.
- ARAÚJO, V. M. R. H. Informação: instrumento de dominação e de submissão. **Revista Ciência da Informação**, Brasília, v. 20, n. 1, p. 37-44, jan./jun. 1991.
- BARDIN, L. **L'analyse de contenu**. Paris: Quadrige, 1977.
- BARRETO, A. A. A condição da informação. **São Paulo em Perspectiva**. São Paulo, v. 16, n. 3, p. 67-74, jul./set. 2002.
- _____. O penúltimo trem já partiu e não embarcamos. **Datagramazero**, v. 6, n. 3, jun. 2005. Disponível em: <<http://www.dgz.org.br>>. Acesso em: 13 nov. 2013.
- BAUZER, R. Formação de Profissionais em Ciência da Informação. **Ci. Inf.**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 75-78, 1979.
- BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- BERGSON, H. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BILLIG, M. Social representation, objectivation and anchoring: a rhetorical analysis. **Social Behaviour**, v. 3, p. 1-16, 1988.

BOURDIEU, P. **O poder Simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

_____. Sobre o poder simbólico. In: _____. **O poder simbólico**. 7.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. p. 7-16.

_____. **O poder simbólico**. 9 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

BRASIL. CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO. **Parecer 977**, de 3 de dezembro de 1965.

BRASIL. Senado Federal. **Lei 8.112**, de 11 de dezembro de 1990. Dispõe sobre o regime jurídicos dos servidores públicos civis da União, das autarquias e das fundações públicas federais. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8112cons.htm>. Acesso em: 13 nov. 2013.

BRASIL. Ministério da educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Plano Nacional de Pós-Graduação – PNPG 2011-2020**. Brasília, DF: CAPES, 2010.

BRASIL. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e bases da Educação**. 7. ed. Brasília: SEEP, 2011.

BRITO, E. M. T.; LUCENA, J. L.; GARCIA, J. C. R. O curso de mestrado em biblioteconomia da universidade federal da Paraíba. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 1, n. 1, p. 73-78, jan./dez. 1991.

BUENO, S. **Minidicionário da língua portuguesa**. ed. rev. e atual. São Paulo: FTD, 1996.

CANDAU, J. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CÂNDIDO, C. A.; VALENTIM, M. L. P.; CONTANI, M. L. Gestão Estratégica da Informação: semiótica aplicada ao processo de tomada de decisão. **DataGramaZero**: Revista de Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v. 6, n. 3, jun. 2005.

CAPURRO, R.. Epistemologia e Ciência da Informação. IN: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais Eletrônicos...** Belo Horizonte: ENANCIB, 2003. Apresentação Oral. Disponível em: <http://www.capurro.de/enancib_p.htm>. Acesso em: 14 abr. 2012.

CARDOSO, C. F. Uma opinião sobre as representações sociais. In: CARDOSO, C.; MALERBA, J. (Org.). **Representações**: contribuições a um debate transdisciplinar. Campinas: Papirus, 2000. p. 9-39.

CARVALHO, K. Redes sociais: presença humana e a comunicação informação. In: POBLACIÓN, D. A.; MUGANAINI, R.; RAMOS, L. M. S. V. **Redes sociais e colaborativas**: em informação científica. São Paulo: Angellara Ed., 2009. 610p. cap. 4, p. 141-162.

CASTRO, M. I. C. **Contribuição dos egressos do programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação/UFBA para consolidação e visibilidade da Ciência da Informação.** 2008. 135f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Instituto de Ciência da Informação, UFBA, Salvador, 2008.

CHOO, C. W. **A organização do conhecimento:** como as organizações usam a informação para criar significados, construir conhecimento e tomar decisões. São Paulo: Editora Senac, 2003.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. **Ficha de avaliação de programa – Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação/UFPB.** Brasília, 2009. 11p.

COSTA, L. F.; RAMALHO, F. A.; SILVA, A. C. P. Pela (in) formação profissional: necessidades e perspectivas dos estudantes de graduação em Biblioteconomia/UFPB, em seu processo de conclusão. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 13, n. 2, p. 151-172, jul./dez. 2003.

COSTA, L. F. et al. A pós-graduação em ciência da informação na UFPB: entrevista com a professora Francisca Arruda Ramalho. **Informação & Sociedade: Estudos** João Pessoa, v. 19, n. 3, p. 147-155, set./dez. 2009.

DANTAS, F. Responsabilidade social e pós-graduação Brasil: idéias para (avali)ação. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, Brasília, v. 1, n. 2, p. 160-172, nov. 2004.

DESLANDES, S. F. A construção do projeto de pesquisa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 1994.

DOUTORES 2010: estudos da demografia da base técnico-científica brasileira. Brasília, DF: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, 2010.

DUKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa.** São Paulo: Edições Paulinas, 1989.

_____. **As formas elementares da vida religiosa.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FRANCO, Maria Laura P. B. **Análise de conteúdo.** 2. ed. Brasília: Liber Livro, 2007.

FREIRE, G; FREIRE, I. **Introdução à ciência da informação.** João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2010.

FREIRE, I. **A responsabilidade social da Ciência da Informação e/ou o olhar da consciência possível sobre o campo científico.** 2001. 166 f. Tese. (Doutorado em Ciência da Informação) - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

GATTI, B. A. Reflexão sobre os desafios da pós-graduação: novas perspectivas sociais, conhecimento e poder. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 18, p. 108-116, set./nov. 2001.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

GOMES, R. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.

GONDIM, L. M. P.; LIMA, J. C. **A pesquisa como artesanato intelectual**. São Carlos: EdUFSCAR, 2006.

HOYOS, P. J. El papel de la Universidad de egreso. **Jornal Institucional Universidad del Valle**: Síntesis, Santiago de Cali, Colômbia, 1998. Disponível em: <<http://sintesis.univali.edu.co/julho99/hoyos.html>>. Acesso em: 13 jun. 2013.

JODELET, D. La Representación Social: Fenómeno, Concepto e Teoria. In: MOSCOVICI, S. (Org.). **Psicologia Social**. Buenos Aires: Paidós, 1986.

JODELET, D. Représentations sociales: phénomènes, concepts et theorie. In: MOSCOVICI, S. (Ed.). **Psychologie social**. 2. ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1988. p. 357-378.

KESHAVARZ, H. Human information behavior and design, development and evaluation of information retrieval systems. **Program: electronic library and information systems**, Emerald, v. 42, n. 4, p. 391-401, 2008.

LAHLOU, S. The propagation of social representation. **Journal for the Theory of Social Behaviour**, v. 26, n. 2, p. 157-175, 1996.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Metodologia do trabalho científico**: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1992.

LE COADIC, Y. F. **A Ciência da Informação**. 2. ed. rev. e atual. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

MACHADO, A. S. **Acompanhamento de egressos**: caso CEFET-PR – unidade de Curitiba. 2001. 146 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1990.

MARKOVÁ, I. Towards na epistemology of social representations. **Journal for the Theory of Social Behaviour**, v. 26, n. 2, p. 177-196, 1996.

MELO FILHO, E. T. **Quem somos e o que pensamos?** os bibliotecários paraibanos da primeira década do século XXI e sua profissão. 2011. 71 f. Monografia (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, João Pessoa, 2011.

MERLEAU-PONTY, M. **La structure du comportement**. Paris: PUF, 1990.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994a.

_____. O Conceito de Representação Social na Sociologia Clássica. In: GUARESCHI, Pedrinho (Org.). **Textos em Representações Sociais**. Petrópolis: Vozes, 1994b.

_____. **O desafio do conhecimento**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. Construção dos instrumentos qualitativos e quantitativos. In: MINAYO, M. C. S. (Org.). **Avaliação por triangulação de métodos**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

MIRANDA, S. Como as necessidades de informação podem se relacionar com as competências informacionais. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 35, n. 3, p. 99-114, set./dez. 2006.

MOSCOVICI, S. **A Representação Social da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

NÓBREGA, S. M. Sobre a teoria das representações sociais. In: OLIVEIRA, Antônia S. M. (Org.) **Representações sociais: teoria e prática**. João Pessoa: Ed Universitária UFPB, 2001.

NORONHA, D. P. et al. Egressos dos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação: por onde anda os doutores? **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 94-107, maio/ago. 2009.

ODDONE, N. E. **Atividade editorial e ciência da informação: convergência epistemológica**. 1998. 226 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade de Brasília, Brasília, 1998.

_____. O IBBD e a informação científica: uma perspectiva histórica para a ciência da informação no Brasil. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 1, p. 45-56, jan./abr. 2006.

OLIVEIRA, E. B.; RODRIGUES, G. M. As concepções de memória na Ciência da Informação no Brasil: estudo preliminar sobre a ocorrência do tema na produção

científica. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9., 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP/ANCIB, 2008.

ORTIZ, R. (Org.). **Pierre Bourdieu: sociologia**. Tradução Paula Montero, Alícia Auzmendi. São Paulo: Ática, 1983. (Grandes cientistas sociais, v. 39).

PACHECO, L. M. S.. A informação enquanto artefato. **Informare: Cad. Prog. Pós-Grad. Ci. Inf.**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 20-24, jan./jun. 1995.

PAIVA, A. M. **Rumos e perspectivas do egresso do Programa de Pós-Graduação stricto-sensu em Educação PUC-Campinas - (1993-2004)**. 2004. 152 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2004.

PERRUSI, A.. **Imagens da Loucura: Representação Social da Doença Mental na Psiquiatria**. São Paulo: Cortez/ Recife: Editora da UFPE, 1995.

PIERUCCINI, I.; PERROTTI, E. Memória experiência e informação: a estação memória. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 11., 2010, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANCIB, 2010.

PINHEIRO FILHO, F. A noção de representação em Durkheim. **Lua Nova**, São Paulo, n. 61, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452004000100008>. Acesso em: 20 jan. 2013.

PINHEIRO, L. V. R. Cenário da pós-graduação em Ciência da Informação no Brasil, influências e tendências. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8., 2007, Salvador. **Anais...** Salvador: UFBA/ANCIB, 2007.

PINHEIRO, L. V. R.; LOUREIRO, J. M. M. Traçados e limites da ciência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 24, n. 1, p. 42-53, 1995.

PINTO, L. **Pierre Bourdieu e a teoria do mundo social**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

POLLAK, M. Identidade e memória social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

RAUDSEPP, M.. Why it is so difficult to understand the theory of social representations? **Culture & Psychology**, v. 11, n. 4, p. 455-468, 2005.

REIS, A. S. **A história da pós-graduação em biblioteconomia no Brasil: a interação texto/contexto**. 1990. 208 f. Dissertação (Mestrado em Administração de Bibliotecas) – Escola de Biblioteconomia da UFMG, Belo Horizonte, 1990.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1985.

ROBREDO, J. **Da ciência da informação revisitada aos sistemas humanos de informação**. Brasília: Thesaurus, 2003.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, P. B. **Metodologia da pesquisa**. 3. ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.

SANTOS, C. M. Os primeiros passos da pós-graduação no Brasil: a questão da dependência. **Ensaio**: avaliação, políticas públicas e educação, Rio de Janeiro, v. 10, n. 37, p. 479-492, out./dez. 2002.

SANTOS, J. S. **Atuação profissional e participação no desenvolvimento do campo científico em Ciência da Informação**: estudo dos egressos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFMG, 1992-2005. 2006. 270 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação da UFMG, Belo Horizonte, 2006.

SARACEVI, T. Ciência da Informação: origem, evolução e relações. **Perspectiva em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun. 1996.

SILVA, G. O. V. O impacto dos cursos do IBICT sobre a atividade profissional dos egressos. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 11, n. 2, p. 3-12, 1982.

SILVA, J. L. C.; FREIRE, G. H. A. Um olhar sobre a origem da Ciência da Informação: indícios embrionários para sua caracterização identitária. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, Florianópolis, v.17, n. 33, p.1-39, jan./abr. 2012.

SILVA, T. E. 30 anos da pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba. **Pesq. bras. Ci. Inf.**, Brasília, v. 2, n. 1, p. 29-37, jan./dez. 2009.

SOUZA JUNIOR, H. P. Acompanhamento de egressos. In: MACHADO, L. R. S.; FIDALGO, F. S. (Org.). **Dicionário de educação profissional**. Belo Horizonte: UFMG, 2000. p. 13-14

SOUZA, E. D. **A epistemologia interdisciplinar na Ciência da Informação**: dos indícios aos efeitos de sentido na consolidação do campo disciplinar. 2011. 346 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação, Belo Horizonte, 2011.

SOUZA, E. D.; DIAS, E. W. A integração disciplinar na ciência da informação: os não-ditos sobre essa familiar desconhecida. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 40, n. 2, p. 52-67, jan./abr. 2011.

SOUZA, F. C. A escola de biblioteconomia e ancoragem da profissão de bibliotecário. **Informação & Sociedade**: Estudos, João Pessoa, v. 11, n. 2, 2001.

_____. Ciência da informação no Brasil: o desenvolvimento da pesquisa e suas implicações na formação de mestres e doutores. **Informação & Sociedade**: Estudos, João Pessoa, v. 22, n. 1, p. 79-94, jan./abr. 2012.

SOUZA, T. B.; RIBEIRO, F. Os cursos de ciência da informação no Brasil e em Portugal: perspectivas diacrônicas. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 14, n. 1, p. 82 - 102, jul./jun. 2009.

TARAPANOFF, K. O profissional da Informação em áreas de ciência e tecnologia no Brasil: características e tendências. **Ciência da informação**, Brasília, v. 18, n. 2, p. 103-119, jul./ dez. 1989.

TARGINO, M. G. Praxis bibliotecária. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 7, n. 1, p. 26-33, jan. /dez. 1997.

TEIXEIRA, D. J.; OLIVEIRA, C. C. G.; FARIA, M. A.. Perfil dos egressos do Programa de Mestrado Profissional em Administração da PUC Minas/FDC no período de 2000 a 2005. **Revista Economia e Gestão**, Belo Horizonte, v. 8, n. 16, 2008. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/economiaegestao/article/view/178/174>>. Acesso em: 20 fev. 2013.

VALA, J. Representações Sociais: Para uma psicologia social do pensamento social. In: VALA, J.; MONTEIRO, M. B. (Orgs.). **Psicologia Social**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

VALENTIM, M.L.P. O moderno profissional da informação: formação e perspectiva profissional. **Enc. Bibli: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.**, Florianópolis, n. 9, p. 16-28, 2000.

VARELA, A.; CASTRO, M.; GUIMARÃES, I. B.. Ciência da informação: atuação profissional e as contribuições para o desenvolvimento do campo científico por parte dos egressos do PPGCI (ICI/UFBA). **Ci. Inf.**, Brasília, v. 37, n. 3, p. 76-87, set./dez. 2008.

VELLOSO, J. (Org.) **A pós-graduação no Brasil: formação e trabalho de mestres e doutores no país**. Brasília: CAPES, 2002. v. 1.

VIEIRA, A. S. V. A Pós-Graduação na EB/UFMG: memória e perspectivas. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 19, n. especial, p. 68-76, mar. 1990.

WAGNER, W. et al. Theory and method of social representations. **Asian Journal of Social Psychology**, v. 2, p. 95-125, 1999.

_____. Sócio-gênese e características das representações sociais. In: MOREIRA, Antonia Silva Paredes; OLIVEIRA, Denize Cristina de (Org.). **Estudos interdisciplinares de representação social**. 2. ed. Goiânia: AB, 2000. p. 3-25.

WALTER, M. T. M. T. **Bibliotecários no Brasil: representações da profissão**. 2008. 345f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Departamento de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

_____; BAPTISTA, S. G. A Força dos estereótipos na construção da imagem profissional dos bibliotecários. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v.17, n.3, p.27-38, set./dez. 2007.

WERSIG, G. Information science: the study of postmodern knowledge usage. **Information Processing Management**, v. 29, n. 2, p. 229-239, 1993.

ZEMAN, Jirí. Significado filosófico da noção de informação. In: **O Conceito de informação na Ciência Contemporânea**. Colóquios Filosóficos Internacionais de Royaumont. Tradução de Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970. (Coleção Cahiers de Royaumont)

APÊNDICES

APÊNDICE A – Requerimento de solicitação dos dados sobre os egressos do PPGCI/UFPB



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

Ilmo Sra

Profa Dra Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira

Coordenadora do Programa Pós-Graduação em Ciência da Informação

Universidade Federal da Paraíba

Eu, **Edilson Targino de Melo Filho**, discente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação desta Instituição, matrícula 2012101823, solicito uma relação com os nomes, telefones e e-mails dos egressos deste Programa que tiveram suas dissertações defendidas no período de 2008 a 2013.

Informo que tais informações são de extrema importância para o andamento da pesquisa "**OS EGRESSOS DO PPGCI/UFPB**: representações, perfil e trajetórias profissionais", vinculada à linha de pesquisa: Memória, organização, acesso e uso da informação, sob a orientação do Prof. Dr. Edvaldo Carvalho Alves deste egrégio Programa de Pós-Graduação.

Certo de contar com sua colaboração, antecipadamente agradeço.

João Pessoa, 28 de maio de 2013.

Edilson Targino de Melo Filho

Mestrando

Edvaldo Carvalho Alves

Orientador

Ratificado em 29/05/13
Profa. Dra. Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira
Assistente Administrativo PPGCI
Matrícula 510117

APÊNDICE B – Modelo de questionário aplicado com os sujeitos da pesquisa

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

QUESTIONÁRIO

Prezado (a) Sr.(a),

Este questionário destina-se a coleta de dados para a pesquisa de mestrado intitulada: *"Egressos do Programa de pós-graduação em Ciência da Informação da UFPB: representações, perfil e trajetórias profissionais"*. A pesquisa tem como objetivo investigar as características dos egressos do PPGCI/UFPB, no período de 2007-2013, nível mestrado, sob a orientação do Profº Dr Edvaldo Carvalho Alves. O questionário conta com questões objetivas e abertas, e será enviado para todos os egressos do referido período.

Para o pleno êxito da pesquisa os questionários devem ser devidamente preenchidos e reenviados, o mais rápido possível.

Informo-lhes que a referida coleta de dados tem o caráter eminentemente de subsídio à pesquisa de mestrado, não sendo portanto, nenhum tipo de avaliação, resguardando-se também, o anonimato dos participantes.

Conto com sua participação, pois a mesma é vital para o desenvolvimento da pesquisa.

Desde já agradeço pela colaboração

Edilson Targino de Melo Filho
Mestrando do PPGCI/UFPB
edilsondmelo@gmail.com

1. PERFIL DO EGRESSO

1.1 Sexo

☐ Masculino☐ Feminino

1.2 Cor da pele

☐ negro☐ pardo☐ branco☐ amarelo☐ indígena☐ outro

1.3. Estado civil

☐ casado☐ solteiro☐ separado☐ divorciado☐ união estável☐ outro Qual?

1.4 Local de Nascimento: Estado_____ Cidade_____

1.5 Local de moradia atual: Estado_____ Cidade_____

1.6 Local de moradia no período em que cursava o PPGCI/UFPB: Estado_____ Cidade_____

1.7 Graduado em:_____ Instituição_____ Ano:_____

1.8. Mês e ano de entrada no PPGCI/UFPB:_____/_____

1.9 Mes e ano da defesa da dissertação:_____/_____

1.10. Linha de Pesquisa:

☐ Memória, Organização, Acesso e Uso da Informação☐ Ética, Gestão e Políticas da Informação

1.11. Quando entrou no PPGCI, você trabalhava?

☐ Sim ☐ Não Em que?_____

1.11.1. Continuou a trabalhar durante o curso no PPGCI?

- () Sim Por que? _____
 () Não Por que? _____

1.12. Foi bolsista:

- () Sim
 () Não

1.12.1. Agência Financiadora:

- () CAPES
 () CNPq
 () REUNI
 () Outra: _____

1.12.1 Período de vigência da bolsa (mês e ano): ____ / ____ a ____ / ____

1.13. Você possuía alguma pós-graduação *lato sensu* antes de entrar no PPGCI?

- () Sim Qual? _____ Instituição: _____ Ano _____
 () Não

2. SOBRE A FORMAÇÃO NO PPGCI/ UFPB E SITUAÇÃO OCUPACIONAL ATUAL

2.1 Quais as motivações que o levou a realizar a pós-graduação no PPGCI/UFPB ?

2.2. Antes do ingresso no PPGCI você estava inserido de alguma forma na área de CI ?

- () Sim De que Forma? _____
 () Não

2.3. Você faria o doutorado no PPGCI/UFPB?

- () Sim
 () Não
 () atualmente estou realizando o doutorado no Programa

2.3.1. Caso tenha respondido "Sim" ou "não", quais o motivos para esta posição?

2.3.2. Caso fizesse o doutorado no PPGCI/UFPB, você continuaria na mesma linha de pesquisa?

- () Sim Por quê? _____
 () Não Por quê? _____

2.4 Em relação à formação recebida no PPGCI/UFPB, você a considera:

- ☐ ótima
- ☐ boa
- ☐ regular
- ☐ ruim
- ☐ péssima
- ☐ Não tenho opinião a respeito

2.5. Atualmente você está trabalhando?

- ☐ Sim Em que? _____ Tem relação com CI?
- ☐ Não

2.6 Você percebeu alguma relação entre a formação no PPGCI e sua atuação profissional?

- ☐ Sim Qual? _____
- ☐ Não

2.7 De que maneira você acredita que a atuação do PPGCI/UFPB pode ser melhorada?

2.8 Atualmente, como você avalia a relação entre o PPGCI/UFPB e os egressos?

- ☐ ótima
- ☐ boa
- ☐ regular
- ☐ ruim
- ☐ péssima
- ☐ não tenho opinião a respeito

2.9 Que sugestões você daria para que a relação do PPGCI com os egressos melhore?

APÊNDICE C – Carta de anuência do PPGCI/UFPB**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP****CARTA DE ANUÊNCIA**

Ilma Sra. Prof. Dra. M^a Elizabeth Baltar C. de Albuquerque
Vice-Coordenadora PPGCI-UFPB

Solicitamos autorização institucional para realização da pesquisa intitulada *OS EGRESSOS DO PPGCI/UFPB: representações, perfil e trajetórias profissionais* a ser realizada na Universidade Federal da Paraíba, pelo *aluno de pós-graduação nome Edilson Targino de Melo Filho*, sob orientação do *Prof. Dr Edvaldo Carvalho Alves*, com o seguinte objetivo: descrever a trajetória profissional e as representações sociais dos egressos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba em relação ao curso, necessitando portanto, ter acesso aos dados a serem colhidos no Programa de *Pós-Graduação em Ciência da Informação* da instituição. Ao mesmo tempo, pedimos autorização para que o nome desta instituição possa constar no relatório final bem como em futuras publicações na forma de artigo científico.

Ressaltamos que os dados coletados serão mantidos em absoluto sigilo de acordo com a Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS/MS) 196/96 que trata da Pesquisa envolvendo Seres Humanos. Salientamos ainda que tais dados sejam utilizados tão somente para realização deste estudo.

Na certeza de contarmos com a colaboração e empenho desta Diretoria, agradecemos antecipadamente a atenção, ficando à disposição para quaisquer esclarecimentos que se fizerem necessária.

João Pessoa, 07 de junho de 2013.

Edilson Targino de Melo Filho

Pesquisador Responsável do Projeto

☒ Concordamos com a solicitação

☐ Não concordamos com a solicitação

Profa Dra Maria Elizabeth Baltar C. de Albuquerque
Vice-Coordenadora PPGCI-UFPB

ANEXOS

ANEXO A – Declaração de realização do exame de qualificação

Universidade Federal da Paraíba
Centro de Ciências Sociais Aplicadas

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**DECLARAÇÃO**

Declaro para os devidos fins de comprovação que o mestrando **EDILSON TARGINO DE MELO FILHO**, matrícula nº 2012101823, realizou exame de qualificação do projeto de mestrado intitulado **“Egressos do PPGCI/UFPB: representações, perfil e trajetórias profissionais”**, no dia 30 de abril de 2013, tendo sido **aprovado**.


A banca Examinadora foi composta pelos seguintes professores: Dr. Edvaldo Carvalho Alves – PPGCI/UFPB (Presidente/Orientador); Dra. Maria da Vitória Barbosa Lima PPGCI/UFPB (Membro Examinador Interno), Dr. Adriano Azevedo Gomes de Leon PPGS/UFPB (Membro Examinador Externo), Dra. Mirian de Albuquerque Aquino PPGCI/UFPB (Suplente Interno), Dr. Charlinton José dos Santos Machado PPGE/UFPB (Suplente Externo).

Comprovando o teor dessa declaração assina a Professora Dra. Maria Elizabeth Baltar Carneiro de Albuquerque, vice-coordenadora do PPGCI/UFPB.


João Pessoa – PB, 16 de maio de 2013.

Prof.ª Dr.ª Elizabeth B. C. de Albuquerque
Vice-Coordenadora PPGCI-UFPB
Matr. SIAPE 0337145

ANEXO B – Certidão de homologação do resultado do exame de qualificação




UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO



CERTIDÃO

Certificamos que foi homologado na 19ª Reunião Extraordinária do Colegiado do Programa de Pós Graduação em Ciência da Informação, realizada no dia 24 de maio de 2013, o resultado do Exame de Qualificação do mestrando **EDILSON TARGINO DE MELO FILHO**, intitulado: **“Egressos do PPGCI/UFPB: representações, perfil e trajetórias profissionais”**. A banca examinadora foi composta pelos professores: Dr. Edvaldo Carvalho Alves – PPGCI/UFPB (Presidente/Orientador); Dra. Maria da Vitória Barbosa Lima – PPGCI/UFPB (Membro Examinador Interno), Dr. Adriano Azevedo Gomes de Leon – PPGS/UFPB (Membro Examinador Externo), Dra. Mirian de Albuquerque Aquino – PPGCI/UFPB (Suplente Interno), Dr. Charlinton José dos Santos Machado – PPGE/UFPB (Suplente Externo). O exame de qualificação ocorreu no dia trinta de abril de dois mil e treze (30/04/2013), às nove horas, na Sala de Aula 06 do Bloco da Pós-Graduação do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal da Paraíba, Campus I, tendo recebido o conceito **“APROVADO”**.

João Pessoa-PB, 10 de junho de 2013.



Prof. Dr. Bernardina M. J. F. de Oliveira
 Coordenadora PPGCI-UFPB
 Matr. SIAPE 3116045

Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação
 Centro de Ciências Sociais Aplicadas | Universidade Federal da Paraíba | Campus I
 João Pessoa – PB | CEP: 58.310-000 | (83) 3216-7483

ANEXO C – Parecer consubstanciado do CEP nº 346.359

HOSPITAL UNIVERSITÁRIO
LAURO WANDERLEY/UFPB

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: OS EGRESSOS DO PPGCI/UFPB: representações, perfil e trajetórias profissionais

Pesquisador: Edilson Targino de Melo Filho

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 17690713.3.0000.5183

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

Universidade Federal da Paraíba
Hospital Universitário Lauro Wanderley
Comitê de Ética em Pesquisa

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 346.359

Data da Relatoria: 18/06/2013

Apresentação do Projeto:

A PROPOSTA DE INVESTIGAÇÃO ABORDA A CONFIGURAÇÃO DA TRAJETÓRIA PROFISSIONAL DOS EGRESSOS DO PPGCI/UFPB FRENTE ÀS MUTAÇÕES OCORRIDAS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA E QUAIS AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS PRESENTE EM RELAÇÃO AO CURSO. VISA AINDA CONSTRUÇÃO DE ATRIBUTOS NECESSÁRIOS PARA O ENFRENTAMENTO E RESOLUÇÃO DOS DESAFIOS PROFISSIONAIS QUE SURGEM APÓS FORMAÇÃO ACADÊMICA, SOBRETUDO PORQUE OS PROFISSIONAIS EGRESSOS DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO PARTICIPAM DO DESENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE INFLUENCIANDO O PERFIL E O DESEMPENHO DE OUTROS PROFISSIONAIS.

O UNIVERSO DA PESQUISA É COMPOSTO PELOS EGRESSOS DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO DA UFPB.

O RECORTE EMPÍRICO SE DARÁ NOS ANOS DE 2007 A 2013, PERÍODO EM QUE O PPGCI/UFPB FOI RECRENCIADO PELA CAPES COM O MESTRADO ACADÊMICO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO.

PARA QUE O PRÉ-TESTE SEJA EFICAZ OS SUJEITOS SELECIONADOS PARA APLICAÇÃO SERÃO OS EGRESSOS DO PPGCI/ UFPB ANTERIOR AO PERÍODO DE RECORTE EMPÍRICO DA AMOSTRA DA PESQUISA. A SELEÇÃO DESSES SUJEITOS SE DARÁ TAMBÉM POR ACESSIBILIDADE, CONFORME DADOS FORNECIDOS PELA COORDENAÇÃO DO PPGCI/UFPB.

Endereço: HULW-4º andar - Campus I - UFPB

Bairro: Cidade Universitária

CEP: 58.059-900

UF: PB

Município:

Telefone: (833)216-7302

Fax: (833)216-7522

E-mail: iaponiracortez@yahoo.com.br; cephulw@hotmail.

Página 01 de 04

Iaponira Cortez Costa de Oliveira
Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa

HOSPITAL UNIVERSITÁRIO LAURO WANDERLEY/UFPB



Continuação do Parecer: 346.359

Objetivo da Pesquisa:

OBJETIVO GERAL: DESCREVER A TRAJETÓRIA PROFISSIONAL E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS EGRESSOS DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA EM RELAÇÃO AO CURSO.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS: A) TRAÇAR O PERFIL SÓCIO-ECONÔMICO E CULTURAL DOS EGRESSOS DO PPGCI/UFPB; B) (RE) CONSTRUIR A TRAJETÓRIA PROFISSIONAL DOS EGRESSOS DO PPGCI/UFPB; C) APREENDER AS REPRESENTAÇÕES DOS EGRESSOS DO PPGCI/UFPB EM RELAÇÃO AO CURSO/PROGRAMA E; D) IDENTIFICAR OS PRINCIPAIS MOTIVOS ELENCADOS PELOS EGRESSOS PARA CURSAREM A PÓS-GRADUAÇÃO NO PPGCI/UFPB.

Comitê de Ética em Pesquisa
Hospital Universitário Lauro Wanderley
Universidade Federal da Paraíba

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

APRESENTADO PELO PESQUISADOR

RISCOS: NÃO CONSEGUIR INFORMAÇÕES SUFICIENTES PARA A DESCRIÇÃO DAS TRAJETÓRIAS PROFISSIONAIS DOS EGRESSOS DO PPGCI/UFPB.

OS RISCOS DEVEM FAZER REFERENCIA QUANTO ÀS POSSÍVEIS IMPLICAÇÕES SOFRIDAS PELOS SUJEITOS ARROLADOS NA PESQUISA.

BENEFÍCIOS: OPORTUNIZA CONHECER O PERFIL DO EGRESSO DO PPGCI/UFPB, POSSIBILITANDO ATUAÇÃO NA FORMAÇÃO ACADÊMICA DOS PÓS-GRADUANDO.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O PROJETO APRESENTA-SE BEM ESTRUTURADO, CONTEMPLANDO DE FORMA FIDEDIGNA O REFERENCIAL TEÓRICO ATUALIZADO E PERTINENTE À TEMÁTICA. A PROPOSTA DE PESQUISA CONTRIBUIRÁ PARA A CONSTRUÇÃO DE BASES TEÓRICAS PARA DESENVOLVIMENTO DAS HABILIDADES E COMPETÊNCIAS, REQUERIDAS AO LONGO DA CARREIRA PROFISSIONAL. CONTUDO, ESTE ESTUDO É PERTINENTE PARA O CAMPO DA CI, POIS POSSIBILITARÁ UM APROFUNDAMENTO ACERCA DA RELAÇÃO DOS EGRESSOS COM A FORMAÇÃO ACADÊMICA EM NÍVEL DE PÓS-GRADUAÇÃO.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

TODOS OS TERMOS APRESENTADOS.

Recomendações:

IDENTIFICAR NO PROJETO DE PESQUISA A POTENCIALIDADE, MESMO QUE MÍNIMA, DOS RISCOS INERENTE À PESQUISA FRENTE OS SUJEITOS ARROLADOS NA MESMA.

Endereço: HULW-4º andar - Campus I - UFPB

Bairro: Cidade Universitária

CEP: 58.059-900


UF: PB

Município:

Telefone: (833)216-7302

Fax: (833)216-7522

E-mail: iaponiracortez@yahoo.com.br; cephulw@hotmail.


Iaponira Cortez Costa de Oliveira
Coordenadora de Comitê de Ética em Pesquisa

Página 02 de 04

HOSPITAL UNIVERSITÁRIO LAURO WANDERLEY/UFPB



Continuação do Parecer: 346.359

ALTERAR OS DADOS DE CONTATO DO CEP, HAJA VISTA TER SUBMETIDO ESTE PROJETO AO CEP DO HULW E POR ESTE TER SIDO APRECIADO. OS DADOS CONSTANTES NO TCLE REFEREM-SE AO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DO CCS/UFPB.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Incluir o endereço do CEP-HULW, uma vez que ao aprovar uma pesquisa o Comitê torna-se corresponsável pela mesma no que se refere aos seus aspectos éticos.

Endereço: Hospital Universitário Lauro Wanderley - HULW - 4º andar. Campus I - Cidade Universitária - Bairro Castelo Branco - CEP: 58059-900 - João Pessoa-PB - FAX (083) 32167522 CNPJ: 24098477/007-05 - Telefone: (083) 3216-7964 - E-mail: comitedeetica@hulw.ufpb.br

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

Protocolo de pesquisa APROVADO pelo Comitê de Ética em Pesquisas em Seres Humanos do Hospital Universitário Lauro Wanderley-CEP-HULW.

Informamos que qualquer alteração no projeto, dificuldades, assim como os eventos adversos deverão ser comunicados a este Comitê de Ética em Pesquisa através do Pesquisador responsável uma vez que, após aprovação da pesquisa o CEP-HULW torna-se corresponsável pelo desenvolvimento da mesma.


O(A) pesquisador(a) responsável fica, desde já, notificado(a) da obrigatoriedade de no término da pesquisa enviar o Relatório Final ao Comitê de Ética-CEP/HULW através da Plataforma Brasil (online).


Iaponira Cortez Costa de Oliveira
Coordenadora do Comitê de Ética
em Pesquisa - CEP

Comitê de Ética em Pesquisa
Hospital Universitário Lauro Wanderley
Universidade Federal da Paraíba

Endereço: HULW-4º andar - Campus I - UFPB
Bairro: Cidade Universitária CEP: 58.059-900
UF: PB Município:
Telefone: (833)216-7302 Fax: (833)216-7522 E-mail: iaponiracortez@yahoo.com.br; cephulw@hotmail.

Página 03 de 04


Iaponira Cortez Costa de Oliveira
Coordenadora do Comitê de Ética
em Pesquisa

HOSPITAL UNIVERSITÁRIO
LAURO WANDERLEY/UFPB



Continuação do Parecer: 346.359

01 de Agosto de 2013

Assinador por:
Iaponira Cortez Costa de Oliveira
(Coordenador)

Comitê de Ética em Pesquisa
Hospital Universitário Lauro Wanderley
Universidade Federal da Paraíba

Iaponira Cortez Costa de Oliveira
Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa - CEPHULW

Endereço: HULW-4º andar - Campus I - UFPB

Bairro: Cidade Universitária

CEP: 58.059-900

UF: PB

Município:

Telefone: (833)216-7302

Fax: (833)216-7522

E-mail: iaponiracortez@yahoo.com.br; cephulw@hotmail.

